



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

MARIA ISABEL BRÁS AGUIAR

A Educação é uma questão do coração.

Uma reflexão pedagógico-didática sobre as Unidades letivas do 6.º ano: “*Jesus um Homem para os outros*” e “*A Partilha do Pão*”, à luz do “*Sistema Preventivo*” de Dom Bosco.

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada

sob orientação de:

Mestre Juan Francisco Garcia Ambrósio

Professor Doutor Jerónimo dos Santos Trigo

Lisboa
2019

AGRADECIMENTOS

Do fundo do meu coração, agradeço a todas as pessoas que me apoiaram e acompanharam neste meu processo de ensino-aprendizagem.

Que Deus os abençoe, lhes dê saúde e recompense.

Quando li o livro *Educar para uma Esperança Ativa*, de Jorge Mario Bergoglio, interiorizei esta oração, que convosco partilho:

*Senhor,
concede-me a graça de lutar,
não tanto para ser chamado professor
mas para o ser;
não tanto para falar de ti
mas para te revelar;
não tanto para me referir ao amor
e ao serviço humano,
mas para possuir o espírito
do amor e do serviço;
não tanto para me referir
aos ideais de Jesus
mas para os revelar em cada ato do meu ensino.*

Wallace Grant Fisk¹

¹ Citado em: J. BERGOGLIO, *Educar para uma Esperança Ativa*, Paulinas, Lisboa, 2015, 42.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I – A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA	10
1. Enquadramento da prática do ensino-aprendizagem	11
<i>1.1. Caracterização da Escola</i>	<i>12</i>
<i>1.1.1. Salesianos de Manique, uma Instituição com história</i>	<i>12</i>
<i>1.1.2. Salesianos de Manique, uma Instituição com carisma</i>	<i>13</i>
<i>1.1.3. Caracterização do meio social dos Salesianos de Manique</i>	<i>17</i>
<i>1.2. Caracterização da Turma</i>	<i>18</i>
2. Transversalidade e relevância pedagógica da UL2 “Jesus um Homem para os outros”.	23
<i>2.1. Didactologia da UL2 “Jesus um Homem para os outros”</i>	<i>24</i>
<i>2.2. Planificação de nível III</i>	<i>29</i>
3. Prática letiva em sala de aula	31
<i>3.1. Lecionação das aulas</i>	<i>32</i>
<i>3.1.1. Aula n.º1 – Apresentação da UL2 “Jesus um Homem para os outros”:</i>	
<i>O que já sei sobre Jesus.....</i>	<i>33</i>
<i>3.1.2. Aula n.º2 – A importância de Jesus na história da Humanidade:</i>	
<i>Leitura e interpretação de um texto.....</i>	<i>36</i>
<i>3.1.3. Aula n.º3 – O Deus misericordioso anunciado por Jesus:</i>	
<i>Visualização de vídeo.....</i>	<i>40</i>
<i>3.1.4. Aula n.º4 – Os ensinamentos de Jesus: trabalho de grupo.</i>	<i>41</i>
<i>3.2. Considerações finais da UL2 “Jesus um Homem para os outros”.....</i>	<i>48</i>
4. Transversalidade e relevância pedagógica da UL3 “A Partilha do Pão”.....	49

4.1. Didactologia da UL3 “A Partilha do Pão”	50
4.2. Planificação de nível III.....	56
4.3. Lecionação da UL3 “A partilha do Pão”	58
4.3.1. Aula n.º1 – A alimentação e a sua expressão cultural:	
Interpretação de imagens e vídeo.....	58
4.3.2. Aula n.º2 – Significado Simbólico-Religioso dos alimentos:	
Elaboração de cartaz.....	61
4.3.3. Aula n.º3 – A produção e o comércio dos alimentos:	
Debate sobre o vídeo.....	63
4.3.4. Aula n.º4 – A fome e a injusta distribuição dos bens:	
Plenário sobre as causas da fome.....	65
4.3.5. Aula n.º5 – Solidariedade e voluntariado:	
Sopa de letras e construção de frase.....	68
4.4. Considerações finais da UL3 “A Partilha do Pão”	71
CAPÍTULO II – DOM BOSCO, O TEMPO, A PESSOA, A OBRA.....	73
1. A época de Dom Bosco.....	73
1.1. A ideia «Preventiva»: uma inquietação dos princípios do Séc. XIX.....	75
1.2. A Religião como meio de prevenção.....	78
2. A Pessoa de Dom Bosco.....	80
2.1. A formação pedagógica de Bom Bosco.....	82
2.2. Aprendendo a ser sacerdote.....	86
2.3. A opção fundamental pelos jovens.....	88
2.4. O coração e o estilo de Dom Bosco.....	92

3. As suas obras.....	93
<i>3.1. Dom Bosco, educador e empreendedor.....</i>	<i>95</i>
<i>3.2. Bons cristãos e honestos cidadãos.....</i>	<i>98</i>
<i>3.3. Razão, Religião e amabilidade.....</i>	<i>101</i>
<i>3.4. O sistema preventivo na educação da juventude.....</i>	<i>102</i>
4. Considerações finais.....	104
CAPÍTULO III – A EDUCAÇÃO É UMA QUESTÃO DO CORAÇÃO.....	107
1. Viver o presente, aprendendo com o passado.....	108
2. O significado da palavra «Coração» na cultura bíblica.....	110
<i>2.1. O significado do «coração» no Antigo Testamento.....</i>	<i>111</i>
<i>2.2. O significado do «coração» no Novo Testamento.....</i>	<i>112</i>
<i>2.3. De um coração novo, nasce a paz e a subsidiariedade.....</i>	<i>115</i>
3. O Sistema preventivo faz sentido hoje?.....	115
<i>3.1. A religião como sustentáculo do sistema preventivo.....</i>	<i>118</i>
<i>3.2. A lei e o coração.....</i>	<i>120</i>
<i>3.3. Os ensinamentos de Jesus.....</i>	<i>121</i>
4. O contributo da EMRC como proposta preventiva.....	125
<i>4.1. Protagonistas de uma solidariedade ativa.....</i>	<i>127</i>
<i>4.2. Proposta de atividade educativa e solidária.....</i>	<i>129</i>
CONCLUSÃO.....	132
BIBLIOGRAFIA.....	135

RESUMO

O presente Relatório conclui a Prática de Ensino Supervisionada (PES), realizada nos Salesianos de Manique – Escola, no âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas. Coloca em destaque a Instituição Salesiana e o sistema educacional herdado pelo seu fundador Dom Bosco, que pretendia formar “bons cristãos e honestos cidadãos”, tendo como objetivo, “salvar almas para Deus”, e simultaneamente, contribuir de forma efetiva, para a regeneração da sociedade em que vivia.

Através do seu “Sistema Preventivo”, podemos resumir a sua pedagogia educacional, na simples afirmação: “*A educação é uma questão do coração*”². Esta expressão, em pleno século XXI, merece uma profunda reflexão: Como educar e instruir os jovens de hoje, que serão os adultos do amanhã? Que pedagogias devemos utilizar, nesta sociedade global, que se torna cada vez mais tecnológica, pluralista, multicultural e, ao mesmo tempo, continua a mostrar traços humanos de egoísmo, indiferença, incompreensão, intolerância, desordem e desunião? Desde o séc. XIX, temos vindo a evoluir ao nível da ciência e da tecnologia, mas podemos afirmar que evoluímos ao nível das relações humanas?

A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) enquadra-se nos valores expostos por Dom Bosco, e oferece através dos seus conteúdos, um contributo válido e importante, no desenvolvimento integral do processo de ensino-aprendizagem dos alunos. A EMRC ao instruir e educar transmite os valores do Evangelho aos educandos, participando ativamente e construtivamente na missão da comunidade educativa. Dentro da perspetiva cristã, labora as competências humanas na pessoa do aluno; através da dimensão espiritual, desenvolve a inteligência e a criatividade, ao mesmo tempo que instiga nos alunos, o sentido crítico/reflexivo sobre problemas sociais básicos e concretos das sociedades do nosso século.

Palavras – Chaves:

Amabilidade; Amor; Bondade; Caridade; Coração; Escola; Educação; EMRC; Esperança; Dom Bosco; Instrução; Razão; Religião; Sistema Preventivo; Solidariedade.

² A citação em causa pode-se encontrar em G. BOSCO, *Dei castighi da infliggersi nelle casa salesiane*, in P. BRAIDO, *Don Bosco educatore. Scritti e testimonianze*, LAS, Roma, 1992, 340.

ABSTRACT

This current report concludes the **PES** “Supervised Teaching Practice” held in *Salesians de Manique School*, as part of the Masters in Religious Sciences. It focuses on the Salesian Institution and on the Educational System inherited from its founder, Dom Bosco, whose aim was to form “good Christians and honest citizens”. His objective was “to save souls for God” as well as to help regenerate the society in which he lived.

Through his “Preventive System”, we can summarize your educational pedagogy, with just a simple statement:” Education is a matter of Feelings”³. Such words, uttered in the 21st century, are worth reflecting upon. How to educate and instruct today’s youth, who will be the adults of tomorrow? Which theories and thoughts should we adopt, in this global society, which is becoming more and more technological, pluralist and multicultural on one hand, but full of selfishness, indifference, intolerance, disorder, and understanding, on the other? Since the 19th century, great developments in science and technology have occurred. However, can we say the same as far as human relations are concerned?

The school subject of **EMRC** – *Moral Religious Catholic Education*, fits the moral values of D. Bosco’s principles. Through its teaching syllabus, they offer a valid and important contribution to the Comprehensive Learning Process of the students. During the teaching and educating process, The **EMRC** principles transmit the values of the Gospel, actively and positively participating in the mission of the teaching community. Through the Christians perspective, these principles work on the human abilities and skills of each student; through the spiritual dimension, they develop the intelligence and creativity. They also help them to be more critical and reflexive about the basic and real social issues of our century.

KEY WORDS:

Kindness; Love; Goodness; Charity; Heart/Feelings; School; Education; EMRC; Hope; D. Bosco; Learning; Reason; Religion; *Preventive System*; Solidarity.

³ Quoting G. BOSCO, *Dei castighi da infliggersi nelle casa salesians*, in P. BRAIDO, *Don Bosco educatore. Scritti e testimonianze*, LAS, Roma, 1992, 340.

INTRODUÇÃO

A escola do séc. XXI vive desafios que nascem de uma comunidade educativa cada vez mais exigente e de um contexto social multicultural em permanente mudança. Os desafios impostos às escolas nas sociedades em constante mutação apresentam-se eminentes; pretende-se que sejam capazes de desenvolver nos estudantes competências para participar e interagir num mundo global, altamente competitivo que valoriza o ser-se flexível, criativo, apto para encontrar soluções inovadoras para os problemas do amanhã, ou seja, a capacidade de compreendermos que a aprendizagem não é um processo estático mas algo que deve acontecer ao longo de toda a vida⁴.

Sendo a escola um lugar de educação e toda a pessoa tem direito a ela, a sociedade deve oferecer-lhe as condições necessárias, a fim de que, a escola possa exercer a sua função no quadro das liberdades proclamadas na nossa Constituição⁵, que supõe: a liberdade de criação e direção de centros educativos; a liberdade de escolha da escola por parte das famílias; a liberdade no desempenho da função docente, no quadro das características de cada escola; o direito a receber uma formação religiosa e moral que esteja em consonância com as próprias condições; o direito à participação dos diferentes membros da comunidade educativa na orientação e gestão das escolas; e o direito à gratuidade que garante o acesso de todos à educação. Assim sendo, torna-se evidente, que sendo a escola um espaço aberto a todos é de máxima relevância respeitar a identidade de cada um, porque a educação está intimamente ligada ao processo de humanização.

⁴ Cf. C. COUTINHO; E. LISBÔA, *Sociedade da Informação, do Conhecimento e da Aprendizagem: Desafios para a Educação do Século XXI*, Revista de Educação, Vol. XVIII, n.º 1, 2011, 5.

⁵ Cf. Artigos: 13.º; 26.º; 41.º; 43.º; 73.º; 74.º; 75.º; 77.º.

Na sociedade hodierna, cabe também à escola: promover o pleno desenvolvimento da personalidade dos alunos; alicerçar a formação no respeito dos direitos e liberdades fundamentais da pessoa; estimular para uma aquisição de hábitos intelectuais e técnicas de trabalho; promover o desenvolvimento de atitudes que favoreçam a participação na vida social e cultural; projetar a habilitação para o exercício de atividades profissionais; desenvolver a formação para o respeito pela pluralidade linguística, cultural e religiosa da nossa sociedade; e ainda, amplificar a disposição para se comprometer pessoal e solidariamente na construção de uma sociedade mais humana e mais equitativa, tendo sempre como objetivo o bem comum⁶.

Também a escola católica e neste caso concreto, os Salesianos de Manique- Escola, que me acolheu neste meu percurso formativo, colabora com a sociedade na promoção e desenvolvimento integral das pessoas a partir da mensagem e dos valores do Evangelho. Através da sua associação educativa, promove a formação integral dos alunos de acordo com a conceção cristã da pessoa, da vida e do mundo, propondo uma síntese entre cultura, fé e vida. Ministra o Ensino Religioso escolar com programas académicos adequados no seu conteúdo e qualidade, colaborando com outras forças sociais comprometidas na construção da sociedade.

Dentro deste paradigma, como “docente estagiária” no colégio, senti a vontade de conhecer e aprofundar a pedagogia educacional do seu fundador Dom Bosco, que ficou conhecida como “Sistema Preventivo”. À luz desta pedagogia preventiva, e resultado da observação direta, enceto a minha reflexão, sobre a importância das Unidades Letivas “*Jesus um Homem para os outros*” e a “*Partilha do Pão*”, no desenvolvimento integral e formativo dos educandos, na construção plena e harmoniosa da sua personalidade.

⁶ Cf. <http://www.manique.salesianos.pt/escola/proposta-educativa/a-escola-lugar-de-educa%C3%A7%C3%A3o>

A minha primeira reflexão incide sobre a Instituição - Escola, as unidades referenciadas, os domínios, as metas, os objetivos, e conteúdos subjacentes, propostos no Programa de Educação Moral e Religiosa Católica (2014)⁷, referentes ao 6.º ano de escolaridade, assim como, a própria prática letiva desenvolvida em contexto de sala de aula no decorrer da PES, nos Salesianos de Manique – Escola.

O segundo capítulo é dedicado a Dom Bosco, descrevo uma pequena narrativa histórica sobre o tempo em que viveu, a sua pessoa, que se interliga com a sua obra, fazendo uma pequena expedição, afim de, permitir entender a base do seu sistema educacional a que chamou “Sistema Preventivo”, que perdura até aos dias de hoje, nas escolas salesianas. Esta sua pedagogia assente na “razão, religião e amabilidade”, procura “iluminar a mente para tornar bom o coração”, de forma a contribuir para a formação de “bons cristãos e honestos cidadãos”, porque, segundo ele, os jovens não são por si de índole perversa, e como tal, a atuação de qualquer educador (pais, professores...) é a chave fundamental de todo o seu sistema educativo.

No terceiro capítulo, procuro fundamentar a convicta afirmação de Dom Bosco quanto à educação, proferindo que *“a educação é uma questão do coração”*, onde impera os afetos, o carinho, a bondade e o amor, na relação com os outros. Dom Bosco seguiu o caminho oferecido por Jesus, e tal como Ele também Dom Bosco foi um homem para os outros. O pão recebido, como o “pão nosso de cada dia” era repartido e partilhado com os seus jovens rapazes, não só para os ajudar a saciar a fome, mas, sobretudo, lhes devolver a dignidade devida. Neste sentido e à luz da sua pedagogia, procuro justificar a inserção da EMRC no currículo académico dos alunos, como uma proposta preventiva, que contribui para a missão educativa, na promoção e formação de *«cidadãos livres, responsáveis, honestos e solidários»*.

⁷ SNEC, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Fundação SNEC, Moscavide, 2014, 66-69.

CAPITULO I – A PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

A Prática de Ensino Supervisionada (PES) constitui-se uma etapa importante e fundamental no percurso curricular e formativo de um professor de EMRC. Esta prática consiste numa experiência empírica que permite alicerçar e desenvolver competências de natureza científica e pedagógica, promovendo a criatividade e a reflexão crítica, a abertura à pesquisa e inovação, a autonomia e o espírito colaborativo, incitando novas formas de carácter metodológico, permitindo ao formando evoluir as suas competências de ensino-aprendizagem, ou seja, preparar-nos para a realidade da docência.

Torna-se evidente no decorrer deste percurso de ensino-aprendizagem, a contribuição ativa e efetiva dos professores orientadores e do professor cooperante da instituição onde discorre a PES. O seu papel é fundamental, no sentido de incentivar o formando a ultrapassar barreiras e dificuldades, mostrando que é possível colocar a cultura científica em estado de mobilidade permanente, substituir o saber fechado e estático por um conhecimento aberto e dinâmico, afim de, oferecer à razão, razões para evoluir.

A minha formação (PES) teve lugar nos Salesianos de Manique-Escola, no ano letivo de 2017/2018 com uma turma do 6.º ano de escolaridade. Na reunião inicial do núcleo de estágio com o professor cooperante, foi-me atribuída as primeiras quatro aulas da Unidade Letiva (UL) “*Jesus um Homem para os outros*”, a lecionar no início do 2.º período, mais as cinco primeiras aulas da UL3 “*A Partilha do Pão*”, a lecionar no 3.º período. No primeiro período

assisti às aulas da UL1 “*A Pessoa Humana*”, lecionadas pelo meu colega, par pedagógico. O Programa de EMRC para o 6.º ano só contempla estas três Unidades Letivas.

Ao entrar no recinto dos Salesianos de Manique – Escola, chamou-me à atenção uma frase bem visível na parede de um edifício: “*Não temas! Estou contigo*”⁸.

Uma mensagem evangélica acolhedora, encantadora e fortificante para quem vai iniciar um percurso formativo na escola católica⁹.

1. Enquadramento da prática do ensino-aprendizagem.

Nesta sociedade multicultural e pluralista cada escola representa um universo escolar com características próprias, atendendo ao nível socioeconómico dos seus alunos e representantes. O professor terá que ter presente essa realidade, quer ao nível da comunidade escolar quer ao nível do contexto de sala de aula, até porque:

“a aprendizagem é uma atividade social e cultural na qual os alunos constroem significados, que são influenciados pela interação entre o conhecimento previamente adquirido e as novas experiências de aprendizagem”¹⁰.

Concomitantemente,

“a gestão da sala de aula, dada a complexidade do terreno onde se move, é pois, uma *praxis* que envolve conhecimentos e competências técnicas, tecnologias diversas, mas também *cuidados*, e modos de ser e de pensar de cada um dos intervenientes, em contexto sala de aula”¹¹.

⁸ ESM, *Plano de Atividades*, tema para o Ano letivo 2017/2018.

⁹ A minha experiência na área da docência teve início num colégio privado laico e seguidamente em escolas públicas. O estágio permitiu conhecer melhor a escola católica.

¹⁰ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, McGraw-Hill, Lisboa, 2008, 12.

¹¹ J. AMADO; I. FREIRE, *A Gestão da Sala de Aula*, in *Psicologia da Educação*, Relógio D'Água, Lisboa, 2015, 311.

1.1. Caracterização da Escola

1.1.1. Salesianos de Manique, uma Instituição com história.

No ano de 1952 o Padre Valentini recebe das mãos de uma grande benfeitora Dona Maria Carolina de Sousa Lara, a escritura de uma quinta em Manique concelho de Cascais. Agradecendo a dádiva, e seguindo o Espírito empreendedor e evangelizador do Santo Dom Bosco¹², concebe o projeto para uma nova Instituição Salesiana. No ano seguinte, a 27 de setembro de 1953, deu-se o discurso inaugural do primeiro edifício, proferido pelo Padre Agenor Pontes, Provincial dos Salesianos. A Instituição inicialmente albergava salesianos em formação filosófica e continha diversas atividades, nomeadamente: a assistência religiosa às localidades vizinhas, o oratório festivo ou centro juvenil, aulas noturnas para adultos e a catequese¹³. Na década seguinte surgiram novos edifícios e na década de setenta, teve início a Tele-Escola com uma turma do atual 5.º ano de escolaridade, continuando as aulas noturnas para adultos, respeitantes ao atual 1.º ciclo. Em novembro de 1980 o Ministério da Educação concebe uma autorização provisória para o funcionamento de um estabelecimento de ensino particular de ambos os sexos, em coeducação, e teve início a Escola Salesiana de Manique (ESM).

A comunidade escolar foi crescendo quanto ao número de alunos inscritos e quanto às estruturas educacionais até aos dias de hoje. Notáveis personalidades eclesiais e estatais visitaram a Escola ao longo dos anos, nomeadamente, o Cardeal Patriarca de Lisboa, Dom António Ribeiro e o primeiro-ministro Professor Doutor Aníbal Cavaco Silva, aquando da inauguração (anos 90) de um novo edifício de aulas; refeitório, cozinha e apoios; um pavilhão

¹² Dom João Bosco (1815-1888). Fundador das Instituições Salesianas, falarei dele de forma mais detalhada no capítulo II dedicado à sua pessoa, pedagogia e obras.

¹³ Cf. <http://www.manique.salesianos.pt/comunidade-salesiana/hist%C3%B3ria/pastadecadas/1952-a-funda%C3%A7%C3%A3o>

gimnodesportivo e campos de jogos e recreios escolares. Entre outras visitas eclesiais destaca-se no ano 2000 a visita do Bispo D. Carlos Ximenes Belo, prémio Nobel da Paz.

1.1.2. Salesianos de Manique, uma Instituição com carisma.

Podemos considerar os Salesianos de Manique – Escola, como um lugar privilegiado de educação integral da pessoa em consonância com a visão humana e cristã da vida. A ESM identifica-se como uma:

“escola particular, com regime misto, onde coexiste o contrato de associação com o Ministério da Educação e o contrato simples (lecionação paga), na proposta educativa que acolhe alunos que frequentam o 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico e o Ensino Secundário”¹⁴.

Sendo uma escola aberta, popular e inclusiva “educa evangelizando e evangeliza educando, isto é, harmoniza o desenvolvimento humano com o crescimento cristão, constituindo um espaço privilegiado de educação e evangelização dos jovens”¹⁵. Colabora com diversas instituições da sua área geográfica, colocando à disposição os seus espaços e recursos, promovendo uma cultura de solidariedade, dando ênfase à dignidade da pessoa humana¹⁶.

O Projeto Educativo da Escola (PEE) encontra-se dentro dos parâmetros estabelecidos pelos currículos nacionais, valorizando a integração dos diversos parceiros da escola, dos recursos e a sua articulação com o meio envolvente. O PEE é elaborado pela Comunidade Educativa Salesiana e submetido à aprovação do Conselho Pedagógico e Entidade Titular. Nele podemos encontrar a identidade da ESM, que se apresenta no ideário Salesiano, na missão, nos princípios, nos valores e atitudes, na caracterização física e demográfica. A sua

¹⁴ ESM, *Projeto Educativo de Escola*, 2010-2014, em vigor no ano 2017/2018.

¹⁵ *Ibidem*, 4.

¹⁶ Desde os finais da década de setenta que visitei algumas vezes o espaço escolar, inicialmente como catecúmena e depois como catequista. As visitas enquadravam-se nas atividades de final de ano da catequese, da Paróquia de São Domingos de Rana. Realço nas visitas, o afável acolhimento por parte dos Padres Salesianos e os diálogos tidos de teor evangélico.

principal linha de ação manifesta-se na promoção integral da pessoa, onde se procura o crescimento e o amadurecimento de cada aluno em todas as suas dimensões, através de uma educação que se caracteriza pelo espírito de família, pelo clima de alegria, pelo sentido de festa e pela participação criativa, utilizando o ambiente educativo, como veículo e proposta de valores¹⁷.

Encalçando o inspirador método educativo de Dom Bosco, também designado por Sistema Preventivo, a ESM valoriza a “personalização” das relações educativas mediante a presença dos educadores no meio dos alunos, a sua participação na vida dos jovens e a sua disponibilidade para estar com eles¹⁸. Podemos definir este “*estar com*” como meio de proximidade, que identifica o humanismo cristão, ou seja, entrar na “*periferia*” do outro, utilizando o vocábulo do Papa Francisco, que se traduz em saber escutar, compreender, partilhar angústias, tristezas e alegrias. A palavra humanizadora educa e encoraja a ultrapassar as dificuldades do cotidiano, só assim é possível, formar “*bons cristãos e honestos cidadãos*” utilizando a expressão de Dom Bosco.

A festa da “*Santidade Juvenil*” com o tema “*Não temas! Estou Contigo*”, que se realizou no dia 25 de outubro de 2017, foi o momento perfeito para “*estar com*” os alunos da turma do 6.º ano que nos foi atribuída. O evento contou com a participação de toda a comunidade escolar e deu início com o discurso do professor Augusto Salvador (diretor pedagógico) lembrando todos os antigos alunos e alunas:

“Celebrar a festa da santidade juvenil é trazer à memória antigos alunos e alunas admiráveis, pela sua originalidade na relação encantadora com os outros, na defesa de convicções e valores, na dedicação heroica aos outros, na capacidade de sair do seu conforto, arregaçando as mangas e por vezes, sujando-se na lama, para acudir quem está em dificuldades, na tristeza, no abandono...”.

¹⁷ Cf. ESM, *Projeto Educativo de Escola*, 2010-2014.

¹⁸ Cf. *Ibidem*.

O trazer à “*memória*” dá continuidade à missão, valorando a evidência de que todos somos importantes e nunca estamos sós. O fato de estar com os alunos foi muito importante, não só porque participámos nas dinâmicas propostas, cantámos e dançamos juntos, mas porque interagimos em ambiente festivo, permitindo conhecermo-nos um pouco melhor, sobressaindo os dons de cada um, fora do contexto de sala de aula. Este clima de festa vem ao encontro do que muitos autores defendem:

“ Que a escola dos dias de hoje necessita centrar os seus modelos de ensino/aprendizagem e de organização, em processos que possibilitem dar resposta aos desafios da atualidade, através da promoção de práticas que desencadeiem situações de verdadeira aprendizagem, às quais os alunos atribuam significado, desenvolvam competências, minimizando as resistências geradoras de conflitos que condicionam o processo de ensino/aprendizagem”¹⁹.

Partindo deste contexto a ESM também educa para o êxito académico, e fiel às orientações das escolas salesianas e à legislação em vigor, integra uma proposta de educação diversificada com qualidade, laborando o caminho da excelência, promovendo em simultâneo um processo de humanização, validando o crescimento integral dos destinatários, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Este desafio está claramente em acordo com os princípios da ação Educativa Salesiana, que se fundamenta nos seguintes critérios: norteia a sua ação na centralidade do aluno, através de um ambiente educativo marcado pelo espírito de família e pela proximidade educativa da parte dos educadores, dentro e fora de aula, evitando assim, ressonâncias negativas; através da corresponsabilidade e participação, mobiliza de forma responsável, todos os elementos que compõem a comunidade educativa, favorecendo a solidariedade e o princípio da subsidiariedade; empregam a norma preventiva, suprimindo situações ou hábitos negativos, criando uma cultura que estimule, desenvolva e sustente o gosto pelo bem; o princípio da

¹⁹ Cf. *Ibidem*, 5.

igualdade favorece a inclusão, não discriminando o outro na sua diferença; e por fim, o princípio da qualidade do ensino e das aprendizagens, promovendo aprendizagens significativas²⁰.

Todos estes princípios assentes no Sistema Preventivo de Dom Bosco, tendo como alicerces a “razão, religião e amabilidade” confluem em simultâneo para o desenvolvimento integral de cada aluno e de todos eles. Voltarei a este trinómio no II e III capítulo.

Os princípios propostos pelo Projeto Educativo coincidem com a principal finalidade do ensino apresentada por Richard Arends: “ajudar os alunos a tornarem-se independentes e autorregulados”²¹. Esta finalidade assenta em duas premissas: a primeira evidencia que o conhecimento deve ser construído ativamente através de experiências sociais e pessoais; a segunda refere-se ao fato, de que, a coisa mais importante que todos os alunos devem aprender é *como aprender*²². O *como aprender* garante o sucesso futuro dos alunos.

Esta comunhão de princípios pode ser sublinhada através da promoção de “valores e atitudes, que privilegiam a construção da dignidade individual e do respeito pelo social”²³. Promove-se os valores da confiança; alegria; liberdade; tolerância; cidadania, verdade; justiça; trabalho; paz; cooperação e solidariedade.

A promoção de valores anda de mãos dadas com as atitudes promovidas, onde se salienta: o escutar os outros; autoestima; sentido de humor; o otimismo e esperança; a autonomia; responsabilidade; respeito pelos outros; aceitar a diferença; cumprimento das regras; disciplina; participação ativa na sociedade; definição de objetivos; motivação; cumprimento do dever; perdoar; o companheirismo e a amizade; o diálogo, a partilha e o dar-se no sentido da disponibilidade para “*estar com o outro*”.

²⁰ Cf. *Ibidem*, 6.

²¹ Cf. R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 17.

²² Cf. *Ibidem*, 17.

²³ ESM, *Projeto Educativo de Escola*, 2010-2014, 7.

Outra marca da educação salesiana, segundo a pedagogia educativa de D. Bosco, relaciona-se com a certeza que ele tinha, de que “*a educação é uma questão de coração*”, onde o coração, os afetos e o amor ao próximo, são a máxima e bússola de todo o processo de ensino-aprendizagem. Dom Bosco amou ao infinito cada jovem, especialmente os mais pobres e marginalizados, porque o verdadeiro

“ amor é paciente, é prestável, não é invejoso, não é arrogante nem orgulhoso, nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita nem guarda ressentimento. Não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (*1 Cor 13, 4-7*).

É este amor verdadeiro, traduzido em caridade, que renova o coração humano e transforma a vida de cada uma das pessoas, acrescenta sabedoria e valor ao educando e ao educador. Esta simbiose permite um caminhar juntos no processo de desenvolvimento e crescimento pessoal, movidos pela razão, pela fé e esperança, colaboram na construção de um mundo mais fraterno. Veremos no II capítulo como a caridade é a base da pedagogia preventiva de Dom Bosco.

1.1.3. Caracterização do meio social dos Salesianos de Manique.

O plano de desenvolvimento curricular dos Salesianos de Manique-Escola²⁴, e o projeto educativo referem o meio geográfico em que a escola se encontra inserida: situada na periferia da aldeia de Manique de Baixo, freguesia de Alcabideche, Concelho de Cascais, incorpora um contexto territorial de grande diversidade social e cultural.

Os alunos inscritos na ESM são provenientes de diversos meios sociais quer de famílias que vivem em bairros de realojamento, provenientes dos PALOP e outras nacionalidades,

²⁴ O Plano de Desenvolvimento Curricular dos Salesianos de Manique-Escola dá corpo ao PEE.

com tudo que lhes é característico: problemas de desemprego, de pobreza e marginalidade; quer de famílias que habitam em condomínios de luxo e moradias de classes socioeconómicas médio-alto. Mediante a observação em tempo de PES, pode constatar que a população escolar forma um corpo bastante heterogéneo, originário destas distintas realidades familiares.

Diante destes paradigmas socioeconómicos e culturais, constata-se que habita na ESM o que Richard Arends chama de “sociedade multicultural”²⁵. Perante esta realidade salienta-se uma das atitudes da ESM, baseada no desenvolvimento de atividades e ações que permeiam a criação de uma “escola-comunidade”, envolvendo os alunos, os pais e os educadores, em clima de família²⁶. Esta envolvência que envolve todos enquadra-se no dizer de Richard Arends quando menciona que “são necessárias ações a nível escolar, para tornarem o ensino mais recetivo a alunos com origens diferentes ou necessidades especiais”²⁷.

Esta comunhão de alunos provenientes de meios sociais e culturais diferentes permite um aprender a viver juntos, formando uma escola aberta, popular e inclusiva, que acolhe, integra, aprende e ensina a construir um humanismo solidário²⁸.

1.2. Caracterização da Turma

A caracterização da turma constitui-se um instrumento pedagógico importante no processo ensino-aprendizagem, no sentido em que, disponibiliza elementos necessários à adequação das estratégias pedagógicas a aplicar, em contexto de sala de aula, concretamente ao grupo turma específico a que se destinam.

²⁵ R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 8.

²⁶ Cf. ESM, *Projeto Educativo de Escola*, 2010-2014. 8. No III capítulo falarei da participação ativa dos pais em ações contributivas na comunidade escolar.

²⁷ Cf. R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 81.

²⁸ Cf. Afirmação preferida por Maria do Rosário Carneiro, na 1.^a *Jornada de Escolas Católicas*, 2017

[Http://www.educris.com/v3/escolas-catolicas/7469-direto-uma-escola-catolica-aberta-a-todos---desafios-e-novos-caminhos](http://www.educris.com/v3/escolas-catolicas/7469-direto-uma-escola-catolica-aberta-a-todos---desafios-e-novos-caminhos).

Os dados recolhidos em tempo de PES, foram facultados pelo Diretor de Turma do grupo-turma do 6.º ano que nos foi atribuído, assim como, informação de cada aluno individualmente, possibilitando a adequação das estratégias a aplicar tanto a nível coletivo como individual. A adequação das estratégias ao nível individual permite uma ação pedagógica personalizada em linha com as recomendações atuais para o processo ensino-aprendizagem: “Um dos mais importantes desafios [...] enquanto professor é o de compreender a diversidade dentro do grupo de alunos e perceber como estes aprendem”²⁹.

No meu caso específico (turma de 6.º ano em contrato de associação), estou perante um grupo-turma composto por vinte e nove alunos, dos quais quinze são rapazes e catorze são raparigas. Dois dos alunos estão abrangidos pelo DL n.º 3/2008, de 7 de janeiro, beneficiando das medidas contempladas no art.º 17, respeitante ao apoio pedagógico personalizado, e ainda do art.º 20, respeitante às adequações no processo de avaliação.

No início do ano letivo 2017/2018, a maioria dos alunos tinha onze anos de idade, havendo um com dez anos, dois com doze anos e outro com treze anos. Nesta faixa etária os alunos encontram-se no estágio de desenvolvimento das operações formais, segundo a psicologia de desenvolvimento de Piaget. O desenvolvimento das suas competências permite efetuar operações mentais sob forma simbólica e concretizar operações sobre ideias: pensamento hipotético-dedutivo (comparações, contrastes, deduções e inferências a partir de um conteúdo ideacional, e não sobre coisas e eventos em exclusivo). Conseguem compreender as relações entre símbolos que representam conceitos, assim como, reconhecer a variedade de possibilidades existentes, permitindo-lhe centrar-se logicamente na sequência de ideias ou ações com grande probabilidade de sucesso na resolução de tarefas intelectuais: pensar sobre o que poderá ser. Ao nível da metacognição, têm a capacidade de pensar sobre o

²⁹ Cf. R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 41.

seu próprio pensamento e o pensamento dos outros, permitindo um amplo alargamento da imaginação; tomam consciência da forma como pensam para além daquilo que conhecem, assim como da variedade de estratégias de aprendizagem que poderão ser utilizadas, aumentando muito as oportunidades de autocorreção³⁰.

O percurso escolar de todos os alunos começou no pré-escolar, no primeiro ciclo, vinte e dois alunos iniciaram os seus estudos com seis anos, seis alunos com cinco anos e um aluno com sete anos. Durante este percurso escolar, dez alunos tiveram apenas um professor, outros dez alunos tiveram dois professores e os restantes tiveram três professores. É um grupo-turma com poucas retenções ao longo do percurso escolar individual dado que apenas dois alunos se encontram nestas condições, sendo que, só um ficou retido no primeiro ciclo e outro no segundo ciclo. As áreas em que os alunos sentiram mais dificuldades no início do segundo ciclo, foram as disciplinas de Português e Matemática (oito alunos cada), Música (dois), Inglês (um), História (um) e Educação Visual/Educação Tecnológica (um). Todas estas disciplinas em conjunto com História e Geografia de Portugal e Ciências Naturais esperam alcançar melhores resultados, visando maior sucesso neste final de ciclo.

Através dos dados recolhidos, constatamos que a maioria da turma não tem qualquer tipo de problemas ao nível da saúde mental e física. Apenas quatro alunos referiram ter dificuldades visuais, três mencionaram que são asmáticos (todos com situação perfeitamente controlada), dois sofrem de enxaquecas, um tem alergia ao pó e aos gatos, e outro sofre de otite.

Provindo de um meio social médio bastante homogéneo, com hábitos de vida regulares, as famílias inserem-se dentro da média da sociedade em geral, em que todos os alunos tomam o pequeno-almoço em casa, sendo constituído essencialmente por pão, leite e cereais.

³⁰ Cf. C.S.CARVALHO, *Psicologia, Curso Geral de Catequistas*, SNEC, Lisboa, 2004, 30.

Ao nível da ocupação dos tempos livres mostra-se bastante diversificada, coexistindo diferentes áreas de interesse: veem televisão – desenhos animados, filmes, telenovelas e telejornal, só um aluno mencionou não ver TV, jogam computador, à exceção de dois alunos que não têm acesso à internet e no geral brincam. É de salientar que uma boa percentagem dos alunos referiu ter bons hábitos de leitura tendo indicado uma média mensal de leitura de dois a três livros. Só dez alunos mencionaram não ter o hábito regular de leitura. Mais de metade do grupo-turma, ou seja, dezasseis alunos, pratica atividades desportivas em horário pós-escolar, sendo que seis praticam o futebol, três praticam natação, dois *karaté*, e os restantes dividem-se pela equitação, ginástica rítmica, ginástica acrobata, hip-hop e *kick boxing* de forma regular. Os restantes treze alunos indicaram não ter qualquer prática física regular. Na turma também existe meia dúzia de alunas que são Guias.

Relativamente ao próprio futuro, alguns alunos ainda não sabe ou decidiram não responder à possível profissão futura (não ter nenhuma ideia constituída) e os restantes indicaram pretender se profissionalizar em profissões sobretudo na área dos serviços e alguns na área das artes e desporto. Nomeadamente, três alunas desejam seguir a profissão de atriz, duas a profissão de enfermeira, um informático, médico, veterinário, professora, professor de acrobática, professor de equitação, professor de natação, ginasta, futebolista, cantor e educadora infantil. Podemos concluir de forma indicativa que vários sinalizaram como profissão desejada o ensino em áreas diversificadas.

No que concerne à faixa etária dos pais, esta varia entre os trinta e dois anos e os cinquenta e um anos. Comparativamente com as mães estas situam-se entre os trinta e seis anos e os quarenta e nove anos. Quanto ao nível de escolaridade dos pais, o universo mais representativo situa-se no ensino secundário, seguido de nove pais com um grau superior, sete com o ensino básico, e só um dos pais não excedeu o primeiro ciclo. No que respeita às Mães,

quinze obtiveram um grau superior, doze o ensino secundário, uma ficou com o terceiro ciclo, e uma apenas com o primeiro ciclo. Relativamente à situação profissional, só existe um pai desempregado e quatro mães na mesma situação, os restantes encontram-se empregados nas mais diversas profissões.

Nesta caracterização realizada, pode-se concluir que se trata de um grupo-turma constituído por crianças com um nível de vida normal, oriundos de famílias tradicionais e adequadas ao seu meio social, não apresentando, qualquer deles, problemas de maior. Existiam, no entanto, relativamente ao rendimento escolar, casos específicos de alunos que mereceram alguma ponderação por parte dos professores que compõem o Concelho de Turma.

No que diz particularmente respeito à disciplina de EMRC – Educação Moral e Religiosa Católica, os alunos a nível global manifestaram boa adesão às atividades propostas, demonstrando curiosidade, espírito de ajuda e responsabilidade, assim como, grande capacidade de adesão a iniciativas diversificadas. Revelaram uma boa capacidade de intervenção com contributos válidos e com qualidade, exprimindo com facilidade as próprias opiniões, participando nas dinâmicas de debate de forma construtiva. Saliento o facto de que a maioria dos alunos não celebra a Eucaristia Dominical, não frequenta a catequese e manifestaram pouca prática do culto religioso.

O comportamento da turma foi considerado Bom na disciplina de EMRC, mas ao nível geral, o Concelho de Turma atribuiu apenas satisfaz ao comportamento geral da turma. No decorrer da PES não se verificou nenhuma sanção aplicada, a nenhum aluno em concreto.

Ao nível do aproveitamento global da EMRC, assevero que ao longo do ano letivo os alunos mostraram interesse pela disciplina, participaram efusivamente, trabalharam os conteúdos propostos, atingindo assim, os objetivos e as metas propostas no programa da

disciplina. Neste sentido, considero o aproveitamento final muito bom, doze alunos atingiram o nível 5, quinze alunos atingiram o nível 4 e só dois alunos obtiveram nível 3.

2. Transversalidade e relevância pedagógica da UL2 “Jesus um Homem para os outros”.

Podemos considerar o tema da UL2 “*Jesus, um Homem para os outros*”, transversal a todo o percurso académico dos alunos, desde a sua inserção na disciplina de EMRC logo no 1.º ano do 1.º ciclo. Os alunos começam por aprender como “*Ter um Coração Bondoso*” (UL1), e como devemos nos relacionar com os outros no nosso dia-a-dia.

Os ensinamentos de Jesus começam por ser apresentados ao longo do 1.º ciclo, sendo depois desenvolvidos ao longo de todo o percurso escolar, até ao 12.º ano. Exemplos dessa transversalidade podemos encontrar na UL1 do 2.º ano “*Ser Amigo*” e UL 4 “*Deus é Amor*”, UL2 do 3.º ano “*Ser Solidário*”; UL1 do 4.º ano “*Ser Verdadeiro*” e UL3 “*O Perdão*”; a UL2 do 5.º ano “*Advento e Natal*” e a UL4 “*Construir Fraternidade*”; UL 2 do 7.º ano “*As Religiões*”; a UL2 do 8.º ano “*Cristianismo em Caminho*” e a UL3 “*A Liberdade*”; a UL1 do 9.º ano “*Dignidade da Vida Humana*” e a UL2 “*Deus, Mistério de Amor*”. As UL atrás descritas ao nível do 3.º ciclo apresentam conteúdos onde sobressaem os ensinamentos de Jesus. Este caminho percorrido, permite ao jovem aluno entrar numa dinâmica mais reflexiva e crítica ao nível do Ensino Secundário, em todas as unidades oferecidas pela EMRC, nomeadamente: UL1 “*Política, Ética e Religião*”; UL2 “*Valores e Ética Cristã*”; UL3 “*Ética e Economia*”; UL4 “*A Civilização do Amor*”; UL5 “*A Religião como Modo de Habitar e Transformar o Mundo*”; UL6 “*Um Sentido para a Vida*”; UL7 “*Ciência e Religião*”; UL8 “*A Comunidade dos Crentes em Cristo*”; UL9 “*A Arte Cristã*” e a UL10 “*Amor e Sexualidade*”.

A UL “*Jesus um homem para os outros*” encontra-se no seguimento da UL1 “*A Pessoa Humana*”, estudada nas suas várias dimensões (biológica, social e espiritual), aludindo às características próprias de cada uma, sendo que, o *conteúdo* aprender a “ser pessoa” e dar condições para que todos sejam “pessoas” faz a ponte para a UL2 “*Jesus um Homem para os outros*”, que apresenta a pessoa de Jesus à humanidade, sendo este, o fundamento confessional da disciplina de EMRC.

2.1. Didactologia³¹ da UL2 “*Jesus um Homem para os outros*”.

A UL2 “*Jesus um Homem para os outros*” apresenta-se bem estruturada, começando pela *meta E*. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo, tendo como primeiro *objetivo*, reconhecer a relação de Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã. O *conteúdo* é capital, “quem é Jesus de Nazaré?”

A *meta* inicial, o *objetivo* e o *conteúdo* definem logo à partida a composição e a importância desta Unidade Letiva no meio do percurso académico dos alunos. Não se trata de “catequisar” os alunos, mas sim, dar a conhecer, de forma evidenciada, a pessoa real e concreta, que transformou a história da humanidade.

Assente na Cristologia: Jesus histórico e o Cristo da fé, esta Unidade letiva, expõe os momentos centrais da vida de Jesus, desde o seu nascimento, a sua influência na história da humanidade, os seus ensinamentos, a sua missão, morte e Ressurreição. Uma verdadeira dicotomia entre a antropologia e a teologia.

Ao iniciar a apresentação desta UL aos alunos, tive como objetivo “diagnosticar” os seus conhecimentos sobre Jesus e reconhecê-lo como sendo o centro da identidade cristã –

³¹ A palavra didactologia é usada como um sinónimo de pedagogia, que emprego neste contexto em virtude de considerar a palavra perfeita para designar os objetivos das UL, o que se pretende com eles relacionados (pedagogia) e os meios utilizados (didática) para envolver os alunos nas temáticas curriculares.

cristianismo. O diagnóstico foi feito a nível oral, numa dinâmica interativa questões/respostas (sobre as imagens projetadas e respostas a questões colocadas pelos alunos). No final da apresentação entreguei aos alunos uma imagem de Jesus, com o objetivo de escreverem (no verso) o que sabiam sobre Ele, e no final da UL, puderem ler o que escreveram e acrescentar o que aprenderam. A imagem foi colocada no placar da sala.

A UL inicia com a *meta E* seguida da *meta K*: Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso, com o mesmo *objetivo*, mas com *conteúdos* diferentes: O nascimento de Jesus marcou a história. Nesta temática os alunos verificam que ao longo dos séculos a pessoa de Jesus influenciou a arte (pintura, escultura, arquitetura, música, canto, literatura...etc.), e que o nosso calendário (ocidental) foi criado pelo Papa Gregório XIII. As *metas* visam as *finalidades*: Conhecer e descobrir o significado do património artístico-religioso e da simbólica cristã; Apreender a dimensão cultural do fenómeno religioso e do cristianismo, em particular.

Contudo, esta última *finalidade* enquadrada no *domínio* da *Religião e Experiência Religiosa*, não atribuí nenhuma *meta* a esta matéria. A meu ver podia ser atribuída a *meta B*: Construir uma chave de Leitura Religiosa da pessoa, da vida e da história.

Na aula seguinte a metodologia incidu sobre a leitura e interpretação do texto “*Um Suave Milagre*” de Eça de Queirós, que consta no manual do aluno, tendo como *objetivo* a preparação para a leitura e interpretação de textos bíblicos que seriam apresentados na aula seguinte. Neste conto logo no segundo parágrafo o autor alude à personalidade e missão de Jesus: «Uma tarde um homem de olhos ardentes e deslumbrados passou no fresco vale, e

anunciou que um novo profeta, um rabi formoso, percorria os campos e as aldeias da galileia, predizendo a chegada do Reino de Deus, curando todos os males humanos. (...)»³².

O Conto é comovente e envolve os alunos na temática sobre Jesus de Nazaré, onde Deus se mostra infinitamente bom, acolhendo todos os que a Ele recorrem.

Para as *metas E e K* temos o primeiro (citado em cima) e segundo *objetivo*: Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã, para os *conteúdos*: Jesus legamos uma nova maneira de entender Deus, misericórdia pura...; Com estes *conteúdos* os alunos foram convidados a interpretar os seguintes textos bíblicos³³: *Lc 12, 22-32; Lc 15, 1-2; Lc 10, 25-37; Lc 7, 36-50; Lc 18, 9-14*, no sentido de apreenderem os ensinamentos de Jesus centrados na confiança do Deus Bom, na misericórdia do perdão dos pecados, na caridade da humildade em vez do orgulho, no acolhimento de todos sem excluir ninguém. O *objetivo* e os *conteúdos* visam a *finalidade*: Conhecer o conteúdo da mensagem cristã e identificar os valores evangélicos, no *domínio* da *Cultura Cristã e visão Cristã da Vida*, à qual se deveria acrescentar a *meta G*: Identificar os valores evangélicos.

A metodologia da *aula* teve como *objetivo* apresentar a época de Jesus, a “*forma*” e os “*conteúdos*” dos seus ensinamentos. Para transportar os alunos no tempo e espaço histórico, utilizei como metodologia o vídeo. Compilei³⁴ cenas de um filme sobre Jesus segundo o Evangelista Lucas, indo ao encontro dos textos que contem o manual do aluno, sendo entregue aos alunos os textos em forma de pergaminho. Os alunos foram convidados a ler os textos, interpretarem a mensagem transmitida e associá-la à sua experiência diária.

³² E. QUEIRÓS, “*O Suave Milagre*”, citado no Manual da Disciplina de EMRC - 6.º ano, “*Estou Contigo!*”, SNEC, 2015, 54.

³³ É de salientar que a maioria dos alunos nunca teve contato com textos bíblicos e este momento torna-se importante para um primeiro encontro. Desconhecer a Bíblia não é apenas uma carência do ponto de vista religioso, mas é também uma forma de iliteracia cultural.

³⁴ O pequeno vídeo intitulado *Deus Misericordioso* encontra-se em anexo no CD.

A partilha interpretativa dos textos à turma realizou-se através da dinâmica de pedagogia cooperativa, na *aula seguinte*. Os alunos foram divididos em grupos (todos os que tinham um texto igual formavam um grupo), voltaram a ler os textos e partilharam entre si a mensagem que o texto continha. Após a reflexão do texto e a sua discussão elaboravam um pequeno texto para partilhar com a turma, escrevendo a sua síntese num fragmento de cartolina. Seguidamente colocavam no placar da sala, no final, os vários fragmentos formavam um coração. Em todos estes momentos os alunos estiveram ativos e participativos.

Como não estive presente na lecionação das seguintes aulas não faço referência às mesmas, mas posso afirmar que a UL termina com a *meta M*. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano, tendo como *objetivo*, mobilizar o valor da vida na orientação do comportamento em situações do quotidiano, no *domínio* da *Ética e Moral*. Esta reflexão final torna-se importante no sentido da sua aplicabilidade do decurso diário, na vivência relacional com os outros.

Os ensinamentos de Jesus são princípios propedêuticos transversais a todo e qualquer ser humano, podendo ser apreendidos como pressupostos segundo os quais, se constroem laços fraternos entre as pessoas; sustentáculo de uma verdadeira cidadania. Assim, e na senda de Dellors³⁵, os alunos aprendem a *conhecer; aprendem a fazer e aprendem a ser*.

A *meta M*, no *domínio* da *Ética e Moral* faz a ponte para a UL3 “*A Partilha do Pão*”, onde se pode encontrar exemplos de pessoas que se doam a si próprias³⁶, no verdadeiro sentido de diaconia, em prol do bem dos outros. Falarei da UL3 mais à frente.

³⁵ Cf. J. DELORES. *Educação: Um Tesouro a Descobrir*, UNESCO, Asa, Porto, 1996.

³⁶ A temática de “doação de si próprio aos outros” volta a ser desenvolvida na UL1 do 9.º ano “*Dignidade da Vida Humana*”.

A UL2 “*Jesus um homem para os outros*” contemplou nove aulas de quarenta e cinco minutos cada previstas para o ano letivo de 2017/2018, das quais lecionei as quatro primeiras, as restantes aulas foram lecionadas pelo meu par pedagógico. Devido ao facto, apresento de seguida, a planificação de nível III elaborada no início do 1.º período, para uma visão completa desta unidade.

No ponto seguinte, descrevo a prática da lecionação, iniciando com uma sintética exposição sobre a importância de saber planificar; os relatórios das aulas, e respetivas planificações de nível IV das mesmas.

2.2. Planificação de nível III

Ano: 6.º - Unidade Letiva 2: “Jesus, um Homem para os outros”.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Avaliação	Aula n.º
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo K. Reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso.	1. Reconhecer a relação com Jesus de nazaré como o centro da identidade cristã.	*Quem é Jesus de Nazaré? -Jesus, o Profeta de Deus, o Mestre e o Messias [Cristo]. O Filho de Deus. - O anúncio do Reino de Deus: a vitória definitiva do bem, da justiça, da verdade, do amor.	Apresentação da UL em PPT interagindo com os alunos. Entrega de imagem de Jesus, onde os alunos escrevem o que já sabem sobre Ele.	Atenção e empenho na participação oral e escrita.	1
		* O nascimento de Jesus marcou a história: - A arte celebra o nascimento, vida, morte, e ressurreição de Jesus; - O calendário usado entre nós tem como ponto de referência o nascimento de Jesus.	PowerPoint com produções estéticas. Leitura e interpretação de texto “Suave milagre” Eça de Queirós.	Atenção e empenho na participação oral	2
	2. Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã.	* Jesus lega-nos uma nova maneira de entender Deus, misericórdia pura: - A confiança no Deus bom, que não abandona a pessoa: Lc 12, 22-32; - Contra a exclusão, a inclusão no amor de Deus: inclusão dos marginalizados, dos pobres, dos doentes: Lc 15, 1-2; - A revolução do coração humano: viver centrado no amor ao próximo (próximo é todo o que precisa de mim, independentemente da sua origem ou identidade): Lc 10, 25-37	Vídeo compilado com as cenas associadas aos textos. Leitura individual dos textos entregues em forma de pergaminhos. Partilha em grupo e na turma dos conceitos associados	Atenção e empenho na participação oral e escrita.	3
		- O perdão de Deus e a necessidade de arrependimento: Lc 7, 36-50 - Uma religião que brota de uma relação com Deus no íntimo do ser e se manifesta na fraternidade, e não uma religião do culto exterior: Lc 18, 9-14	Trabalho de grupo para interpretação de textos	Atenção; empenho e participação na interação com os pares no trabalho de grupo	4

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Avaliação	Aula n°
B. Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	3. Compreender, pela interpretação de textos bíblicos, qual foi a missão de Jesus, o Filho de Deus.	* A interpelação aos poderosos. * A paixão e morte de Jesus: - Mc 14,32-50: A oração no Getsémani e prisão; - Mc 14, 53-65: Jesus é julgado e condenado pelo tribunal judaico;	Apresentação de breves excertos de vídeos sobre Jesus no Getsémani e no tribunal judaico. Completar um texto.	- Registo qualitativo da intervenção e participação dos alunos. - Registo no portefólio individual	5
		* A paixão e morte de Jesus (cont.): - Mc 15, 1-15: Jesus é julgado e condenado à morte por Pilatos; - Mc 15, 24-37: Crucificação e morte de Jesus na cruz.	Ordenar imagens relativas aos eventos em análise. Construir uma história completa em imagens da paixão e morte de Jesus.	- Registo qualitativo da intervenção e participação dos alunos.	6
	4. Reconhecer a Ressurreição de Jesus como vitória da Vida sobre a morte.	* A ressurreição, Jesus é o Senhor, Jesus Filho de Deus: - Jo 20, 19-23: Aparição aos discípulos; - Act 10, 34-43: Discurso de Pedro em casa de Cornélio;	Quiz sobre o conceito de ressurreição. Leitura individual para todos de excertos dos dois textos bíblico apresentados,	- Registo qualitativo da intervenção e participação dos alunos.	7
		* Deus quer a vida e não a morte: - Jo 10,10: “Eu vim para que tenham a vida e a tenham em abundância”.	Construção de um pequeno texto para partilha com os colegas sobre como concretizar na vida quotidiana “querer a vida e não a morte.”	- Registo do envolvimento- na tarefa e participação na exposição coletiva.	8
M. Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano.	5. Mobilizar o valor da vida na orientação do comportamento em situações do quotidiano	* Que posso fazer para viver cada vez mais com qualidade e dar vida aos outros? * Devo ser capaz de: - Respeitar; - Cuidar; - Ajudar; - Compreender; - Partilhar; - Amar.	Apresentação de exemplo juvenis que optaram por dar a vida pelos outros: S. João Bosco, beata Chiara Bandano, etc	Registo do nível de participação.	9

3. Prática letiva em sala de aula.

Neste meu percurso formativo a planificação das aulas constituiu-se uma das “lidas” mais difíceis e mais morosas, podendo-se definir, como um processo segundo o qual, o professor determina o que os alunos vão aprender, daí a sua real importância, além de se constituir como uma ferramenta dinâmica, apresenta-se fundamental e determinante no processo de ensino-aprendizagem.

Este processo de planificar torna-se complexo, na medida em que é preciso criar e inovar estratégias ou atividades educacionais que criem interesse nos alunos, e lhes permita uma compreensão dos conteúdos a apreender, tendo como objetivo, promover a construção de um ambiente de aprendizagem eficiente e produtivo centrado no aluno.

A Planificação pressupõe a existência de um currículo prescrito, que no caso da disciplina de EMRC apresenta o modelo educativo proposto pela Igreja, constituindo o programa da disciplina. Do currículo prescrito passamos ao currículo apresentado, no qual é elaborado o manual da disciplina. Este currículo apresentado é apropriado pelo docente que elabora a planificação, passando assim, a um currículo real ou currículo em ação/operacional (ação realizada em sala de aula), que determina a forma como os alunos entenderam os conteúdos. Dentro deste contexto e na senda de Arends adiciono:

«A planificação do professor é uma determinante muito importante do que é ensinado nas escolas. O currículo, como é publicado, é depois transformado e adaptado segundo o processo de planificação através de adições, eliminações, interpretações, e decisões do professor sobre o ritmo, a sequência e a ênfase. (...) Outras funções da planificação do professor abrangem a distribuição do tempo de ensino para um aluno, ou para um grupo de alunos, a composição dos grupos, a organização dos calendários diários, semanais e de cada período, a compensação das interrupções e as comunicações com os professores substitutos»³⁷.

³⁷ C.M. CLARK & M. LAMPERT, *The study of teacher thinking: Implications for teacher education. Journal of Teacher Education*, (1986), 28, citado em R. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, 93.

Esta sintética exposição do que significa uma planificação na área educacional permite concluir que planificar coloca em interação todas as funções executivas, nomeadamente: tomar decisões, definir objetivos/metapas, interpretar e decidir relativamente aos conteúdos do currículo que os alunos vão aprender; os critérios de avaliação adotados e a gestão em sala de aula, de forma a proporcionar e garantir um progresso eficiente de ensino-aprendizagem.

Dentro deste contexto, e partindo dos pressupostos teóricos do Programa da EMRC, em articulação com o Projeto Educativo dos Salesianos de Manique – Escola, elaborou-se as planificações de nível I, II, III e IV. O espaço de sala de aula foi tido em reflexão, principalmente nos momentos de aprendizagem cooperativa (trabalhos de grupo).

Apresento de seguida, os relatórios de aula, com a respetiva planificação de nível IV.

3.1. Lecionação das aulas³⁸.

As aulas realizadas com o grupo-turma do 6.º ano tiveram lugar às terças-feiras das 9:15m até às 10h. Os alunos já se encontram em sala de aula³⁹ terminando a aula de português, o toque de saída é o mesmo que o de entrada. Ou seja, os alunos terminavam a aula de português e iniciavam a aula de EMRC sem terem intervalo. A passagem de aula/professor permitia aos alunos descontraírem um pouco, enquanto eram entregues os portefólios e manuais escolares.

³⁸ Os relatórios de aula apresentados são uma sumula da experiência vivida numa relação e interação (aluno/professor/aluno) em sala de aula, dentro de um espaço temporal de quarenta e cinco minutos.

³⁹ Cada turma tem uma sala própria, que contém um armário onde os alunos guardam o portefólio, manual escolar e outro tipo de material necessário para as várias disciplinas.

3.1.1. Aula n.º 1 - Apresentação da UL2 “Jesus um Homem para os outros”: o que já sei sobre Jesus.

Entre na sala de aula saudando os alunos que me pareceram bastante excitados. Perguntei se as férias tinham corrido bem, enquanto me dirigia ao computador para iniciar a sessão. Pedi à delegada de turma e a outra aluna para entregarem os portefólios, enquanto tentava iniciar a sessão que desta vez não estava a conseguir⁴⁰. Entretanto o professor cooperante chegou à porta da sala e fez-me sinal para sair. Saí, ele mencionou que a professora orientadora de estágio não vinha assistir à aula, deu-me uma breve explicação.

Regressei à sala e dirigi-me novamente ao computador, finalmente consegui iniciar a sessão projetando o sumário. Os alunos neste “intervalo” aproveitaram para falar uns com os outros, mas sem grande confusão. Li o sumário da aula, os alunos passaram para o portefólio, mencionei que íamos iniciar uma nova unidade letiva “*Jesus, um Homem para os outros*”.

Questionei os alunos sobre a frase exposta (título da UL), se alguém sabia exprimir o que o autor da frase queria transmitir. Foram poucas as ideias. Passei ao dispositivo seguinte, projetando a questão “quem é Jesus de Nazaré?” Uns disseram Jesus, outros, Jesus Cristo. Perguntei se sabiam a diferença entre Jesus de Nazaré e Jesus Cristo. Uns responderam que o Jesus de Nazaré andou, como nós, outros que Jesus Cristo morreu na cruz.

Notei que havia dúvidas e nem todos sabiam exatamente qual a diferença. Comecei por explicar que Jesus de Nazaré nasceu e por isso comemoramos o Natal, foi criança como eles, aprendeu a ler, comeu, cresceu, aprendeu com o pai a profissão de carpinteiro, divertiu-se, viveu como nós. Na sua fase adulta, após ser batizado pelo seu primo João Batista, inicia a sua missão, anunciando a todos o Reino de Deus, até ser morto na cruz. Mas, Ressuscitou! Nessa altura, os seus discípulos tomaram verdadeira consciência que de fato Ele era o Cristo,

⁴⁰ No primeiro período assisti às aulas do meu par pedagógico, mas era eu que iniciava a sessão no computador.

o Messias (o ungido), anunciado pelos profetas do Antigo Testamento, o Salvador prometido, o novo Moisés, o verdadeiro Redentor do mundo. De forma simples construí a relação: Jesus, Cristo, Discípulos/Apóstolos e Cristianismo. Os alunos estiveram muito atentos à explicação⁴¹. Continuei a exposição interagindo com eles, questionando e respondendo sempre que alguém colocava o braço no ar.

No dispositivo seguinte sobre o calendário, nenhum aluno soube disser a origem nem o nome atribuído ao nosso calendário (ocidental) ...fui continuando a exposição ao mesmo tempo que ia explicando o que considerava necessário eles apreenderem. Os alunos estavam atentos a toda a explicação e sempre que questionava algo, alguém colocava o dedo no ar. Houve muita participação, principalmente de três alunos. No último dispositivo fiz uma ponte com Dom Bosco, porque tal como Jesus, o Santo Dom Bosco foi um “homem para os outros”. Depois entreguei a todos uma imagem de Jesus e pedi para escreverem o que já sabiam de Jesus. Quando terminaram de escrever, pedi para pintarem a imagem⁴², que colocámos no placar da sala. Enquanto realizavam esta pequena atividade, ia passando por eles, olhando e opinando sobre o trabalho realizado, esclarecendo alguma dúvida que surgia.

⁴¹ Ao longo da última década, início da minha lecionação, tenho constatado que os alunos não sabem qual a diferença entre o Jesus histórico e o Cristo da fé. A explicação gera sempre silêncio na sala, todos querem compreender, inclusive os alunos que frequentam a disciplina e dizem que não acreditam em Deus. O interessante é que sempre que se fala em Jesus em qualquer ano de escolaridade, os alunos crentes ou não crentes ficam atentos a ouvir. Neste caso, o silêncio total na sala foi “retido” e mencionado pelo meu par pedagógico na sua heteroavaliação da aula, mencionando que ficou muito admirado pelo silêncio e ao mesmo tempo confuso, pois não percebeu se estava a apresentar a UL ou se estava a desenvolver conteúdos.

⁴² Outra nota interessante prende-se ao facto de ter verificado ao longo destes anos que os alunos nesta faixa etária ainda gostam de pintar, realizar trabalhos manuais. As imagens escritas no verso e pintadas de Jesus foram colocadas no placar da sala e ficaram até ao final de ano. No final do período as alunas pediram para não retirar, assim podiam olhar para Jesus sempre que precisassem de inspiração, incentivo...etc.

Unidade Letiva: UL2 “Jesus, um Homem para os outros”.

Sumário: Apresentação da Unidade Letiva “Jesus um Homem para os outros”. O que já sei sobre Jesus.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	45m	Recursos	Avaliação Formativa
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.	1. Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã.	Quem é Jesus de Nazaré? -Jesus, o Profeta de Deus, o Mestre e o Messias (Cristo). O Filho de Deus. -O Anúncio do Reino de Deus: a vitória definitiva do bem, da justiça, da verdade, do amor	-Acolhimento baseado na partilha de experiências sobre as férias e o Natal.	10'	Quadro Portefólio	Participação dos alunos
			- Apresentação da Unidade Letiva interagindo com os alunos.	20'	PTT (Anexo 1) Manual Escolar	Nível de participação e envolvimento dos alunos
			- Atividade: O que já sei sobre Jesus. Os alunos são convidados a escrever o que sabem sobre Jesus nas costas de uma silhueta de Jesus.	12'	Afixar no placar da sala de aula	Nível de participação e envolvimento dos alunos
			Síntese da aula.	3'	Portefólio dos alunos	Nível de participação e envolvimento dos alunos

Proposta de Síntese: Vimos e ouvimos o que vamos aprender sobre Jesus. Escrevemos o que já sabemos e pintámos a sua imagem.

3.1.2. Aula n.º 2 - A importância de Jesus na história da Humanidade: leitura e interpretação de um texto.

Após o professor de português sair da aula, entrei e saudei os alunos que corresponderam à saudação. Dirigi-me à secretária do professor, coloquei as minhas coisas em cima da secretária, e antes de iniciar a sessão no computador pedi à delegada e a outra menina para distribuírem os portefólios, explicando que estavam por filas. Uma aluna que fica em frente à secretaria e um colega abeiraram-se de mim, para disser que faltavam dois colegas. Anotei os números dos alunos em falta, e iniciei a sessão no computador. Entretanto, chamei a atenção dos alunos, para deixarem de conversar uns com os outros pois a aula ia começar.

Iniciei a aula com a projeção do sumário, após ver que todos passaram para o portefólio passei aos dispositivos. Ao expor a primeira imagem apelei aos alunos para a interpretação da mesma. Os alunos colocavam o dedo no ar para participar. Nas duas primeiras imagens de cenas de Jesus em tela, poucos conseguiram identificar, só uma aluna associou a pomba ao batismo de Jesus e um aluno reconheceu as bodas de Caná, mas não conseguiu dizer o nome exato.

Para fazer a ponte para os dias de hoje apresentei uma tela pintada por uma aluna de 14 anos que tenho na escola pública, tem o dom para a pintura⁴³. Aqui também não conseguiram identificar a cena, só um aluno andou lá perto⁴⁴. Chamando a atenção para a criatividade da aluna, fiz a ponte com a imagem de Jesus que eles pintaram na aula anterior e com a dimensão

⁴³ Esta aluna faz parte de um grupo-turmas que acompanho desde o 5.º ano. Desde essa altura temos vindo a desenvolver os dons de cada um, nas várias atividades promovidas.

⁴⁴ Ao apresentar a tela pintada por uma aluna de 14 anos tive a intenção de mostrar que ainda hoje Jesus influência de forma criativa todas as pessoas que a Ele recorrem. A tela foi pintada para ser exposta na atividade Ceia de Natal que tenho vindo a realizar na escola pública. Sugeri à aluna que pintasse a Última Ceia, mas de forma diferente da tradicional (Jesus à mesa com os discípulos). A criatividade da aluna levou-a ao Jardim das Oliveiras, colocando Judas atrás da árvore (conspirando para entregar Jesus), Maria Madalena ao lado de Jesus debaixo da árvore e os restantes discípulos à volta. A mesa é representada por uma toalha no chão. Ao primeiro olhar, é o detalhe da toalha que identifica a Ceia.

Espiritual do ser humano. Abordei também a criatividade na música, escultura, onde pedi para abrirem o manual e verem a escultura da representação da Sagrada Família, considerada património mundial pela UNESCO. Os alunos abriram o manual e comprovaram a beleza da imagem.

Contudo, não referi a arquitetura⁴⁵, passei para a literatura, para o conto de Eça de Queirós, explicando que era um autor clássico da nossa literatura e que mais tarde iriam estudar textos dele.

Seguidamente, mandei abrir o manual na página correspondente ao conto “*O Suave Milagre*”⁴⁶. Perguntei quem lia bem, e muitos colocaram o dedo no ar, acabei por escolher os três alunos que tinham participado mais na aula anterior. Chamei-os e dividi o texto em narrador, mãe e filho e esqueci-me de Jesus. Vim para o fim da sala para ver se ouvia a leitura dos alunos onde acompanhei o texto ao pé de um aluno. Na altura percebi que devia ter dividido a parte narrativa por mais alunos. Os alunos nesta idade gostam de ler.

Quando chegaram ao fim do texto os alunos que estavam a ler perguntaram: e Jesus? Quem é que lê Jesus?

Ao que de imediato me saiu: aqui estou⁴⁷ e fui andando para a frente.

Elogiei os alunos pela leitura, mandei-os sentar e perguntei a todos se gostaram do conto. Alguns alunos manifestaram que não entenderam muito bem o texto, uma aluna chegou a mencionar que não entendeu muitas palavras, mas no geral todos gostaram. Passei então à projeção das questões sobre o texto e havia muitos dedos no ar para participar.

⁴⁵ Quando procurava material para a aula vi imagens de arquitetura, mas optei por não colocar pois ficaria mais extensa a aula e queria dar prioridade à literatura, nas próximas aulas temos textos bíblicos para interpretar.

⁴⁶ Este texto é um bom começo para trabalhar a interpretação de textos, bonito, mas um pouco extenso. Para ser bem compreendido pelos alunos, é necessário apontar sempre para a linguagem simbólica do mesmo.

⁴⁷ No final do texto o menino diz à mãe: «Mãe, eu queria ver Jesus...E logo, abrindo devagar a porta e sorrindo, Jesus diz à criança: Aqui estou».

Como inicialmente não atribuí a última fala a nenhum aluno, acabei por a mencionar, terminando assim a leitura.

Tocou e os alunos levantaram-se, disse às meninas para não recolherem os portfólios. Os alunos saíram da sala e recolhi com o meu colega os portfólios mencionando a ele mais uma vez a importância de serem bem recolhidos, por filas para facilitar a sua entrega na aula seguinte. Algo que já tinha explicado em aulas anteriores, à delegada de turma e outras alunas que ficam no fim da aula a ajudar a recolher os manuais e portfólios⁴⁸.

⁴⁸ Além de ter gostado da aula, e de ter cumprido as metas, os objetivos e conteúdos propostos, senti que tive uma melhor prestação na aula anterior, estava mais segura e com mais energia. Se o nosso interior não está bem, mesmo que se tente ocultar, acabamos por não dar o nosso melhor.

O professor cooperante na sua avaliação da aula comentou que devo simplificar o vocabulário transmitido, os alunos da turma andam na escola católica, mas têm uma cultura religiosa reduzida.

Na minha prática letiva na escola pública, sempre que utilizo um vocábulo que os alunos não conhecem, colocam o dedo no ar e perguntam o que significa a palavra. Questiono sempre se alguém sabe explicar aos colegas o que significa a palavra, se ninguém se manifesta, explico o seu significado de forma a ser compreendido pelos alunos.

Unidade Letiva: UL2 “*Jesus, um Homem para os outros*”.

Sumário: A importância de Jesus na história da Humanidade: leitura e interpretação de um texto.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 45m	Recursos	Avaliação Formativa
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo K. reconhecer exemplos relevantes do património artístico criados com um fundamento religioso.	1. Reconhecer a relação com Jesus de Nazaré como o centro da identidade cristã.	* O nascimento de Jesus marcou a história: - A arte celebra o nascimento, vida, morte e ressurreição de Jesus; - O calendário usado entre nós tem como ponto de referência o nascimento de Jesus.	Acolhimento e sumário	5'	Quadro portefólio.	Atenção, participação e empenho dos alunos nas tarefas propostas.
			PPT com produções estéticas. Leitura do texto “o Suave Milagre”	25'	PPT (Anexo 2) Manual Escolar	
			-Tarefa: Após leitura do texto os alunos respondem às questões colocadas e transcrevem para o portefólio.	12'	Quadro e portefólio	
			Síntese da aula	3'	Portefólio dos alunos	

Proposta de Síntese: Compreendemos a importância que Jesus teve na história da humanidade, e aprendemos o nome do nosso calendário ocidental.

3.1.3. Aula n.º 3 - O Deus misericordioso anunciado por Jesus: visualização de vídeo.

Após o toque de saída da aula anterior, o professor de português ao sair da sala de aula, pediu para deixar os alunos terminar de passar o que estava exposto no quadro. Os alunos que tinham terminado aproveitaram para falar uns com os outros, o que tem sido normal sempre que acaba uma aula e começa outra. Entrei na sala saudei os alunos e pedi para falarem mais baixo, deixarem os colegas terminar de passar.

Fui dando início da sessão no computador, enquanto estava a fazer a operação, reparei que os alunos já tinham terminado de passar os apontamentos do quadro, escolhi duas alunas que já me tinham pedido em aulas anteriores e um aluno para distribuírem os portefólios. Dirigi-me ao armário e expliquei que os portefólios estavam seguidos por filas, para facilitar a distribuição. Ao colocar os portefólios no armário no final da aula anterior, tinha tido essa preocupação, arrumar de forma a ser mais fácil a sua distribuição. A entrega dos portefólios origina sempre um pouco de barulho e distração no início da aula, e o tempo está a contar. Assim que os portefólios foram distribuídos, dei início à aula com a projeção do sumário.

Expliquei aos alunos que o vídeo que íamos visualizar eram excertos que tirei de um filme da vida de Jesus segundo o evangelista Lucas, compilei e fiz um pequeno vídeo, para que pudessem visualizar o tempo em que Jesus viveu, a forma como ele anunciava aos outros o Deus bom e misericordioso, dentro do contexto cultural e religioso da sua época⁴⁹.

Continuei a introdução ao vídeo mencionando que as passagens que íamos visualizar estavam nos textos que tinham no manual. Aludi também para prestarem atenção ao vestuário,

⁴⁹ Tinha sido advertida pelo professor cooperante (após compilar o vídeo) que não era indicado apresentar vídeos dobrados em Brasileiro, os alunos podiam gozar, pensei que não o iam fazer, e de fato não se manifestaram quanto à dobragem. Gostaram do vídeo.

Considero a contextualização histórica através do vídeo uma forma simples de os transportar para um tempo completamente diferente do deles. Penso que esta ferramenta os ajuda a interpretar melhor os textos bíblicos, que contêm vocabulário que não é fácil de eles entenderem logo ao primeiro contato.

assim podiam distinguir o povo e os Doutores da Lei, nomeadamente os fariseus. Acabei por mencionar que no final do vídeo tinham trabalho para realizar.

Começou o vídeo e achei melhor não ficar na secretária do professor, para não os distrair (pensei eu) e vim para o fim da sala, onde podia ver todos e ver se a audição do vídeo era boa. Enquanto caminhava pela sala, observei que uma aluna fez uma “careta”⁵⁰, no momento em que viu a mulher “pecadora” chorar e beijar os pés de Jesus. No global, os alunos estiveram atentos ao vídeo, mas de vez em quando, alguém murmurava algo.

Quando terminou o filme, perguntei se todos gostaram e passei à projeção dos conceitos⁵¹ associados aos textos, nomeadamente: confiança, amar o próximo, arrependimento/perdão, orgulho/humildade, exclusão/inclusão. A cada um dos conceitos apresentados fui dando uma pequena explicação com o intuito de os ajudar na interpretação dos textos, que lhes entreguei em forma de pergaminho. Os alunos gostaram do pergaminho e perceberam que os textos entregues não eram todos iguais. Pedi que lessem o texto com atenção, refletissem um pouco sobre o conceito ou conceitos que o texto transmitia e associassem ao seu dia-a-dia, depois escreviam a sua reflexão. Fui andando pela sala apoiando os alunos que me chamavam para esclarecer dúvidas.

⁵⁰ Quando apresentei o vídeo ao grupo-turmas da escola pública uma aluna também teve a mesma reação.

⁵¹ Optei pela palavra conceito e não ensinamento. Como pretendia que os alunos fizessem uma relação com a vida diária, a palavra conceito seria mais abrangente. O conceito passaria a ensinamento na aula seguinte.

Unidade Letiva: UL2 “*Jesus um Homem para os outros*”.

Sumário: O Deus misericordioso anunciado por Jesus: visualização de um vídeo.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 45m	Recursos	Avaliação Formativa
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo	2. Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã.	<p>*Jesus lega-nos uma nova maneira de entender Deus, misericórdia pura: -A confiança no Deus bom, que não abandona a pessoa: Lc12,22-32; -Contra a exclusão, a inclusão no amor de Deus: inclusão dos marginalizados, dos pobres, dos doentes: Lc15,1-2; -A revolução do coração humano: viver centrados no amor ao próximo: Lc10,25-37; -O perdão de Deus e a necessidade de arrependimento: Lc7,36-50; -Uma relação que brota de uma relação com Deus no íntimo do ser e se manifesta na fraternidade, e não uma religião do culto exterior: Lc18,9-14</p>	Acolhimento e sumário	5'	Quadro Portefólio	
			Visualização de vídeo compilado das cenas dos textos propostos.	10'	Vídeo (cenas compiladas de filme)	Atenção ao filme
			Apresentação de conceitos para interpretação de textos	12'	PowerPoint (Anexo 3)	Empenho na Participação
			Leitura individual de textos, seguido de interpretação dos mesmos.	15'	Textos propostos Entregues em formato de pergaminho.	Empenho na interpretação dos textos e aplicação de conceitos.
			Síntese da aula	3'	Portefólio	Nível de participação e empenho dos alunos.

Proposta de Síntese: Devemos amar o próximo, saber perdoar e não excluir ninguém.

3.1.4. Aula n.º 4 - Os ensinamentos de Jesus: trabalho de grupo.

Após o toque de saída o professor de português deixou a sala cumprimentando-me e desejando boa aula. Entrei na sala saudei os alunos que retribuíram a saudação, encaminhei-me para a secretária do professor a fim de dar início à sessão no computador. Notei que os alunos estavam um pouco agitados, mas dentro da normalidade, reparei que o aluno n.º 11 mudou de lugar, estava à frente, a aluna n.º 14 chamou-me, três alunos pediram para ir ao WC, deixei-os ir, voltaram e pediram-me o cartão para abrir a porta do wc. Disse-lhes que não tinha, mas podiam ir ter com o Sr. João e pedir para lhes abrir a porta. O aluno n.º 9 veio ter comigo, pediu também para ir ao wc, foi o último.

Enquanto os alunos foram à casa de banho, abri o armário e pedi à delegada e outra aluna para distribuírem os portefólios, mencionando que estavam por ordem de filas. Pedi ao meu colega, par pedagógico, que ajudasse na distribuição dos portefólios. Dirigi-me novamente ao computador, coloquei a pen enquanto pedia para se acalmarem um pouco, falarem mais baixo. Voltei ao armário para o fechar, retomei à secretária, indo falando com os alunos à medida que se abeiravam de mim, aguardando a vinda dos alunos que foram ao wc, para dar início à aula.

Nesta janela de tempo, entrou a professora coordenadora de Estágios e o professor cooperante na sala de aula, sem serem notados pelos alunos, sentando-se ao fundo da sala. Perguntei aos alunos se já estavam todos e projetei o sumário. Os alunos leram e ficaram muito entusiasmados, iam ter trabalho de grupo. Pedi a todos para manterem a calma, depois mencionei que não terminámos a aula anterior e que iríamos fazê-lo nesta aula, daí o trabalho de grupo. Mencionei também que estava connosco a Dra.^a Cristina de Sá Carvalho da Universidade Católica.

Seguidamente, pedi para pegarem nos pergaminhos e abrirem os manuais, entreguei os pergaminhos aos 3 alunos que faltaram na aula anterior, uma aluna referiu que não tinha o pergaminho, perguntei-lhe se recordava-se do texto, podia ler pelo manual. O aluno n.º8 mencionou que o pergaminho cheirava a café, ao que retorqui que foram feitos com café⁵².

No dispositivo seguinte: Como formar os grupos? Houve agitação total na turma, mas dentro da normalidade. Perguntei quem tinha o texto de *Lc 12,22-32*, os alunos com o texto correspondente levantaram os braços, mandei-os juntar na fila junto à janela. Depois perguntei quem tinha o texto de *Lc 15, 1-2*, os alunos levantaram o braço e após visualizá-los pedi para a aluna n.º 25 vir para a frente para se juntar ao seu grupo, a ideia era a aluna sair do seu lugar, mas ela hesitou, para não perder tempo mandei os alunos que formavam o grupo irem se juntar a ela, pela primeira vez vi os “olhos abertos” da aluna⁵³. Continuei na mesma linha de chamada e formação de grupos.

Os alunos iam se juntando aos seus pares à medida que os ia identificando, ficando de pé junto ao grupo correspondente, acabando por ficarem nas extremidades da sala, um grupo ao fundo e outro à frente. A sala ao meio ficou vazia.

O meu par pedagógico estava impávido e sereno a olhar a “confusão” e o “barulho” que os alunos faziam na formação dos grupos. Após visualizar a sala, fiz sinal ao meu colega para colocar o último grupo do lado da janela ao meio da sala. Depois de estarem todos juntos, mandei-os sentar em torno de uma só secretária devido à simetria da sala em termos de secretárias individuais, considerei que era mais simples colocar as cadeiras em volta de uma só mesa, do que andar a juntar secretárias. Os alunos têm as mochilas no chão e isso ia levar

⁵² O antigo Programa (2007) contemplava conteúdos ao nível do 5.º ano, que permitia elaborar pergaminhos. Era uma aula prática que os alunos adoravam. Eu levava folhas, pinceis e copos com café. Os alunos pintavam as folhas com o café, e após secarem podiam escrever o Decálogo (ou palavras/textos) que fizessem parte da matéria.

⁵³ Esta aluna demonstrou ao longo da lecionação ser um pouco apática e inerte. Em todas as aulas ia ter com ela, com o intuito de a motivar a escrever, passar as notas do quadro, participar...etc. Nesta aula, ficou inibida inicialmente quando viu quais os colegas que compõem o seu grupo, mas depois integrou-se bem no grupo. Considero que a experiência foi muito positiva para ela.

mais tempo, teria que estar antes de iniciar a aula a compor a sala, mas neste caso não é possível, porque os alunos já estão na sala.

Após estarem todos sentados expliquei aos alunos o que se pretendia ficando projetado no quadro. Mencionei que tinham de ler novamente o texto, perceber o que Jesus nos queria transmitir e ensinar, constatar se mantinham o que tinham escrito na aula anterior, ou se alteravam, ou acrescentavam mais alguma coisa. Depois deviam partilhar entre eles⁵⁴, escolher um porta-voz e um secretário. No decorrer da aula fui andando pelos grupos, notei que o aluno n.º 23 (estava no grupo da frente ao pé da secretaria do professor), não queria sentar-se e estava de pé a sair do grupo constantemente. O aluno n.º 1 esteve muito conversador o que tem sido habitual nas últimas aulas.

Entreguei a todos os grupos uma parte de cartolina em forma de peças de puzzle para escreverem a síntese do que partilhavam, para no final colocarmos no placar e formar um coração. Quando faltavam 15 minutos para acabar a aula pedi para fazerem silêncio e partilharem com a turma o que entenderam do seu texto. Houve necessidade de pedir aos grupos para repetirem o que tinham dito, existia “barulho” na sala e o objetivo era que todos se ouvissem. Cada grupo quando acabava a sua partilha à turma ia colocar o seu pedaço de cartolina no placar, houve dificuldade em juntar as peças que só foram juntas depois de todos saírem. Ajudei as alunas n.º 12, 13, 24 a juntar as peças e formar o coração. Estavam entusiasmadas e sugeriram que podíamos fazer um puzzle na aula seguinte.

A constituição do coração em forma de puzzle acabou por ter a configuração da ordem em baixo descrita, começando do lado direito para o lado esquerdo, estando de frente a olhar para ele. As sínteses descritas foram elaboradas pelos grupos e talvez não tenha transcrito em rigor as mesmas, devido à “incompreensão” de algumas palavras escritas pelos alunos.

⁵⁴ A partilha em grupo ajuda a consolidar conhecimentos e permite aos alunos contribuírem no seu próprio processo de ensino-aprendizagem.

Textos de Lucas	Grupos	Sínteses dos alunos
<i>Lc7,36-50</i>	23;15;20;21	Confiança; perdão e humildade. Jesus quer nos transmitir que temos que perdoar todos, temos de confiar e temos que ser humildes para todos. Além disso todos merecem uma 2.º, 3.º e 4.º oportunidade.
<i>Lc10,25-37</i>	9;12;13;24;26	Jesus com esta história quer ensinar-nos a amar o próximo, e estarmos atentos ao nosso redor. O levita e o sacerdote deveriam ter ajudado o homem, enquanto o Samaritano socorre-o a meio da estrada. A vida trás acontecimentos dos quais não estamos à espera.
<i>Lc 15, 1-2</i>	22;28;29;3;25	Jesus ensina a acolher todos mesmo aqueles que bebem ⁵⁵ .
<i>Lc, 12,22-32</i>	6;18;4;10;17	Jesus quer nos ensinar que a confiança em Deus é fundamental para acreditarmos em nós e não temermos.
<i>Lc 18,9-14</i>	5;11;16;2;28;7;1	Orgulho, arrependimento, perdão. Porque os dois homens que falam o texto encontram-se no templo. Um achava que não era pecador, o outro sabia e reconhecia. Mas estes dois não eram homens do coração de Deus por causa da necessidade de se compararem aos outros como justificativa para os seus pecados, pelo qual o orgulho era demais e o que é demais magoa (ou enjoa?). Alguns confiam muito em si mesmos, tendo-se por justos e desprezando os demais.

A análise deste quadro será enquadrada no conteúdo do III capítulo. No entanto, considero que os objetivos foram atingidos: os alunos souberam interpretar os textos propostos, e gostaram muito da dinâmica da aula.

A avaliação desta UL foi formativa, baseada no que os alunos escreveram na imagem de Jesus, na compreensão e interpretação dos textos, na realização do trabalho de grupo. A qualidade da oralidade na participação dos alunos no decorrer das aulas, também foi tida em linha de conta. A maior percentagem da avaliação neste processo de aprendizagem recaiu no teste escrito que na primeira parte englobava matéria da UL1 “*Ser Pessoa*”.

⁵⁵ Os alunos escreveram em letras mais pequenas “bebem”, pode ser uma referência a um contexto familiar...

Unidade Letiva: UL2 “*Jesus um Homem para os outros*”.

Sumário: Os Ensinamentos de Jesus: trabalho de grupo.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 45m	Recursos	Avaliação Formativa
E. Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo	2. Identificar o Deus misericordioso, anunciado por Jesus, como núcleo central da mensagem cristã.	<p>*Jesus lega-nos uma nova maneira de entender Deus, misericórdia pura: -A confiança no Deus bom, que não abandona a pessoa: Lc12,22-32; -Contra a exclusão, a inclusão no amor de Deus: inclusão dos marginalizados, dos pobres, dos doentes: Lc15,1-2; -A revolução do coração humano: viver centrados no amor ao próximo: Lc10,25-37; -O perdão de Deus e a necessidade de arrependimento: Lc7,36-50; -Uma relação que brota de uma relação com Deus no íntimo do ser e se manifesta na fraternidade, e não uma religião do culto exterior: Lc18,9-14</p>	Acolhimento e sumário	5'	Quadro Portefólio	
			Diálogo com os alunos sobre os conteúdos da aula anterior e escolha de grupos	7'	PowerPoint (Anexo 4)	Atenção e participação dos alunos
			Trabalho de grupo sobre os ensinamentos de Jesus	15'	Pergaminho Manual Caneta/lápis	Participação, colaboração e empenho na atividade
			Partilha dos trabalhos em grupo	15'	Cartolina (Puzzle) Placar da sala	Entusiasmo na partilha
			Síntese da aula	3'	Portefólio	Nível de participação

Proposta de Síntese: Devemos amar como Jesus nos ensinou.

3.2. Considerações finais da UL2 “Jesus um homem para os outros.”

Esta UL “mexeu” comigo enquanto pessoa. Na altura da lecionação estava a viver um período complicado na minha vida pessoal e familiar. Rever e trabalhar os conteúdos, principalmente os ensinamentos de Jesus, fez-me “parar” um pouco, refletir sobre a vida, ouvir o meu coração.

Enquanto docente procurei desenvolver as minhas capacidades na procura de novos materiais e estratégias para melhor transmitir aos alunos os conteúdos a apreender. Segui o programa trabalhando as *metas E. e K*, os seus *objetivos e conteúdos* subjacentes.

Quando iniciei esta Unidade Letiva pretendia diagnosticar o que os alunos sabiam sobre Jesus de Nazaré e no final da Unidade apurar o que os alunos aprenderam e não sabiam inicialmente. Contudo, isso não chegou a ser possível no sentido em que não acompanhei a turma até o final da Unidade.

Ao longo da lecionação, procurei sempre ir ao encontro dos alunos, pois nesta faixa etária ainda se encontram em fase de desenvolvimento, tanto ao nível cognitivo como ao nível moral. Nesta fase em que os alunos se encontram existe uma forte relação com o concreto, ou seja, com a realidade visível. A minha preocupação a nível pedagógico incidiu em relacionar os ensinamentos de Jesus com o concreto do nosso dia-a-dia.

Os conteúdos desta UL exigem um certo grau de abstração por parte dos alunos, o que pode dificultar um pouco a sua compreensão, interpretação e aquisição de conhecimentos. A maior dificuldade dos alunos foi entender o vocabulário existente nos textos.

Contudo, considero que os alunos compreenderam e assimilaram os conteúdos, sendo considerado muito Bom, o nível de aprendizagem.

A Unidade letiva está bem estruturada fazendo uma síntese da vida pública de Jesus, desde o seu nascimento, culminando na prisão, paixão, morte e ressurreição. Os conteúdos encontram-se elencados uns a seguir aos outros.

4. Transversalidade e relevância pedagógica da UL3 “A Partilha do Pão”.

A UL2 “*Jesus um homem para os outros*” faz ponte com a UL3 “*A Partilha do Pão*”, que se mostra transversal a várias UL, principalmente as que incluem a *Meta N*. Promover o bem comum e o cuidado do outro. Temos como exemplo dessa transversalidade, ao nível do 1.º ano a UL1 “*Ter um Coração Bondoso*” e a UL3 “*Crescer em Família*”. No 2.º ano a UL1 “*Ser Amigo*”; UL2 “*Ser Solidário*” do 3.º ano; UL4 “*Construir a Fraternidade*” do 5.º ano; UL4 “*A Paz universal*” do 7.º ano; todas estas UL mencionadas que incluem a *Meta N*. abrangem *objetivos* e *conteúdos* diferenciados. No entanto, ao nível de *conteúdos* a *meta* acaba por ser trabalhada noutras UL não mencionadas, em todos os ciclos de ensino. Ao nível do Secundário a temática da “*Partilha do Pão*” pode ser desenvolvida e aprofundada na UL3 “*Ética e Economia*”, onde os alunos refletem sobre a pobreza e desigualdades sociais e trabalham a *Meta N*. tendo como *objetivos*: Compreender a necessidade de globalizar a solidariedade; Mobilizar as capacidades e as competências pessoais em ordem à construção de uma economia mais justa. A UL5 “*A Religião como Modo de Habitar e Transformar o Mundo*” e a UL6 “*Um Sentido para a Vida*” também incluem a *Meta N*.

A UL3 “*A Partilha do Pão*” desenvolve-se destacando os valores éticos e morais da pessoa humana, centrados na perspetiva cristã, onde o “Pão”, não só adquire o valor do alimento necessário à sobrevivência humana, como adquire um significado simbólico cristão, destacando o serviço aos outros, ou seja: a promoção do bem comum e o cuidar do outro.

4.1. Didactologia da UL 3 “A Partilha do Pão”.

A Unidade Letiva “A Partilha do Pão” elucida o seu interesse pedagógico no sentido em que adquire um duplo significado: antropológico e teológico. Em sentido antropológico o pão apresenta-se como alimento subsistente à sobrevivência humana e como alimento de comunhão, encontro festa e partilha. Em sentido teológico o pão adquire um significado simbólico de alimento que subsiste na pessoa de Jesus Cristo, que se oferece como pão que alimenta para a vida eterna. Os cristãos são convidados a comer desse pão no banquete da Eucaristia.

Nesta temática, a partilha do pão materializa um significado simbólico-religioso: une o pão material ao pão espiritual. Constitui-se símbolo de vida, alimento do corpo e alma, símbolo de partilha e testemunho visível da arte de solidariedade. A partilha fraterna do pão reside na disponibilidade de cada um de nós dar-se como alimento aos outros: na gratuidade do voluntariado; na generosidade da solidariedade; na caridade para com os outros; na consumação da fraternidade.

Nas primeiras cinco aulas o processo de gestão levado a cabo incidu sobre o Programa da Disciplina, que atribui a *meta O*. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo, aos seguintes *objetivos*:

1. Descobrir a dimensão simbólica da refeição.
2. Reconhecer situações sociais nas quais esteja patente a injusta distribuição dos bens.
3. Identificar instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a eliminação da fome.
4. Reconhecer o valor da solidariedade.

Estes *objetivos* foram alcançados através dos *conteúdos* que foram sendo organizados de forma clara, de modo a serem apreendidos mais facilmente pelos alunos. Para atingir o *primeiro objetivo* foram trabalhados os seguintes *conteúdos* em duas aulas, sendo trabalhado na primeira aula o *conteúdo a)* e na segunda aula, os *conteúdos b) e c)*:

- a) A alimentação: a refeição; a refeição como experiência de encontro; o ritual da preparação da refeição e a sua expressão cultural.

A metodologia pedagógica-didática utilizada para iniciar esta temática consistiu numa breve síntese (apresentada em PowerPoint) dos *conteúdos* a apreender ao longo da UL, seguida de uma apresentação de produções estéticas (imagens elucidativas e abertas à reflexão), onde os alunos foram convidados a participar através do método de brainstorming. Para “ultrapassar” a tradicional roda dos alimentos apresentei uma produção em vídeo⁵⁶ elaborada por alunos da Faculdade de Nutrição Humana do Porto, que de forma simples e sintética apresenta a “*Dieta Mediterrânea – Património Cultural e Imaterial da Humanidade*”. Esta produção possibilitou aos alunos ver e ouvir a importância da “dieta mediterrânica” e seguidamente responder a um questionário, assimilando assim a matéria essencial a apreender.

É de realçar que esta temática sobre a alimentação permite a interdisciplinaridade com ciências naturais, e alguns alunos comentaram no final que parecia a aula de ciências. A interdisciplinaridade permite trabalhar o diálogo entre a cultura e a fé, uma das *finalidades* da disciplina: Estabelecer o diálogo entre a cultura e a fé. Esta *finalidade* aplica-se ao *domínio: Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida*, podendo associar a *meta L*. Estabelecer um diálogo entre a cultura e a fé.

O *objetivo* inicial continuou na aula seguinte, mas com *conteúdos diferentes (b e c)*:

- b) O significado simbólico-religioso do alimento e da refeição.
- c) O pão, o azeite, o vinho, a água, o cordeiro.

Os *conteúdos* permitiram utilizar uma metodologia diferenciada, mais ativa para os alunos. Inicialmente expliquei aos alunos a dinâmica a desenvolver e entreguei a todos umas frases e algumas fotos dos alimentos a refletir. Os alunos tinham que associar as frases aos

⁵⁶ O vídeo apresenta-se em anexo no CD.

alimentos no decorrer da aula, depois colar junto à imagem do alimento no cartaz. Ao longo da aula fui dando pistas aos alunos, dialogando sobre os conteúdos e orientando-os para a elaboração do cartaz. Os alunos colaboraram na dinâmica de forma ativa, quer no diálogo quer na elaboração do cartaz. Contudo, estiveram muito agitados e conversadores, não demonstrando grande interesse na matéria.

Na terceira aula, terminámos a dinâmica da aula anterior. Os alunos compreenderam que o alimento é essencial à vida e de acordo com a Bíblia os alimentos são uma dádiva de Deus, sendo a refeição um espaço de encontro e relação entre as pessoas, assim como, de comunhão e ação de graças. Ao terminar a síntese da aula anterior fiz a ponte para o *objetivo número dois*: Reconhecer situações sociais nas quais esteja patente a injusta distribuição dos bens. Este *objetivo* possibilitou trabalhar a temática do “comércio justo”, englobando o seguinte *conteúdo*:

- a) A produção e o comércio dos alimentos.

Apresentei esta matéria inicialmente de forma expositiva seguida de um pequeno vídeo sobre a produção de alimentos e as diversas formas de comercialização e transporte até chegar ao consumidor final. O vídeo⁵⁷ tem como tema “*Comercio Justo*” – *uma outra saída* – apresenta a produção do café, assim como, o valor injusto pago aos produtores que trabalham de sol a sol. São os processos de comercialização que adquirem o maior valor capital. Os alunos gostaram do filme e demonstraram que compreenderam a situação injusta através do pequeno questionário oral realizado no final do vídeo. Durante a aula, os alunos estiveram atentos e empenharam-se na participação.

O argumento que envolve o comércio justo, torna-se interessante no sentido que sensibiliza os alunos para vários problemas reais onde falha muitas vezes o respeito pela

⁵⁷ O vídeo encontra-se em anexo no CD.

dignidade dos produtores que na maioria das vezes não recebem o justo salário pelo seu trabalho. Os alunos são confrontados com valores de ordem moral e social, influenciando assim os valores de mercado, tendo como premissa o próprio comportamento humano, que em vez de contribuir para o bem comum, facilita a corrupção e a inflação que leva muitas vezes ao desperdício de alimentos e até à escassez dos mesmos.

Esta sensibilização passa também por levar os alunos a refletir sobre aquilo que desejam comprar: tenho necessidade de comprar isto ou só desejo satisfazer um capricho? Questiono se o valor que estou a dar pelo que vou comprar é justo?

Como o comércio justo envolve uma troca de bens e serviços é importante encontrar outra saída face à existente, de modo a satisfazer ambas as partes envolvidas, sem prejuízo para qualquer uma delas, só assim podemos caminhar para uma sociedade mais equitativa.

Este tema faz ponte com os *conteúdos da aula seguinte*, porque apesar da produção de bens ser suficiente para todos os seres humanos, continua a existir fome e pobreza no mundo. Surge a questão: Porquê? A questão desenvolve-se mantendo-se o *objetivo*, mas os alunos são confrontados com o grande flagelo da fome e da injusta distribuição dos bens. Os *conteúdos* associados a esta temática são:

- a) A Fome e a subnutrição;
- b) A Pobreza, a distribuição injusta dos bens de primeira necessidade.
- c) Instituições nacionais e Internacionais vocacionadas para acabar com a fome: - FAO (Organização da Agricultura e Alimentação) – Bancos Alimentares Contra a Fome.

A *quarta aula* teve início com a apresentação de imagens alusivas às causas naturais e humanas que contribuem para a escassez de alimentos no mundo. A metodologia em PowerPoint serviu como pano de fundo ao Plenário sobre as causas da fome: os alunos identificavam a causa implícita à imagem e escreviam no quadro elaborado por eles no

portefólio. As imagens permitiram aos alunos entender as consequências da guerra, do desemprego, da falta de organização social e económica, das catástrofes naturais...etc.

O tema da fome “impressionou” os alunos, porque ao longo da nossa existência, num dado momento já sentimos fome. Os alunos gostaram muito da aula, sendo a participação efusiva de todos muito enriquecedora. Não houve tempo para chegar ao *conteúdo* sobre as instituições que ficou para a aula seguinte.

A dinâmica escolhida aproxima-nos da *finalidade*: Estruturar as perguntas e encontrar respostas para as dúvidas sobre o sentido da realidade, no *domínio* da *Ética e Moral*, convertendo-se na *meta* O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.

Na *quinta aula* prosseguimos com o *objetivo número três*: Identificar instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a eliminação da fome, abrangendo os seguintes *conteúdos*:

g) Instituições nacionais e Internacionais vocacionadas para acabar com a fome: - FAO (Organização da Agricultura e Alimentação) – Bancos Alimentares Contra a Fome.

Após a visualização do vídeo⁵⁸ sobre a FAO “*Dia Mundial da Alimentação, 2017, Migrações*” e sua interpretação, visualizámos imagens do Banco Alimentar. Os alunos já estavam familiarizados com o Banco Alimentar, ou porque já participaram nas suas campanhas como voluntários ou porque já viram os pais contribuir com alimentos para ajudar esta causa. O conteúdo faz ponte com o *objetivo número quatro*: Reconhecer o valor da solidariedade, que incorpora os seguintes *conteúdos*:

- g) Solidariedade e voluntariado.
- h) Fraternidade, amor partilhado.
- i) A vida em comum e a partilha dos bens nas comunidades dos primeiros cristãos: *Act 2, 42-47*.

⁵⁸ O vídeo encontra-se em anexo no CD.

O tema da Solidariedade e Voluntariado foi apresentado em PowerPoint com recurso a produções estéticas. Os alunos identificaram as imagens e participaram de forma efusiva, demonstrando alguns conhecimentos de ordem social e cívica, nomeadamente em questões ambientais, reforçando a ideia da necessidade da limpeza das florestas para evitar incêndios. As imagens apresentadas do Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa em ações de voluntariado e solidariedade foram muito apreciadas pelos alunos. Um deles comentou que o Presidente da República demonstrou uma atitude muito nobre. Esta nobreza de carácter permitiu elencar a vida em comunidade dos primeiros cristãos, onde os alunos tiveram a oportunidade de ler o texto bíblico *Act 2, 42-47*. A partilha dos bens dos primeiros cristãos, a preocupação de que todos tenham o necessário para viver e o louvor a Deus, foi apreendido pelos alunos.

Seguidamente, apresentei um pequeno vídeo⁵⁹, para dar um exemplo de como podemos ser solidários no nosso dia-a-dia. Os alunos gostaram e fizeram um breve comentário no final da apresentação. Para consolidar a matéria foi entregue a todos os alunos uma folha contendo uma sopa de letras com seis palavras-chaves: *Amor, Partilha, Cooperação, Solidariedade, Generosidade e Fraternidade*. Os alunos foram convidados a encontrar as palavras e no final construir uma frase com as mesmas, ou outras de características semelhantes. Os alunos gostaram da sopa de letras e empenharam-se na construção da frase, desenvolvendo assim, a sua criatividade de forma escrita.

A UL contemplou oito aulas de quarenta e cinco minutos cada previstas para o ano letivo de 2017/2018, das quais lecionei as cinco primeiras, as restantes aulas foram lecionadas pelo professor cooperante.

⁵⁹ O pequeno vídeo encontra-se em anexo no CD, intitulei-o “Ser solidário é ser fraterno”.

Apresento de seguida a planificação de nível III para uma visão abrangente da UL, apresentando depois a lecionação das aulas e respetivas planificações de nível IV.

4.2. Planificação de nível III

Ano: 6.º - Unidade Letiva 3: “A Partilha do Pão”.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Avaliação	Aula n.º
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	1. Descobrir a dimensão simbólica da refeição.	*A alimentação: -a refeição -a refeição como festa e experiência de encontro -o ritual da preparação da refeição e a sua expressão cultural.	Vídeo sobre a alimentação. Diálogo sobre o filme.	Atenção e empenho na participação oral	1
		*O significado simbólico-religioso do alimento e da refeição *O pão, o azeite, o vinho, a água, o cordeiro.	Interpretação de imagens. Trabalho em cartolina	Atenção e empenho na tarefa proposta	2
	2. Reconhecer situações sociais nas quais esteja patente a injusta distribuição dos bens.	*A produção e o comércio dos alimentos. *A fome e a subnutrição; *A pobreza, a distribuição injusta dos bens de primeira necessidade.	Vídeo sobre o comércio justo –uma outra saída- Produções estéticas Escrever pequeno texto sobre as causas da fome.	Atenção e participação no debate oral. Empenho na tarefa escrita proposta.	3
	3. Identificar instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a eliminação da fome.	*Instituições nacionais e internacionais vocacionadas para acabar com a fome: -FAO (Organização da Agricultura e Alimentação) -Bancos Alimentares Contra a Fome.	Imagens/vídeo. Completar texto	Atenção, participação e empenho dos alunos na tarefa proposta.	4
	4. Reconhecer o valor da solidariedade.	*Solidariedade e voluntariado. *Fraternidade, amor partilhado. *A vida em comum e a partilha dos bens nas comunidades dos primeiros cristãos: Act2, 42-47	Testemunho de Solidariedade e voluntariado Imagens/vídeo Interpretação de texto bíblico	Atenção, participação e empenho dos alunos nas questões colocadas ao convidado	5

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Avaliação	Aula nº
J. Descobrir a simbólica cristã.	5. Reconhecer nos relatos da Última Ceia o seu significado essencial para a mensagem cristã.	*A Última Ceia, sinal da entrega de Jesus por amor: Mc 14,12-25. *O Lava-pés, sinal do serviço de Jesus por amor: Jo 13, 3-7. 13-17	Dramatização dos textos e interpretação do mesmo.	Atenção, participação e empenho dos alunos	6
	6. Tomar consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de si.	*Ser pão para os outros: -a doação de si mesmo; -o amor partilhado com os mais necessitados. *A diversidade de carismas no serviço: 1 Cor 12,4-11	Apresentação de fotos de doação de si realizadas pelos alunos. Exemplos de D. Bosco/Madre Teresa de Calcutá.	Escuta atenta dos trabalhos apresentados pelos colegas; Participação e empenho dos alunos	7
N. Promover o bem comum e o cuidado do outro.	7. Valorizar a atitude do voluntariado.	*O exemplo cristão de «pão para os outros»: -Cáritas; -Conferencias Vicentinas de S. Vicente de Paulo; -Comunidade Vida e Paz.	Testemunhos de exemplos cristãos. Imagens/vídeo	Atenção, participação e empenho dos alunos nas questões colocadas.	8

4.3. Lecionação da UL3 “A Partilha do Pão”.

4.3.1. Aula n. °1 - A alimentação e a sua expressão cultural: interpretação de imagens e vídeo.

Após o toque de saída, alguns alunos olharam para a porta e saudaram-me, fiz sinal para estarem com atenção ao professor, retribuíram fazendo sinal de que já tinha terminado a aula. O professor de português ao sair da sala cumprimentou-me amavelmente dizendo: Bem-vinda⁶¹!

Entrei na sala saudei os alunos que corresponderam à saudação. O aluno n.º 28 pediu se podia entregar os portefólios, disse que sim e pedi também à delegada de turma para ajudar na entrega. O aluno n.º 1 pediu se podia entregar na próxima aula, respondi que teria que se portar bem na presente aula.

Liguei o computador e projetei o sumário, transmitindo aos alunos que quem já tinha recebido o portefólio podia começar a passar. A entrega dos portefólios estava a ser um pouco lenta, pedi à aluna n.º 6 para ajudar. O aluno n.º 19 veio ter comigo e mostrou-me o olho direito, estava um pouco vermelho, disse-lhe que podia ir ao WC lavar o olho.

Reparei que os alunos estavam em lugares diferentes (houve mudanças na planta da sala). A aluna n.º 18 pediu se podia ir para a frente (estava um lugar vago), a aluna n.º 13 e a aluna n.º 16 vieram ter comigo, pediram se podiam mudar de lugar (estavam no lado da janela e queriam ir para o lado oposto) ao que respondi que não (isso significava mudanças, destabilizava a aula, no sentido em que mais alunos pediriam...).

⁶¹ Após ter terminado as aulas lecionadas da UL2, não fui mais à ESM, só apareci neste dia, já no 3.º período, daí a saudação do professor de português, e dos alunos que ao me verem na porta da sala, ficaram contentes e começaram a acenar-me.

Após a entrega dos portfólios os alunos passaram o sumário, alguns alunos levaram mais tempo porque ainda conversavam uns com os outros, ao que fui chamando a atenção.

Ao dar conta de que tinham terminado de passar o sumário, iniciei a apresentação (de forma sintetizada) da Unidade Letiva “*A Partilha do Pão*”, que iríamos desenvolver ao longo do período. Os alunos estiveram atentos à apresentação.

Seguidamente, projetei os dispositivos e a cada imagem, os alunos levantavam os braços para participarem. Como alguns alunos não estavam a participar, optei por ser eu a solicitar a participação, mas os alunos não corresponderam, nomeadamente os números: 26, 27 e 29. Após a dinâmica de brainstorming, continuei a aula com a projeção de um pequeno vídeo sobre a “*Dieta Mediterrânea*” elaborado por alunos da Faculdade de Nutrição do Porto.

Os alunos estiveram atentos ao vídeo e gostaram, no final tinham um pequeno questionário para responder oralmente, e colocar por escrito no portfólio, mas nem todos souberam responder de imediato ao questionário. O tempo de aula terminou e não deu tempo para chegar à síntese da aula⁶².

⁶² Além de ter sentido que a aula correu bem e de forma normal, questionei-me o que poderia ter feito de diferente para melhorar o meu desempenho e os alunos terem reagido de outra forma. O professor cooperante mencionou que houve uma participação abundante, efusiva e motivada da parte dos alunos. Contudo, houve barulho e agitação, ao que não geri bem a situação, levantei a voz e pedi calma algumas vezes. Aconselhou-me que nestas situações o melhor é parar a aula e ser mais assertiva. Devia ter dado mais tempo aos alunos para responderem ao questionário do vídeo, levar a turma toda em conjunto, e se percebo que não consigo cumprir com o plano de aula, devo intuir o que posso cortar e passar à síntese. Como positivo, salientou o fato de a aula ter sido centrada nos alunos, as atividades foram interessantes e encadeadas.

Unidade Letiva: UL3 “A Partilha do Pão”.

Sumário: A Alimentação e a sua expressão cultural: Interpretação de imagens e vídeo.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 45m	Recursos	Avaliação Formativa
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	1. Descobrir a dimensão simbólica da refeição	*A alimentação: - a refeição; - o ritual da preparação e a sua expressão cultural - a refeição como festa e experiência de encontro;	Acolhimento e sumário	5´	PPT/quadro Portefólio (anexo 1)	
			Apresentação da UL3	5´	PPT/Quadro (anexo 1)	Atenção dos alunos.
			Interpretação de imagens sobre a alimentação através do método brainstorming. Visualização de um vídeo sobre Dieta Mediterrânica , seguido de um pequeno questionário individual sobre o vídeo. Diálogo com os alunos através de imagens projetadas sobre a importância da refeição como experiência de encontro.	33´	PPT/Quadro, portefólio (anexo1) Vídeo Quadro/portefólio PPT/Quadro	Nível de participação e empenho na atividade. Atenção, concentração e empenho na atividade. Atenção e nível de participação.
			Síntese	2´	Portefólio	Nível de participação.

Proposta de Síntese: Os alimentos são fonte de energia e comunhão entre os seres humanos.

4.3.2. Aula n. º2 - Significado Simbólico- Religioso dos alimentos: elaboração de cartaz.

Entrei na sala de aula saudando os alunos que estavam sentados há minha espera, cheguei dois minutos após o professor de português ter saído da sala. Chamei a delegada e o subdelegado para distribuírem os portfólios e os manuais. Gerou-se um pouco de agitação por parte dos alunos, que nem ligaram à entrada do professor cooperante nem do Mestre Juan Ambrósio, coordenador de Estágios da Universidade Católica. Os alunos número 6 e 19 não se encontravam presentes na sala.

Iniciei a aula questionando a síntese da aula anterior e passei ao sumário da aula presente, explicando a dinâmica que iríamos desenvolver: descobrir o significado simbólico da refeição e dos alimentos na cultura hebraica.

Seguidamente, distribuí pelos alunos imagens alusivas aos alimentos em estudo e frases contendo a sua simbologia e importância, começando por expor o conteúdo dando pistas para os alunos identificarem a que alimento a sua frase correspondia.

Percebi que os alunos começaram a falar uns com os outros, partilhando as frases recebidas. Nesta agitação houve barulho, a minha atitude foi passiva, não levantei a voz, e fiz algumas pausas. Os alunos participaram no decorrer da aula, mas continuaram agitados. Uma das alunas começou a cantar (um pouco baixo) para outras colegas a canção “Oh oliveira da serra...”, quando se apresentou o azeite⁶³.

⁶³ Ao refletir sobre a aula, percebi que podia ter optado por outra dinâmica e assim tinha terminado o plano de aula que não chegou a ser cumprido ficando ainda muito por fazer. Devia ter colocado primeiro as fotos no cartaz e depois pedir aos alunos para lerem as frases que tinham recebido e associarem aos alimentos. Talvez não houvesse tanta agitação na turma.

O Mestre Juan Ambrósio e o professor cooperante concordaram com a minha reflexão. A dinâmica era interessante, mas podia ser maior, em vez de cartaz ser um painel (algo que tinha pensado inicialmente). Contudo, a agitação dos alunos percorreu a aula toda, não permitindo o melhor funcionamento da mesma, nestes casos deve-se adotar logo uma nova estratégia, introduzindo assim a “quebra de dinâmica”.

Unidade Letiva: UL3 “*A Partilha do Pão*”.

Sumário: Significado simbólico-religioso dos alimentos e da refeição: elaboração de um cartaz.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 45m	Recursos	Avaliação Formativa
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	1. Descobrir a dimensão simbólica da refeição.	* O significado simbólico-religioso do alimento e da refeição. *O Pão, o azeite, o vinho, a água, o cordeiro.	Acolhimento e entrega de portefólios.	5´		
			Síntese da aula anterior. Sumário.	5´	PPT (anexo 1 e 2) /Quadro/Portefólio	Nível de participação
			Elaboração de cartaz: Diálogo com os alunos sobre a temática e dinâmica da presente aula. Entrega de imagens e frases aos alunos alusivas aos conteúdos. Os alunos associam as frases às imagens e vão elaborando o cartaz através de uma dinâmica individual e cooperativa.	33´	PPT/Quadro (anexo 2) Frases/imagens Cartolina e cola	Atenção e compreensão da atividade. Nível de participação e empenho. Participação ordeira e ordenada.
			Síntese da aula	2´	PTT/Quadro/Portefólio	Nível de participação

Proposta de Síntese: Os alimentos e a refeição assumem um significado importante na vida dos povos e na sua relação com Deus.

4.3.3. Aula n. 03 - A produção e o comércio dos alimentos: debate sobre o vídeo.

Após o toque de saída o professor de português deixou a sala cumprimentando-me e desejando boa aula. Entrei na sala saudando os alunos que retribuíram à saudação, encaminhei-me para a secretária do professor a fim de dar início à sessão no computador.

Os alunos perguntaram se iam terminar a dinâmica da aula anterior, ao que respondi que sim⁶⁴. Dei indicação para a distribuição dos portfólios e manuais, ao mesmo tempo que pedia para se acalmarem um pouco. Notei a ausência da aluna n.º 20.

Questionei os alunos para saber quem tinha a letra mais bonita e quase todos mencionaram o nome da aluna n.º 17. Chamei a aluna e dei indicações do que pretendia. A aluna começou a escrever na cartolina enquanto eu projetava os dispositivos da aula anterior, e assim retomámos a matéria em falta. Os alunos que tinham recebido as imagens, colaram-nas na cartolina, enquanto os restantes alunos iam participando lendo as frases que entregavam a um colega, que as colava na imagem correspondente.

Terminando a dinâmica da aula anterior, dei início à aula presente projetando um vídeo sobre o comércio justo - uma outra saída. Os alunos estiveram atentos ao vídeo e no final debatemos ideias sobre a mensagem transmitida, respondendo a algumas questões colocadas⁶⁵.

⁶⁴ Considero a “consciencialização” dos alunos face ao seu comportamento na aula anterior (agitação e distração), muito positiva.

⁶⁵ Consegui terminar o plano da aula anterior, mas não consegui terminar o plano desta aula. Notei que a turma continua um pouco agitada, contudo, estiveram atentos na parte expositiva e a participação dos alunos foi ordenada, tanto no que se refere à matéria da aula anterior, como no debate sobre o vídeo do comércio justo.

Unidade Letiva: UL3 “A Partilha do Pão”.

Sumário: A produção e o comércio dos alimentos: debate sobre o vídeo.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 45m	Recursos	Avaliação Formativa
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	1. Descobrir a dimensão simbólica da refeição.	*O Pão, o azeite, o vinho, a água, o cordeiro.	Acolhimento	5'	Entrega de portefólios e manuais (anexo 3)	
			Sumário	3'		
	2. Reconhecer situações sociais nas quais esteja patente a injusta distribuição dos bens	*A produção e o comércio dos alimentos	Terminar o trabalho iniciado na aula anterior de forma cooperativa.	15'	PTT (anexo 2)/Quadro Imagens Cartolina cola	Nível de participação e empenho.
			Apresentação de vídeo sobre o “comércio justo”	20'	Vídeo/quadro	Atenção ao vídeo
			Debate sobre o vídeo		Quadro/portefólio	Nível de participação
			Questionário para consolidar os conhecimentos adquiridos		Quadro/Portefólio	Nível de participação
		Síntese	2	Portefólio	Empenho	

Proposta de Síntese: O comércio justo respeita todos os intervenientes no processo de venda.

4.3.4. Aula n. °4 - A fome e a injusta distribuição dos bens: plenário sobre as causas da fome.

Após o toque de saída o professor de português deixou a sala cumprimentando-me. Entrei na sala, saudei os alunos que retribuíram a saudação. Encaminhei-me para a secretária do professor a fim de dar início à sessão no computador. A delegada e o subdelegado distribuíram os portefólios e manuais sem grande agitação. Os alunos estavam calmos, notei a ausência da aluna n. °25.

Iniciei a aula fazendo alusão aos conteúdos da aula passada e em conjunto com os alunos elaborou-se a síntese da aula. De seguida projetei o sumário da aula presente, esperei que todos passassem para o portefólio.

As primeiras imagens contidas nos dispositivos iniciais (tema e sumário) causaram um certo desconforto em alguns alunos, uma das alunas chegou a comentar: “*ai professora...tire essas imagens*”. Nessa altura percebi que fiz bem não ter selecionado mais imagens “*chocantes*” para apresentar, pois tinha previsto que podia causar algum desconforto nos alunos: observarem crianças muito magras e desnutridas.

Após verificar que todos tinham passado o sumário, informei os alunos que em vez do teste escrito este período tinham um trabalho para elaborar que quantificava mais de metade da nota a atribuir no final do período⁶⁶. Os alunos ficaram contentes por não terem teste, e muitos perguntaram se podiam fazer o trabalho em grupo, respondi que era individual, para realizar em casa, podiam pedir ajuda aos pais. Houve alunos que ainda insistiram se podiam fazer em grupos de dois.

⁶⁶ No início do 3.º período, o professor cooperante transmitiu que a escola definiu que este período a disciplina de EMRC não concretizaria nenhum teste escrito, devendo os professores adotar outro método de avaliação. Neste sentido foi acordado que os alunos produziam um trabalho individual final com o peso do teste 55%. O trabalho consistia na elaboração de um cartão de identidade de uma Organização Nacional ou Internacional vocacionada para eliminar a fome e a pobreza no Mundo. Os alunos tinham que pesquisar e escolher uma organização, citar o nome da mesma e o deles, mencionar qual a sua função na organização, qual a sua origem, missão e projetos desenvolvidos e a desenvolver. A maioria dos alunos entregou um trabalho real, concreto, de uma organização à qual já prestam um serviço voluntário e solidário.

As questões relacionadas com o trabalho foram esclarecidas e passei à explicação da dinâmica da presente aula, começando pela elaboração de um quadro no portefólio.

À medida que as imagens iam sendo expostas, os alunos solicitados, interpretavam a imagem, relacionando-a com causas naturais ou causas humanas. Clarificada a causa apresentada, todos escreviam no portefólio (no quadro elaborado por eles).

Todos os alunos quiseram participar na aula, e no final da mesma, entreguei-lhes um papel com as indicações do trabalho que tinham que realizar. A delegada de turma ficou com o papel da aluna n.º 25 (ausente na presente aula) para lhe entregar⁶⁷.

⁶⁷ Terminei o plano da aula anterior, mas não consegui terminar o plano desta aula, ficando as instituições por apresentar. Os alunos estiveram mais calmos e houve um bom nível de participação. Consegui gerir melhor a participação dos alunos, dando oportunidade a que todos pudessem participar.

O professor cooperante concordou com a minha autoavaliação, salientando aspetos positivos: participação mais ordeira e ordenada; imagens claras e significativas, atraindo a atenção dos alunos, ficando focados no que interessa; aula mais serena e tranquila. Os conteúdos foram apreendidos e os objetivos alcançados. Houve uma evolução na lecionação.

Unidade Letiva: UL3 “*A Partilha do Pão*”.

Sumário: A Fome e a injusta distribuição dos Bens: Plenário sobre as causas da fome.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 45m	Recursos	Avaliação Formativa
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	2. Reconhecer situações sociais nas quais esteja patente a injusta distribuição dos bens	*A Fome e a subnutrição; *A Pobreza, a distribuição injusta dos bens de primeira necessidade.	Acolhimento	5'		
			Síntese da aula anterior. Sumário.	5'	PPT (anexo 3 e 4) /Quadro/Portefólio	Nível de participação.
	3. Identificar instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a eliminação da fome.	*Instituições nacionais e Internacionais vocacionadas para acabar com a fome: -FAO (Organização da Agricultura e Alimentação) -Bancos Alimentares Contra a Fome.	Plenário sobre as causas da Fome: São apresentadas imagens aos alunos alusivas à fome e à pobreza. Os alunos terão que identificar se a fome tem origem em causas naturais ou em causas humanas. Há medida que identificam as causas vão preenchendo um quadro.	25'	PPT (anexo 4) /Quadro/Portefólio	Participação ativa, organizada e ordeira.
			Apresentação de vídeo sobre a FAO “Dia Mundial da Alimentação, 2017, Migrações”, e sua interpretação. Apresentação de imagem	8'	Vídeo PPT (anexo 4)	Atenção e participação
		Síntese da aula	2'	PPT/Portefólio (anexo 4)	Nível de participação	

Proposta de Síntese: A injusta distribuição de bens contribui para o aumento da fome e da pobreza.

4.3.5. Aula n.º 5 - Solidariedade e voluntariado: sopa de letras e construção de frase.

Após o toque de saída o professor de português deixou a sala cumprimentando-me, entrei saudando os alunos, e alguns começaram logo por mencionar que não tinham trazido o trabalho. Sugeri que se sentassem todos, mencionando que íamos falar do trabalho. Pedi à delegada e subdelegado que distribuíssem os portefólios e manuais, enquanto recolhia os trabalhos que foram poucos. Os alunos alegaram que tinham tido testes e estiveram a estudar para os mesmos, não tendo tempo para elaborar o trabalho. Pediram mais tempo, concedi, estipulando a sexta-feira seguinte para entregarem os trabalhos ao professor titular. Os alunos em falta concordaram.

Dei início à aula apresentando os dois últimos dispositivos da aula anterior e terminámos com a síntese da mesma. Passei ao sumário da aula presente e sua apresentação. À medida que ia apresentando imagens aos alunos, constatei que sabiam exatamente o que significava ser voluntário. Na apresentação ambiental, mencionaram, além da recolha do lixo, a limpeza das florestas para evitar os incêndios⁶⁸.

Na apresentação de imagens com o Presidente Marcelo Rebelo de Sousa, em ações de voluntariado e solidariedade, uma aluna comentou que era uma atitude muito nobre da parte dele. Esta intervenção permitiu uma ligação ao exemplo de Jesus na cena do lava-pés⁶⁹, assim como, encadear com a vida dos primeiros cristãos (*At 2, 42-47*).

Terminada esta ilustração apresentei um pequeno vídeo, exibindo um exemplo de como podemos ser solidários com os outros no nosso dia-a-dia. Os alunos gostaram e comentaram um pouco o vídeo.

⁶⁸ É interessante como os alunos associaram a imagem logo à questão da limpeza das florestas para evitar os incêndios.

⁶⁹ Aludi ao seu exemplo e expliquei que nas próximas aulas iam desenvolver e entender melhor esta atitude nobre e humilde, imbuída no espírito de serviço para com o próximo.

Entretanto, distribuí uma folha que continha uma sopa de letras a cada um. O objetivo consistia em identificar seis palavras e no fim compor uma frase enquadrando-as. Fui percorrendo a sala esclarecendo dúvidas aos alunos que me chamavam e ajudando os que tinham mais dificuldade. Assim que todos terminaram, elaborámos a síntese da aula. No final o professor cooperante Frederico Batista informou a turma, de que, esta era a minha última aula com eles, desejando felicidades e agradeceu a sabedoria partilhada⁷⁰.

Ao longo das cinco aulas avaliei os alunos pela qualidade da participação oral, tendo em conta a utilização de vocabulário e conceitos apreendidos; dividi a cotação do trabalho final com o trabalho da construção de frase através das palavras encontradas na sopa de letras. Dando assim, oportunidade a todos, principalmente aos pouquíssimos alunos que acabaram por não entregar o trabalho final, de não ficarem “prejudicados” na nota de final de ano.

⁷⁰ A aula correu dentro da normalidade, além dos alunos terem estado um pouco conversadores, cumpriram com o que lhes foi pedido. Mostraram interesse pelos conteúdos e imagens apresentadas, participaram de forma ordeira e ordenada mostrando entusiasmo na dinâmica proposta. Terminei a temática da aula anterior e cumpri em pleno o plano da aula presente. No geral o comportamento dos alunos foi bom, assim como o empenho demonstrado na dinâmica da aula.

Unidade Letiva: UL3 “A Partilha do Pão”.

Sumário: Solidariedade e voluntariado: Sopa de letras e construção de frase.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	⌚ 45m	Recursos	Avaliação Formativa
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	3. Identificar instituições nacionais e internacionais vocacionadas para a eliminação da fome.	*Instituições nacionais e Internacionais vocacionadas para acabar com a fome: -FAO (Organização da Agricultura e Alimentação) -Bancos Alimentares Contra a Fome	Acolhimento	5'		
			Terminar a temática da aula anterior. Síntese Sumário.	15'	PPT (anexo 4 e 5) /Quadro/Portefólio Vídeo sobre a FAO	Nível de participação.
	4. Reconhecer o valor da solidariedade.	*Solidariedade e voluntariado. *Fraternidade, amor partilhado. *A vida em comum e a partilha dos bens nas comunidades dos primeiros cristãos: Act 2, 42-47	Sopa de letras e construção de frase: Brainstorming sobre o que é solidariedade e voluntariado. Apresentação de imagens com exemplos significativos de voluntariado e apresentação de vídeo sobre solidariedade no dia-a-dia. No final os alunos encontram 6 palavras na sopa de letras e constroem uma frase sobre solidariedade e voluntariado.	23'	PPT (anexo 5) /Quadro/Portefólio Vídeo. Folha de papel.	Participação ativa, organizada e ordeira. Atenção e compreensão. Concentração e empenho
			Síntese	2'	Portefólio	Participação

Proposta de Síntese: Ser voluntário e solidário é expressar o amor de Deus que habita no nosso coração.

4.4. Considerações finais da UL3 “A Partilha do Pão”.

A UL3 “A Partilha do Pão” decorreu da forma que está planeada no programa da disciplina: os *objetivos* e *conteúdos* encontram-se elencados uns a seguir aos outros. A aula que decorreu mais “barulhenta e agitada” foi a segunda aula, que apresentava o significado simbólico-religioso dos alimentos. Talvez a dinâmica da aula tenha permitido tanta “agitação” ou os próprios conteúdos não tenham chamado muito a atenção dos alunos. O interesse demonstrado neste conteúdo não foi muito visível por parte dos mesmos. Ao longo destes últimos anos de lecionação ao sexto ano de escolaridade, tenho notado que esta matéria não suscita muito interesse nos alunos, para os envolver tenho optado pela pedagogia cooperativa, em que cada grupo trabalha um alimento. No final cada grupo expõe à turma o que compôs/aprendeu sobre o alimento. Considero que a pedagogia cooperativa funciona bem nesta temática, os alunos envolvem-se e participam de forma entusiasmada.

A programação desta UL está bem enquadrada neste ano de ensino: os alunos são sensibilizados para o grande problema da fome e da injusta distribuição dos bens; realça a importância do valor da solidariedade; tomam consciência de que a partilha dos bens supõe a partilha de si mesmo. Esta matéria é crucial nesta unidade letiva, e abre o caminho para a compreensão dos gestos de Jesus, tanto na Última Ceia, como na cena do Lava-pés. Esta temática foi ligeiramente abordada nestas aulas (sempre que considerei pertinente, aludi ao exemplo de Jesus) mas o seu desenvolvimento foi nas aulas seguintes as quais já não lecionei.

O programa da disciplina não contempla nesta UL o *Domínio da Religião e Experiência Religiosa*, que a meu ver deveria constar através da *meta B*: Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história. Os *objetivos* associados seriam os números *um* e *quatro*: Descobrir a dimensão simbólica da refeição e Reconhecer o valor da solidariedade com os respetivos *conteúdos* subjacentes a cada *objetivo*.

Durante a lecionação tive o cuidado em planificar as aulas mais centradas nos alunos e percecionei que os alunos gostaram das mesmas. Diversifiquei as estratégias recorrendo a produções estéticas (imagens interessantes e elucidativas); vídeos (recentes com qualidade de imagem); diálogo através do método brainstorming para os envolver nos conteúdos propostos, desenvolvendo neles um sentido crítico/reflexivo sobre problemas sociais básicos e concretos das sociedades do nosso século. Procurei sempre estabelecer uma boa coerência entre *objetivos* e *conteúdos*, utilizando estratégias diferenciadas, de modo a permitir uma efetiva assimilação das aprendizagens, favorecendo a autoaprendizagem e a autonomização progressiva dos alunos.

Estimulei o sentido crítico/reflexivo face à injusta distribuição dos bens, consequência das injustiças sociais, políticas e económicas, destacando a falta de valores éticos e morais, nas atitudes humanas, até porque a *“ganância de uns é a pobreza de muitos”*. De igual modo, promovi o valor da solidariedade, uma forma de doarmos um pouco de nós próprios aos que mais necessitam, assim como, a todos com quem nos relacionamos no nosso dia-a-dia. O apelo à criatividade e à reflexão crítica desenvolveu a dimensão espiritual dos alunos.

Para finalizar, ressalto que a composição e estrutura deste capítulo apresenta-se mais extensa face aos capítulos seguintes. Considerei importante apresentar a Instituição Salesianos de Manique-Escola, e as UL lecionadas, de modo a puder testemunhar que ambas se encontram em uniformidade com o sistema preventivo proposto por Dom Bosco, há quase dois séculos atrás. A explanação do capítulo seguinte descreve como surgiu o seu sistema educacional, e como Dom Bosco através da religião, contribuiu para a regeneração da sociedade em que vivia.

CAPÍTULO II – DOM BOSCO, O TEMPO, A PESSOA, A OBRA.

Para elucidar o sistema preventivo de Dom Bosco, apresento uma pequena narrativa histórica, sobre o tempo em que viveu, a sua pessoa, a sua obra evangélica, educativa e empreendedora. Um estudo profundo e bibliografado sobre a sua pessoa e obra não é de todo o objetivo deste trabalho, nele pretendo simplesmente, dar a conhecer o seu sistema educacional e a sua notoriedade enquanto “*cidadão, educador e bom cristão*”. A preocupação tida com o futuro dos rapazes desprotegidos e sem família constituiu-se a base de toda a sua pedagogia. Transmitir aos jovens rapazes a esperança de um mundo melhor, construído através do conhecimento (razão) e da caridade (amor e amabilidade), aprender com a religião os preceitos morais para agradar a Deus e aos homens, tornou-se a tarefa árdua da sua missão. O seu contributo foi significativo e importante, para o garante da ordem social e a própria regeneração da sociedade em que vivia.

1. A época de Dom Bosco.

O início do século XIX foi marcado pela passagem definitiva da Europa do *ancien regime* para a idade contemporânea, favorecida pelo forte abalo impresso no curso da história pela Revolução Francesa e pelo Império Napoleónico (1789-1814). Houve uma viragem

refreada pelas resoluções do Congresso de Viena (1814-1815), que deu uma organização provisória à geografia política da Europa, e pela Santa Aliança (26 de setembro de 1815)⁷¹.

No decorrer do século, existiram muitos fenómenos históricos que mudaram o rosto da Europa, e, do mundo inteiro no final do século. Podemos destacar as rápidas transformações culturais e sociais; a revolução industrial; as profundas aspirações à unidade nacional que, de início, inesperadas, foram realizadas com particular determinação na Alemanha e Itália; a expansão colonial da Europa e o concomitante imperialismo político, económico e cultural⁷².

A passagem dá-se de um modo progressivo e diversificado, do modelo secular de sociedade das ordens (aristocracia, clero, estado), para a sociedade burguesa, baseada na divisão de classes. A sociedade passa a caracterizar-se por crescentes tensões, agudizadas pelo nascer de um proletariado industrial consciente da própria miséria humana e injustiças sociais existentes.

Dom Bosco viveu entre 16 de agosto de 1815 e 31 de janeiro de 1888. Cresceu e formou-se num ambiente rural, tradicionalista, desenvolvendo a sua atividade na cidade de Turim, que assumia sempre mais as características de cidade industrial e financeira, e que, por meio da nova burguesia emergente, se preparava para tornar-se o centro da unidade nacional⁷³. Formado no período da “Restauração”⁷⁴, defrontou-se com o desenvolvimento do liberalismo constitucional e depois com os problemas suscitados pela unificação nacional italiana, com o fim do Estado Pontifício, com o fenómeno do anticlericalismo e da oposição católica, com a

⁷¹ Cf. P. BRAIDO, *La esperienza pedagogica de Dom Bosco*, LAS, Roma, 1989, 9.

⁷² Cf. J. GODECHOT; *L'epoca delle rivoluzioni*. Torino, Uter 1981, 929 citado por, P. BRAIDO, *Prevenir não reprimir*, Edições Salesianas, Porto, 1999, 9.

⁷³ Cf. *Ibidem*, 11. No campo político italiano temos como elementos de transformação, a unificação nacional italiana e o fim do poder temporal dos Papas: também neste aspeto, a história política da Itália entrelaça-se inevitavelmente com a história religiosa. Por um lado, a existência do estado Pontifício é vista como problema territorial e político italiano; por outro, ao invés, é considerado problema teológico vital, que diz respeito à Igreja universal e envolve a política internacional.

⁷⁴ Cf. *Ibidem*, 12. No período de 1815-1848 predomina o clima da «restauração», que é também «reação». Avançam, ao mesmo tempo, as ideias liberais e difundem-se movimentos e sociedades, muitas vezes secretas, decididas a promover movimentos mais radicais no campo político e social de inspiração «democrática».

questão meridional⁷⁵, a questão social, com a expansão europeia no mundo e com o colonialismo do fim do século.

Em termos religiosos, um fenómeno característico do século XIX, envolve a proliferação de congregações religiosas masculinas e femininas com finalidades caritativas, assistenciais, educativas e missionárias.

No campo cultural, educativo e escolar, assiste-se a um gradual interesse pela cultura e pela escola popular. A ação catequética situa-se num contexto de notável expansão pedagógica e escolar na Europa, na Itália e no Piemonte⁷⁶.

1.1. A ideia «Preventiva»: uma inquietação dos princípios do Séc. XIX.

A Europa após a imprevista e traumática experiência da Revolução Francesa, seguida da radical subversão da ordem antiga causada por Napoleão Bonaparte (1769-1821), fica quase obcecada pela ideia «preventiva», acompanhando projetos «restauracionistas», com diferentes acentuações, conforme as mentalidades e culturas.

A prevenção, acompanhada pelo medo, sob a ameaça de intervenções repressivas contundentes, constitui-se a preocupação das correntes mais conservadoras: o medo das seitas e sociedades secretas, a revolução que se estava a formar, para a liberdade (de associação, de imprensa, cultos...), até mesmo, para a instrução⁷⁷. Por conseguinte, instala-se a desconfiança

⁷⁵ Cf. Ibidem, 17. Na Itália a «questão meridional» centra-se nas disparidades entre região e região, sobretudo entre norte e sul. Itália apresenta um mapa económico e social muito heterogéneo, devido ao grande aumento demográfico, que começou o século com 18 milhões de habitantes, 24 milhões em 1850, acabando o século com 34 milhões de habitantes. A pobreza está presente em toda a parte; mais nos campos e nas montanhas do que nas cidades, que se tornam metas das migrações dos pobres, com o inevitável cortejo das doenças físicas e mentais, dos desnutridos e malnutridos.

⁷⁶ O Piemonte é uma região (tipo os nossos distritos) da Itália, que fica na zona norte.

⁷⁷ Cf. P. BRAIDO, *La experiencia pedagógica de Dom Bosco*, 18.

de novas iniciativas educativas consideradas subversivas, vistas como uma ameaça ao princípio de autoridade, precocemente voltadas para a educação da racionalidade e da independência da família e da Igreja. Insiste-se na vigilância rigorosa, na censura preventiva, nas «missões populares» para reconquistar as massas e moralizá-las mediante a religião, e na prevenção contra o ócio e contra a libertinagem⁷⁸.

Contudo, entre os moderados, tende-se a recuperar, junto com o que se considera válido da antiga ordem (a instrução e a prática religiosa, os tradicionais valores morais), a novidade: a difusão das «luzes» do saber, a gradual extensão da escola elementar às classes populares, a recuperação do trabalho e da solidariedade social, a escola de métodos mais justos e humanos no modo de enfrentar os males crônicos da pobreza e da delinquência, o desenvolvimento das obras caritativas e de socorro mútuo, a difusão de bons livros, a criação de bibliotecas populares, etc...⁷⁹.

Temos como exemplo de moderados abertos à novidade e modernidade, detentores de projetos mais corajosos: Polllet, Laurentie, Pavoni, Champagnat, Aporti, Rosmini, Dupanloup, Dom Bosco e muitos outros, que vão exprimir o fenómeno global da «inquietaude preventiva» a cinco níveis: político, jurídico-penal, assistencial, escolar-educativo, religioso⁸⁰.

Preservar, proteger, mas também preparar, prevenir, iluminar, instruir, promover, eram “imperativos” (ou pelo menos “infinitivos”) com que muitos queriam caracterizar a política, a economia, a vida jurídica e social, e também a educação. Dom Bosco enquadra-se nesta caracterização, e como ele mesmo escreveu no prólogo da *História Sagrada*⁸¹, desejava “iluminar a mente para tornar bom o coração”.

⁷⁸ Cf. *Ibidem*.

⁷⁹ Cf. *Ibidem*, 21.

⁸⁰ Não faz parte deste trabalho desenvolver ao pormenor estas matérias, darei uma sintética explicação global.

⁸¹ G. Bosco, *Storia Sacra*, Torino: Paravia, 1847, 7. Citado em P. BRAIDO, *A arte de educar*, Ed. Salesianas, Porto, 2013, 12.

Com a chamada educação preventiva, emerge a educação como prevenção, com métodos «preventivos» e «repressivos». Um dos exemplos é Ferrante Aporti e a sua educação preventiva, que tendia a corrigir as deformações sofridas pelas crianças que crescem em famílias incapazes de educar corretamente ou impossibilitadas para o fazer. Ele pretendia «de maneira eficaz defender dos *vícios* e dos *erros* a inocente infância do pobre»⁸². O seu desejo era que a escola infantil fosse motivada pela caridade destinada a *prevenir*, antes de deixar nascer os males para depois os curar.

Também Petitti di Roreto partilha desta opinião e amplia a proposta não só às crianças como ao povo em geral, na tentativa de prevenir as necessidades e a criminalidade. Na sua obra *Della condizione attuale delle carceri*, menciona:

«As escolas da infância, as escolas primárias e elementares, os institutos agrícolas, de artes e ofícios, atingem tal objetivo e devem ser promovidas, favorecidas e protegidas por todos os governantes que queiram realmente melhorar as populações a eles confiadas. Só a instrução, porém, não basta atingir este fim, se não for acompanhada pela educação religiosa e moral, pela qual os jovens se formam para o bem e se mantem afastados dos perigos das paixões humanas»⁸³.

Segundo ele, é de máxima importância prevenir também, para o não esbanjamento dos lucros obtidos através dos meios económicos em coisas supérfluas, mas sim promover iniciativas que garantam o bom uso dos rendimentos e o bem-estar comum.

Estes exemplos preventivos, descritos em pleno séc. XIX, continuam a fazer sentido ainda hoje, em pleno séc. XXI, onde os interesses políticos e económicos se destacam, face aos valores morais, manifestando nefastas consequências para o decurso da Humanidade.

⁸² Carta a C. Bom Compagni de 30 junho 1838, in A. GAMBARO, *Ferrante Aporti e gli asilinel Risorgimento*, vol. II. Torino 1937, 397, citado em P. BRAIDO, *Prevenir não Reprimir*, 34.

⁸³ C. I. PETITTI di Roreto, *Della condizione attuale delle carci...*, in *Opere scelte* vol. I, 562-563, citado em P. BRAIDO, *Prevenir não Reprimir*, 36.

1.2. A Religião como meio de prevenção.

Além da prevenção pessoal e social, a religião é tida como garantia de ordem e prosperidade. Disto está persuadido Morichini, quando sublinha que somente a religião pode estabelecer um vínculo obrigatório entre instrução escolar e educação autêntica:

«Para obter o aperfeiçoamento moral, convém unir instrução e educação. Ora a base da educação é a religião que, iluminando o intelecto, forma também o coração para a virtude: que é o que sobretudo importa»⁸⁴.

Dentro desta instrução, também Petitti sublinha a importância do fator religioso na «*correção dos presos a reeducar e recuperar para a dignidade pessoal e para a sociedade.*» Ele vai denunciar a falta de imoralidade e de impiedade que existe nas prisões, e que impedem o sucesso da *instrução religiosa e moral dada aos detidos*, prevista pela lei; reforça a necessidade de uma reforma institucional a nível penal; enumera as «disciplinas fundamentais» que devem regular a instituição, sendo a décima quinta e última, a instrução moral e religiosa. Tem a firme certeza, de que, se esta disciplina for *ministrada de forma continuada, chama de novo* àqueles corações por muito tempo esquecidos de todos os bons princípios, os sentimentos que foram insinuados na primeira idade⁸⁵.

De facto, no início de 1858, o papa Pio IX exortava os bispos a tomar consciência das «criminosas e múltiplas artes com as quais, em tanta tristeza destes tempos, os inimigos de Deus e da humanidade tentam perverter e corromper a incauta juventude», e a orientar todos os seus esforços para uma «reta educação da juventude, da qual depende em grande parte a

⁸⁴ C. L. MORICHINI, *Degel'Istituti di pibblica carità ...*, p.XXXIV, citado em P. BRAIDO, *Prevenir não Reprimir*, 36.

⁸⁵ Cf. C. I. PETITTI di Roreto, *Della condizione attuale delle carceri...*, in *Opere scelte*, vol. I, 349-351, 358-359, citado em P. BRAIDO, *Prevenir não Reprimir*, 37.

prosperidade da sociedade cristã e civil»⁸⁶. Somente a educação cristã estava à altura de oferecer as palavras e os meios da graça, aptos a restaurar espiritualmente cada um, e conseqüentemente, a sociedade no seu todo.

A religiosidade piemontesa no tempo de Dom Bosco estava fortemente marcada pelo sentido providencialista, fundada na firme convicção de que Deus está presente sempre e em toda a parte, premeia ou castiga segundo a conduta dos homens. A oração, o pecado, a penitência, a assistência ao culto divino, a escuta atenta da pregação da Palavra de Deus, o estudo do catecismo, a preparação para os sacramentos da confissão e da comunhão, o respeito e a obediência ao Papa e às hierarquias eclesíásticas, etc., pertenciam em cheio ao sentido e ao dever religioso do povo.

Na família de Dom Bosco tudo isto era ensinado com naturalidade. Aprendeu a rezar com a sua mãe, de quem aprendeu também a ter uma confiança ilimitada em Deus, Pai infinitamente bom e providente. Sua mãe, cristã convicta e praticante, excelente mãe e boa educadora da fé, preparou-o também para a primeira confissão e para a primeira comunhão. Dom Bosco vai mostrar-se fiel a esta religiosidade aprendida e vivida em casa. Será sempre uma religiosidade de feição popular, impregnada de um profundo sentido providencialista.

⁸⁶ Cf. Carta '*Cum nuper*', de 20 janeiro 1858, *Acta Pius IX*, vol. III, 12, citado em P. BRAIDO, *Prevenir não Reprimir*, 40.

2. A Pessoa de Dom Bosco.

João Bosco nasceu a 16 de agosto de 1815, dia em que se comemorava a Assunção de Nossa Senhora ao céu, em Morialdo, lugar de Castelnuovo de Asti⁸⁷. Seus pais de nomes Francisco e Margarida (casada em segundas núpcias) acolheram com amor, o mais novo membro da família. Os pais eram camponeses e tinham uma vida modesta, intensamente marcada no quotidiano pela religião. O pai morre cedo, a 11 de maio de 1817, deixando órfãos três filhos. A morte do pai, quando João tinha apenas dois anos, e a terrível carestia dos anos 1816-1817, fez com que durante algum tempo passassem por momentos de graves apuros e dificuldades, mas a mãe não deixou a família reduzir-se à indigência que, por desgraça, sofreram outras famílias da vizinhança⁸⁸.

Na idade dos nove anos a mãe desejava mandá-lo à escola, mas era complicado devido à distância da mesma. O irmão mais velho, António, oponha-se a que ele fosse para o colégio, mas conseguiram chegar a um acordo: durante o Inverno, frequentava a escola da pequena povoação de Capriglio que ficava próxima, onde podia ir aprender a ler e a escrever; no verão trabalhava com o irmão no campo⁸⁹. Na idade dos nove para os dez anos, teve a sua primeira experiência mística através de um sonho, que lhe ficou gravado na mente e no coração por toda a vida. Devido à sua real importância, transcrevo na íntegra o sonho narrado por ele nas suas *Memórias*:

“Parecia-me estar ao pé de casa num pátio bastante espaçoso, onde se encontrava uma multidão de rapazes, que se divertiam. Alguns riam, outros jogavam, outros blasfemavam. Ao ouvir aquelas blasfémias, lancei-me imediatamente no meio deles tentando com socos e

⁸⁷ Cf. A. GIRAUDO, *Memórias do Oratório*, Edições Salesianas, Porto, 2012, 4. Castelnuovo d’Asti (hoje *Castelnuovo Dom Bosco*): comuna da província de Asti situa-se a 25km de Turim. Naquele tempo, contava com 3.000 habitantes, distribuídos entre a sede de freguesia e quatro lugares: Morialdo, Bardella, Nevissano e Ranello, cada um deles tinha a sua capela. João Bosco nasce nos Becchi (aldeia), a cerca de 2km da capela de Morialdo.

⁸⁸ Cf. *Ibidem*, 4-9.

⁸⁹ Cf. *Ibidem*, 9.

palavras fazê-los calar. Naquele momento apareceu um homem venerando, de aspeto varonil, nobremente vestido. Um manto branco cobria-o por completo; mas a sua face era tão luminosa, que eu não conseguia fitá-lo com os olhos. Chamou-me pelo nome e mandou-me colocar à frente daqueles rapazes acrescentando estas palavras: «Não com pancadas, mas com mansidão e com a caridade é que deverás conquistar estes teus amigos. Por isso começa imediatamente a instruí-los sobre a fealdade do pecado e sobre a beleza da virtude».

Confuso e assustado, disse que eu era um pobre e ignorante rapaz, incapaz de falar de religião àqueles juvenzinhos. Naquele momento, aqueles rapazes cessando rixas, alarido e blasfémias, reuniram-se todos à volta d'Aquele que falava.

Quase sem saber o que dizia, «Quem sois vós, - perguntei -, que me ordenais coisas impossíveis?». «Exatamente por te parecerem impossíveis, debes torna-las possíveis com a obediência e com a aquisição da ciência». «Onde, com que meios poderei adquirir a ciência?». «Dar-te-ei a mestra sob cuja disciplina podes tornar-te sábio, e sem a qual toda a sabedoria se torna estultícia».

- Mas quem sois vós, que falais deste modo?

- Eu sou o filho d'Aquela que a tua mãe te ensinou a saudar três vezes ao dia.

- A minha mãe diz-me que não ande com pessoas que não conheço, sem licença sua; por isso disse-me o vosso nome.

- O meu nome pergunta-o há minha mãe. Naquele momento vi a seu lado uma senhora de majestoso aspeto, vestindo um manto todo resplandecente, como se cada ponto seu fosse uma estrela fulgidíssima. Vendo-me cada vez mais confuso nas minhas perguntas e respostas, fez-me sinal para me aproximar dela e, tomando-me com bondade pela mão, disse-me: «olha». Olhando dei-me conta que os rapazes tinham fugido todos, e em vez deles, vi uma multidão de cabritos, cães, gatos, ursos e vários animais. «Eis o teu campo, eis onde debes trabalhar. Torna-te humilde, forte e robusto; e aquilo que neste momento vês suceder com estes animais, deverás fazê-lo pelos meus filhos».

Voltei então o olhar e eis que, em vez de animais ferozes, apareceram outros tantos mansos cordeiros que, todos a saltitar, corriam ao redor como para fazer festa àquela senhora.

Naquele momento, sempre em sonho, comecei a chorar, e supliquei àquela personagem que falasse de modo que eu compreendesse, dado que eu não sabia o significado daquilo. Então ela colocou a mão na minha cabeça, dizendo-me: «A seu tempo, tudo compreenderás».

Dito isto, um ruído acordou-me e tudo desapareceu”⁹⁰.

⁹⁰ *Ibidem*, 11.

Na manhã seguinte, contou o sonho aos irmãos que se puseram a rir e a gozar com ele, menos a mãe e a avó. Durante anos não falou do sonho a ninguém, e só o voltou a descrever em 1858, quando foi pela primeira vez a Roma para falar da Congregação Salesiana com o Papa Pio IX. O Papa fez questão que Dom Bosco lhe descrevesse pormenorizadamente todas as coisas, mesmo que só tivesse aparência de sobrenatural. No final, Pio IX pediu-lhe que escrevesse tudo no seu sentido literal, e o deixasse como encorajamento aos filhos da Congregação⁹¹.

Os sonhos foram uma constante ao longo da sua vida; contudo, a sua infância apresenta-se particularmente significativa para compreendermos alguns traços essenciais do seu carácter, da sua religiosidade e do seu comportamento social.

2.1. A formação pedagógica de Dom Bosco.

Na sua aldeia natal, ainda criança, começou a reunir à sua volta os seus conterrâneos para os começar a instruir nas *coisas* da religião, para os fazer crescer no bem, atraindo-os com pequenas brincadeiras, aprendidas dos saltimbancos itinerantes que por ali iam passando.

A sua fé em Deus, em Jesus e em Maria, despoletou dentro dele a vocação para seguir o sacerdócio. A concretização do desejo de ser sacerdote, agradece à sua mãe que sempre o apoiou e lhe deu sustento, fazendo grandes sacrifícios, ajudando naquilo que podia.

João frequentou a escola municipal de Castelnuovo, desde dezembro de 1830 até ao verão de 1831, e, a partir de 3 de novembro de 1831, frequenta a escola pública de gramática, humanidades e retórica de Chieri⁹², até à sua entrada, no seminário diocesano de Chieri, onde realiza os estudos de filosofia e teologia, até 1841.

⁹¹ Cf. *Ibidem*, 12.

⁹² Cf. *Ibidem*, 34. Chieri fica a 16km de Turim. Pode-se considerar a escola secundária como um pré-seminário.

Os primeiros anos do liceu foram decisivos, quer ao nível formativo, intelectual e relacional. O trinómio estudo, piedade e alegria, que aparecerá com diversas designações nos anos seguintes, já se encontrava aqui presente. Ele tinha uma verdadeira paixão pelo estudo e dedicava muitas horas do dia e da noite a fazer os seus trabalhos e a ler. Os estudos eram sérios, orientados fundamentalmente para a aquisição da cultura clássica, e para a aprendizagem do latim e do grego. Além dos estudos também foram anos de companheirismo e alegria: fundou a Sociedade da Alegria⁹³, que tinha um valor moral e religioso, um misto de companhia religiosa e de academia cultural. O jovem Bosco, não era só uma pessoa de escola e igreja, mas de esparecimento e relações sociais⁹⁴.

O regulamento que regia a escola de Chieri refletia o adotado pelos Jesuítas no colégio de Novara desde 1818, com “bastantes traços restauracionistas e repressivos”⁹⁵.

Aqui emerge numa estrutura formativa integral, ao mesmo tempo cultural, ética e religiosa, estando orientado, por um lado, para ajudar a descobrir e reforçar os fundamentos religiosos e morais, o valor da instrução e das práticas religiosas, especialmente a prática sacramental; por outro lado, a educar na ordem, na disciplina e na moralidade, mesmo sem impedir que a seriedade se mitigasse com as relações humanas entre os companheiros e os professores e com o uso atempado dos primeiros castigos⁹⁶.

Quando termina os estudos de humanidades e retórica, chega o momento de decidir sobre a sua escolha vocacional. Ao refletir, recorda novamente o sonho de infância, que o guia a seguir a sua verdadeira vocação⁹⁷, inscrita desde pequeno no seu coração.

⁹³ Cf. *Ibidem*, 39-41.

⁹⁴ Cf. *Ibidem*, 34-70; Cf. D. AGASSO; R. AGASSO; D. AGASSO JR. *Dom Bosco: Uma vida sem tempo*, Ed. Salesianas, Porto, 2014, 43-49.

⁹⁵ *Ibidem*, 46.

⁹⁶ Cf. *Ibidem*, 46; Cf. P. BRAIDO, *Prevenir não Reprimir*, 129.

⁹⁷ Cf. A. GIRAUDO, *Memórias do Oratório*. 67-75; Cf. D. AGASSO; R. AGASSO; D. AGASSO JR., *Dom Bosco: Uma vida sem tempo*, 50-53.

Entra no seminário de Chieri a 30 de outubro de 1835 para completar os seus estudos. Contudo, recebe um forte impacto: desde o primeiro instante, sentiu os seus superiores distantes; ninguém falava com eles, salvo no caso de alguma reprimenda. Também notou um doloroso contraste nas relações com os seus companheiros; em relação aos anos da escola, o ambiente era diferente. Porém, demonstra seriedade e empenho, mantendo-se reservado, obediente e atento às companhias; travou apenas amizade profunda com três colegas: Guglielmo Carigliano, Luís Comollo⁹⁸, conhecidos na escola pública de Chieri e reencontrados no seminário, e Giovanni Giacomelli, que será o seu confessor de 1873 até à morte⁹⁹. Nas suas *Memórias*, narra que, estes três companheiros foram para ele modelos de virtude, e com Luís Comollo, aprendeu a viver como cristão.

A vida do seminário era séria e monótona: poucos jogos, raros passeios ao campo ou dentro do seminário, poucos grupos de colegas, onde se discutiam questões científicas e temas da aula. As práticas de piedade cumpriam-se normalmente: missa diária, meditação, rosário, confissão obrigatória cada quinze dias e livre semanalmente, comunhão só nos domingos ou festas especiais. Praticava-se um tipo de ensino muito escolástico, abstrato e teórico, apologético, destinado a preparar os jovens sacerdotes para responder às objeções e opiniões contrárias dos adversários, hereges ou incrédulos¹⁰⁰.

A teologia dogmática girava à volta do problema da predestinação, da necessidade de corresponder à graça e da ideia de, no final, ter que prestar contas a Deus, juiz justo e inflexível, que daria a cada um, segundo a sua conduta, o prémio ou o castigo eterno.

A teologia moral estava muito influenciada pela polémica sobre o probabilismo e centrava-se na relação entre a lei divina, a liberdade humana e a eficácia da graça. Estava,

⁹⁸ Luigi Pietro Comollo (1817-1839). Cf. A. GIRAUDO, *Memórias do Oratório*, 47-50 e 89-94.

⁹⁹ Cf. D. AGASSO; R. AGASSO; D. AGASSO JR. *Dom Bosco: Uma vida sem tempo*, 58.

¹⁰⁰ Cf. A. GIRAUDO, *Memórias do Oratório*, 78-100; Cf. P. BRAIDO, *Prevenir não Reprimir*, 130-132.

portanto, orientada para uma responsabilidade educacional do agir humano em relação à norma divina: sendo Deus o supremo legislador, o homem tem que obedecer às suas leis.

No seminário, o clérigo Bosco, teve ocasião de integrar a sua formação teológica com a experiência religiosa e pastoral, e com a espiritualidade vivida de dois santos, que irão influir o seu estilo educativo preventivo: S. Felipe Néri e S. Francisco de Sales¹⁰¹. É também no seminário que teve o seu primeiro contacto com o livro *De Imitatione Christi*, onde encontrou muita doutrina e moralidade, chegando mesmo a dizer: “Devo a este livro o facto de ter posto de lado a leitura profana”¹⁰².

A sagrada ordenação sacerdotal realizou-se no dia 5 de junho de 1841 em Turim, conferida pelo arcebispo Luís Fransoni¹⁰³, na igreja arquiepiscopal da Beata Vergine Immacolata.

Na preparação para o sacerdócio, toma nove *resoluções*, quase todas de tipo penitencial: dar passeios só em caso de necessidade; ocupar rigorosamente o tempo; sofrer pela salvação das almas; ser moderado na comida e na bebida; trabalhar muito e dormir pouco; não ter conversas desnecessárias com senhoras, dedicar-se à oração: fazer diariamente um certo tempo de oração, de leitura espiritual, de oração ao Santíssimo

¹⁰¹ Cf. P. BRAIDO, *Prevenir não Reprimir*, 131. S. Francisco de Sales nasceu a 1567 e morreu a 1622. De origem saboiana, tornou-se um grande mestre de espiritualidade. Oposto às correntes jansenistas, é conhecido pela sua mansidão e doçura. É Patrono dos jornalistas. Fundou, com Sta. Joana de Chantal, a Ordem da Visitação. Em Portugal, estão presentes na Batalha, em Braga e na Vila das Aves. Além dos salesianos, muitas outras congregações o têm como titular. Em Português há uma edição recente de uma das suas obras famosas: *Introdução à vida devota*, Voz Portucalense, Porto, 2010; S. Filipe Néri (1515-1595) considerado o santo da Alegria, é o padroeiro dos educadores e comediantes.

¹⁰² Cf. A. GIRAUDO, *Memórias do Oratório*, 97; Cf. D. AGASSO; R. AGASSO; D. AGASSO JR. *Dom Bosco: Uma vida sem tempo*, 45. *De imitatione Christi*: célebre obra anónima que remonta ao séc. XIV, dividida em quatro livros, atribuída ao abade beneditino de Lucedio (Vercelli) Giovanni Gersenio ou ao monge alemão Tomás de Kempis; teve uma grande influência na espiritualidade cristã dos séculos seguintes. Bosco faz referência ao livro quatro, dedicado à contemplação do mistério eucarístico (*De devota exhortatione ad sacram Corporis Christi communionem*). Tinha saído uma nova edição turinesa precisamente nesses meses: *De imitatione Christi libri quatuor ad usum regiarum scholarum*, Taurini, ex Typographia Regia, 1837.

¹⁰³ Cf. D. AGASSO; R. AGASSO; D. AGASSO JR. *Dom Bosco: Uma vida sem tempo*, 58. Cf. A. GIRAUDO, *Memórias do Oratório*, 100. Luigi Fransoni (1789-1862), arcebispo de Turim desde 1832; por motivos políticos, será exilado para Lyon em 1850, mas continuará a governar a diocese através do vigário-geral Giuseppe Zappata.

Sacramento, dedicar ao menos um quarto de hora de preparação e outro de ação de graças, antes e depois da missa, e como sustento de fé, a “caridade e doçura de S. Francisco de Sales me guiem em tudo”¹⁰⁴.

A partir desse momento, nasce o padre Dom Bosco, sendo sacerdote a tempo inteiro: no altar, no confessionário, no pátio com os jovens, em Turim e em Florência, na casa do pobre, no palácio do rei e dos ministros.

2.2. *Aprendendo a ser sacerdote.*

Uma vez ordenado sacerdote, terá de decidir de novo sobre como exercer o seu sacerdócio. Chega então o momento da sua opção sacerdotal, procura o padre José Cafasso¹⁰⁵, seu amigo benfeitor, diretor espiritual e confessor desde 1830, que o aconselha a recusar outras propostas e a entrar para o *Convitto Ecclesiástico* de S. Francisco de Assis em Turim¹⁰⁶, para aí completar a sua formação e começar a exercer o seu apostolado, à espera de conhecer o que o Senhor queria dele. Segue o seu concelho e entra no *Convitto*, a 3 de Novembro de 1841, onde se dedica aos estudos teológicos-pastorais para aperfeiçoar a sua preparação para o exercício do ministério sacerdotal.

No colégio eclesiástico preparavam os jovens sacerdotes para o ministério sacerdotal, tendo como finalidade principal, a formação de bons ministros da Igreja, mediante o estudo e

¹⁰⁴ Cf. D. AGASSO; R. AGASSO; D. AGASSO JR. *Dom Bosco: Uma vida sem tempo*, 59.

¹⁰⁵ Cf. A. GIRAUDO, *Memórias do Oratório*, 28. O padre Cafasso (1811-1860) foi um homem de oração, de vida extremamente mortificada, dedicado ao ministério pastoral e ao ensino da teologia moral. Detinha uma forte sensibilidade para com os pobres e presos, que visitava e ajudava monetariamente, assistia e confortava os condenados à morte. Teve grande influência no florescimento da santidade sacerdotal que caracterizou a Igreja piemontesa entre o século XIX e XX. Foi proclamado santo em 1947, é o padroeiro dos presos.

¹⁰⁶ Cf. *Ibidem*, 109-110. Naquele tempo estava à frente da Instituição, o teólogo Luigi Guala (1775-1848), fundador da instituição em 1817 e São José Cafasso, que entrou em 1834 como aluno, tendo sido escolhido pelo Guala como “*ripetitore*” de teologia moral e colaborador; virá a ser reitor do *Convitto* em 1848 (Cf. Giuseppe Buccellato, *il Convitto ecclesiastico di Torino: un modello di formazione presbiterale nell’Ottocento italiano*, in *San Giuseppe Cafasso. Il direttore spirituale di don Bosco*. Atti del Convegno, Zafferana Etnea, 29 giugno-1º luglio 2007, Roma, LAS, 2008, 11-50).

a moral prática, o exercício da pregação e a formação de sábios e prudentes confessores. As regras internas, o horário, o estudo e a reflexão tendiam a modelar um tipo de eclesiástico, religioso, austero, moderado no falar, reservado no trato, comedido em tudo¹⁰⁷.

Perante este protótipo, começa a delinear-se a nítida oposição de Dom Bosco em relação ao rigorismo, convencendo-se, de que não seria com o rigor, mas com a amabilidade, a única maneira de poder conduzir as almas para Deus.

Nas suas *Memórias*, Dom Bosco narra que, após ter entrado no colégio eclesiástico, andava sempre rodeado de jovenzinhos que o seguiam pelas ruas, pelas praças, e até, na sacristia do Instituto. Porém, não tinha um espaço próprio para se ocupar diretamente deles.

Todavia, a luz divina brilhou a 8 de dezembro de 1841, dia da festa da Imaculada Conceição, quando se paramentava na sacristia da Igreja de S. Francisco de Assis, afim de, presidir à santa missa. Após um incidente entre o sacristão e o jovem Bartolomeu Garelli, Dom Bosco, convida o jovem a celebrar a missa e no fim da celebração, chama-o e conversam, deu-se o início da primeira catequese. A este primeiro aluno seguiram-se outros tantos; os que saíam das prisões; os que tinham necessidade de formação religiosa, profissional e humanística¹⁰⁸.

No colégio, aprofundará e aperfeiçoará traços típicos da própria espiritualidade: a esperança cristã, a preferência pela confiança em Deus, mais do que pelo temor, o sentido do dever como estilo cristão coerente de vida; a importância fundamental da prática sacramental na ação pastoral; a fidelidade à Igreja e ao Papa; a orientação apostólica dos jovens abandonados; a meditação dos novíssimos e o exercício da boa morte¹⁰⁹.

¹⁰⁷ Cf. P. BRAIDO, *La experiencia pedagógica de Dom Bosco*, 55-56; Cf. P. BRAIDO, *Prevenir não Reprimir*, 131.

¹⁰⁸ Cf. A. GIRAUDE, *Memórias do Oratório*, 114-118.

¹⁰⁹ Para uma referência mais pormenorizada aos traços emergentes da espiritualidade do padre Cafasso pode ser útil a síntese oferecida por F. ACCORNERO, *La dottrina spirituale di San Giuseppe Cafasso*, Torino, LDC

Relativamente às orientações morais, que terão um papel importante na ação educativa e pastoral de Dom Bosco, o colégio eclesiástico representa o grande veículo que lhe transmite os aspetos essenciais da conceção teológica e espiritual de S. Afonso Maria de Ligório (1696-1787), considerado pelo Pe. Luigi e pelo Pe. Cafasso o autor ideal para fazer o equilíbrio entre a rigidez tenaz do jansenismo e certa reação superficial benignista¹¹⁰.

Para Dom Bosco, estes foram os anos de discernimento tendo em vista o seu futuro campo de trabalho:

A «formação» no terreno começou com um significado especial que teve o seu primeiro impacto com a juventude de Turim, nos anos do Colégio eclesiástico, na cadeia, nas ruas, nas «catequeses». Era uma experiência radicalmente nova. Com toda a certeza, não o haviam preparado para ela o mundo rural em que vivera, nem as aulas de latim de Cheri, nem sequer a ciência teológica do seminário. Aquele primeiro início de experiências era uma nova escola. E esta escola não termina com as experiências; antes, com o mudar dos tempos e dos contextos, ver-se-á obrigado a uma constante reestruturação da perceção da realidade e da forma como intervir nela¹¹¹.

2.3. A opção fundamental pelos jovens.

Os princípios espirituais que regulavam a conduta dos sacerdotes no *Convitto* insistiam na responsabilidade do sacerdote, no cumprimento da sua missão de salvar almas. Dom Bosco andava então preocupado em busca da sua própria identidade como sacerdote, a sua vocação era clara, mas não tanto o modo de a exercer, e os anos lá passados acabaram por ajudá-lo a aclarar plenamente este ponto. O seu grande entusiasmo pela salvação das almas levou-o a pensar em ir para as missões. Mas o padre Cafasso dissuadiu-o com dois argumentos

1958: particularmente caracterizantes a santidade do dever (39-61), a confiança (107-130) e o exercício da boa morte (217-219), citado em P. BRAIDO, *Prevenir não Reprimir*, 133.

¹¹⁰ Cf. P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, vol. I, 85-95; E. VALENTINI, *Don Bosco e S. Alfonso*, Pagani (Salerno), Casa Editrice Sant'Alfonso 1972, 83 + 85, citado em P. BRAIDO, *Prevenir não Reprimir*, 134.

¹¹¹ P. BRAIDO, *Prevenir não Reprimir*, 144.

decisivos: não tinha saúde¹¹², nem condições para ser missionário, e, sobretudo, a vontade de Deus era que continuasse o seu trabalho com os jovens. Segundo Cafasso, a diocese de Turim não podia prescindir de um sacerdote como Dom Bosco, nem devia ser integrado em estruturas paroquiais: a sua missão com os jovens era urgente e atual, chegando mesmo a dizer a Dom Bosco: “continue a sua obra em favor dos jovens. Esta é a vontade de Deus”¹¹³.

Na opinião do P. Chavez, a raiz estruturante de Dom Bosco na opção pelos jovens está na sua vocação pessoal: o serviço aos jovens foi uma resposta generosa a um chamamento de Deus:

“A grande convicção de Dom Bosco foi sempre o facto de se sentir enviado por Deus, de não ter partido da sensibilidade própria, mas de ter percebido que Deus lhe confiava os jovens e ter-se sentido chamado a ser para eles pai, irmão e amigo; foi assim que surgiu toda a sua experiência educativa e o seu sistema preventivo”¹¹⁴.

Para compreendermos melhor este afeto “paternal, irmão e amigo”, convém clarificar duas questões: Quem são os jovens *de* Dom Bosco? Quem são os jovens *para* Dom Bosco?

Quando Dom Bosco chega à cidade de Turim a 1841, encontra uma cidade em rápida transformação demográfica e social¹¹⁵. Após entrar no *Convitto Ecclesiástico*, para completar os seus estudos teórico-práticos é convidado pelo seu mestre, o padre José Cafasso, a ir às prisões; a prestar a sua ajuda na catequese; a frequentar as obras de caridade de benfeitores, como a marquesa Giulia Barolo¹¹⁶. Assim, podia dar-se conta pessoalmente da situação dos jovens e das jovens que pululavam nos bairros de Turim.

¹¹² Dom Bosco, ao longo da sua vida descreve nas suas cartas e *Memórias*, as suas dores, privações, doenças, refletindo uma saúde frágil e debilitada.

¹¹³ D. AGASSO; R. AGASSO; D. AGASSO JR. *Dom Bosco: Uma vida sem tempo*, 74.

¹¹⁴ P. CHÁVEZ, Entrevista. *Jornadas da Família Salesiana*, Roma, 2008.

¹¹⁵ Muitos camponeses empurrados pela carestia que afligia os campos, migraram em busca de um trabalho, atraídos pela miragem das primeiras fábricas, das oficinas de lanifícios e das manufaturas de tabacos.

¹¹⁶ Cf. A. GIRAUDDO, *Memórias do Oratório*, 128. Cf. D. AGASSO; R. AGASSO; D. AGASSO JR. *Dom Bosco: Uma vida sem tempo*, 74-75. *Marchesa Barolo*: Giulia Vittorina Colbert de Maulévrier (1785-1864), esposa do marquês Tancredi Falletti di Barolo. Juntos dão vida a asilos infantis e instituições educativas, fundam a Congregação das Irmãs de Santa Ana. Giulia Barolo, dedicou-se ao cuidado das presas, propondo ao governo

Durante uma das suas primeiras visitas à prisão da cidade, fica muito impressionado, perante o cenário com que se depara, e regista-o com consternação nas suas *Memórias*:

“Ver multidões de jovencinhos, na idade dos 12 aos 18 anos, todos saudáveis, robustos, de inteligência desperta, mas ali inativos, mordidos pelos insetos, com falta de pão espiritual e material, foi algo que me deixou horrorizado. O opróbrio da pátria, a desonra das famílias, a infâmia de si mesmo estavam personificados naqueles infelizes”¹¹⁷.

De facto, o problema da delinquência infantil é apenas a ponta de um iceberg que esconde o mar de desespero que afoga os pobres, as crianças, as mulheres, os anciãos, os doentes. Entre os fatores que desencadeiam a transformada estratificação da pobreza juvenil, está a crescente expansão do trabalho infantil, que incita as famílias a empregar as crianças nas fábricas, por necessidades materiais e por falta de meios de subsistência.

No entanto, esta não é a única causa que leva os jovens pequenos a abandonar a própria casa. Muitas famílias prestam pouca atenção aos filhos, usando muitas vezes modos rudes e até violentos com eles, maltratando-os até ao ponto do incitamento à fuga. Consequentemente, na falta de vínculos familiares e abandonados a si próprios, uma vez chegados à cidade, é fácil serem apanhados por más companhias.

Outros, porém, embora mantendo uma relação com a família, passam o dia inteiro na rua, enquanto os pais andam ocupados a arranjar de comer.

uma reforma prisional que ela mesma atuou, orientada à recuperação moral e civil através da instrução, o trabalho, a persuasão, a gratificação e o sentimento religioso (Cf. Simona TROMBETTA, *Punizione e carità. Carceri femminili nell'Italia dell'Ottocento*, Torino, Il Mulino, 2004, 75-88). Fundou o *Rifugio* (1822) para as jovens delinquentes desejosas de mudança e o mosteiro das *Sorelle penitenti di Santa Maria Maddalena* (1833) para aquelas que, depois da recuperação, desejassem se consagrar a Deus (Cf. Giulia COLBERT FALLETTI DI BAROLO, *Lettere alla Sorell penitenti di S. Maria Maddalena*, Roma, s.e., 1986-1987, 2 voll.; Silvia BARBERO, *Donne consacrate e recupero dell "pericolanti" nella Torino preunitaria*, Stefani BARTOLONI [Ed.], *Per le strade del mondo. Laiche e religiose fra Otto e Novecento*, Bologna, Il Mulino, 2007, 268-277). Fundou o colégio (o *Rifugino*) para a educação das meninas menores de 11 anos, órfãs ou abandonadas pelas famílias, confiadas aos cuidados das irmãs Madalenas, levando a cabo várias outras iniciativas assistenciais e caritativas. O que distingue os Barolos é a sua grande e operosa fé.

¹¹⁷ *Ibidem*, 113.

Chegados dos campos à cidade encontram-se sem trabalho, necessitados de ganhar para sobreviver, não têm muitas alternativas a não ser entregarem-se à mendicância, ou então, roubar nos mercados ou furtar carteiras. Abandonados e vagabundos, juntam-se em bandos e fazem do roubo o seu ofício. Para outros, o destino é ainda mais triste, porque são explorados e enredados nas malhas da prostituição.

Para Dom Bosco, esta era uma juventude *dispersa*, devido a vários fatores: o abandono dos pais, o ócio, a frequência de más companhias a que estavam expostos, especialmente em dias festivos. Uma dispersão silenciosa, que clamava por uma *mão amiga* que se ocupa-se deles, os cultiva-se e encaminha-se para a virtude, os afasta-se dos vícios, e ajudasse a encontrar trabalho, para se tornarem bons cristãos e honestos cidadãos¹¹⁸. As múltiplas iniciativas empreendidas, tornam concreta a *mão amiga*, constrói-lhes casas (oratórios), escolas, igrejas e pátios, tira-os da rua e mostra-lhes caminhos de salvação.

Segundo ele, *todos os jovens*, independente da sua condição de vida, *são necessitados*, porque são inteligentes, abertos à vida, sensíveis ao bem, disponíveis para se deixarem guiar. Eles são imensamente amados por Deus, que vê nos seus rostos os traços de Jesus, seu Filho. É a sua inexperiência de vida e o desleixo dos adultos que os expõem ao erro e ao mal, quando eles simplesmente são frágeis e volúveis, mas precisamente porque são jovens, possuem em si, recursos magníficos, como a semente que esconde em si, o fruto de amanhã.

Em suma, segundo a sua pedagogia, os jovens têm de ser abordados no ponto em que se encontram, conhecidos nas suas necessidades fundamentais: o movimento e a alegria, a diversão e o jogo, a escuta e a amizade. A sua sede de verdade tem de ser saciada através da instrução; a consciência deve ser orientada para o bem; o coração, em busca de significados, deve encontrar repouso no encontro com Deus.

¹¹⁸ Cf. *Ibidem*, 117.

A *estes jovens*, mas na verdade *a todos os jovens*¹¹⁹, deve ser oferecido um ambiente capaz de se tornar em mediação formativa para os levar a conhecer os valores e a escolhê-los em liberdade. A tudo isto acresce a dinâmica relacional de Dom Bosco, sempre imbuída no espírito de alegria, amor, compaixão e misericórdia.

2.4. O coração e o estilo de Dom Bosco.

A pedagogia de Dom Bosco identifica-se com toda a sua ação, e a sua ação com toda a sua personalidade, e todo ele por inteiro está contido no seu coração, que nunca deixou de amar os jovens até ao fim da sua vida.

“É o coração, como ele próprio o entende, «não somente como órgão do amor, mas como parte central do nosso ser» a nível de natureza e de graça: «o coração quer, o coração deseja, compreende e entende, escuta aquilo que se lhe diz, inflama-se de amor, reflete, move-se»”¹²⁰.

Em tudo o que faz, resplandece o amor contido no seu coração, que lhe dá força e alegria para instruir os jovens na busca do bem e fuga do pecado. Esta afetividade intensíssima está fortemente interiorizada, na sua pessoa e na sua pedagogia, expressa, comunicada e perceptível, na bondade e amabilidade com que constrói as suas relações. Numa carta dirigida ao teólogo Borel¹²¹ menciona, que “o padre Trivero se dedique ao Oratório, mas que tenha cuidado, porque ele trata os rapazes com muita aspereza, e sei que alguns já ficaram aborrecidos. V. Rev.^a faça com que o azeite tempere toda a comida do nosso Oratório”¹²².

¹¹⁹ Infelizmente o cenário descrito dos jovens rapazes Turineses do séc. XIX perdura até aos dias de hoje, em muitas cidades do nosso planeta. Os jovens de Dom Bosco são também os nossos jovens.

¹²⁰ P. STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica*, vol. II, 37-38, citado em P. BRAIDO, *Prevenir não Reprimir*, 168.

¹²¹ Teól. G. Borel, sacerdote turinês (1801-1873), capelão nas escolas de S. Francisco de Paula, depois nas obras da senhora Barolo, pregador popular, ardoroso colaborador de Dom Bosco na obra dos oratórios, como havia sido de Cafasso no apostolado das prisões.

¹²² Carta ao teólogo Borel, 31 de Agosto 1846, Em I 71, citado em P. BRAIDO, *Prevenir não Reprimir*, 168.

Torna-se evidente, que o imenso trabalho de Dom Bosco tem raízes e motivações cristãs e sacerdotais, radicadas nas grandes virtudes teologais da fé, esperança e caridade, com tudo aquilo que comportam na sua referência a Deus, fim último, e ao próximo, amado porque Deus o ama. A sua expressão “glória de Deus e salvação das almas” enche a sua vida e os seus escritos, sendo a sua atitude mais visível a do “orante”, que louva, invoca, dá graças e, tudo espera do alto, em caridade colaborante.

Na verdade, antes de ser *sistema*, a pedagogia de Dom Bosco é vida concreta, exemplaridade, transparência pessoal, e a sua visão pedagógica só adquire relevo e significado se for constantemente referida a esta fonte viva e límpida.

3. As suas obras.

Para acolher os jovens saídos das prisões e os rapazitos que a ele afluíam, inicia o seu Oratório¹²³, na pequena sala perto da capela de Francisco de Assis. Esta iniciativa teve a sua origem no encontro com o jovem Bartolomeu Garelli (mencionado anteriormente) na sacristia da Igreja do colégio de Francisco de Assis.

O número de jovens foi aumentando durante o inverno, havia também adultos, e outros tantos rapazes já instruídos que ajudavam a manter a ordem, a ler e a cantar cânticos sagrados. Entretanto, a sala torna-se pequena e transferem-se para a vizinha capela da sacristia, de vez em quando utilizavam o pátio. Entre os jovens rapazes destacou-se José Buzzetti¹²⁴, um rapaz educado e assíduo.

¹²³ Cf. D. AGASSO; R. AGASSO; D. AGASSO JR. *Dom Bosco: Uma vida sem tempo*, 70.

Em português corrente, a expressão “oratório” refere-se a um lugar de oração. Na tradição eclesial italiana, o oratório é um espaço de pastoral juvenil, onde se oferece instrução religiosa, animação do tempo livre, acesso aos sacramentos. O primeiro oratório foi criado por S. Filipe de Néri, cerca de 1550, em Roma.

¹²⁴ Cf. A. GIRAUDO, *Memórias do Oratório*, 119. *Giuseppe Buzzetti* (1832-1891) ficará ligado a Dom Bosco por toda a vida como colaborador e tornar-se-á salesiano leigo (cf. *Memorie biografiche di Giuseppe Buzzetti*,

A iniciativa teve o aval do padre Cafasso e do teólogo Guala, que, ajudavam com livrinhos, folhetos, medalhas e pequenas cruzeiras, para oferecer aos rapazes. Por vezes, ajudavam com vestuário e pão, que dava para os sustentar por algumas semanas até encontrarem trabalho. O oratório foi um sucesso e durou quase três anos até outubro de 1844¹²⁵, altura em que se mudam para Valdocco, um bairro periférico de Turim.

Para Braido o sucesso do oratório deve-se a Dom Bosco: o jovem padre que mostra àqueles rapazes um rosto da Igreja diferente do austero e sombrio do tempo. Por isso eles vão ter com ele, cada vez em maior número¹²⁶. Mas, a procura é recíproca, porque Dom Bosco não os abandona nunca, nem sequer nos dias de semana. Vai ter com eles ao seu posto de trabalho, oficina ou estaleiro que seja, para conversar e obter informações deles perante os seus chefes e patrões. Os rapazes sentem-se importantes porque alguém se preocupa com eles. Aquele padre conhece-os, chama-os pelo nome, sempre com uma voz amigável, que podia ser do pai ou mãe, ou seja: os pais que a maioria deles não tinha. A sua preocupação com eles, em vestuário, alimentação, instrução e educação, tem retorno positivo, principalmente no facto de serem eles próprios a trazer mais companheiros para junto de Dom Bosco¹²⁷.

«Mas o que mais atrai os jovens é o bom acolhimento. Uma longa experiência deu a conhecer que o bom resultado na educação da juventude consiste especialmente em saber “fazer-se amar para depois se fazer temer”. Este é o “sistema preventivo” de Dom Bosco: antes de tudo, fazer-se amar»¹²⁸.

Com efeito, pela sua amabilidade, o educador sabe fazer-se amar, aproximando-se ao mundo dos jovens, com simpatia, respeito, atenção e compreensão.

coadiutore salesiano, S. Benigno Canavese, Scuola Tip. Salesiana, 1898; Eugenio PILLA, *Giuseppe Buzzetti, coadiutore salesiano*, Torino, Società Editrice Internazionale, 1960).

¹²⁵ Cf. *Ibidem*, 117-125.

¹²⁶ Cf. D. AGASSO; R. AGASSO; D. AGASSO JR. *Dom Bosco: Uma vida sem tempo*, 72.

¹²⁷ Cf. *Ibidem*, 73.

¹²⁸ Cf. *Ibidem*, 164.

Quando termina os estudos no *Convitto*, tem de decidir o que fazer de forma estável como padre. Mais uma vez pede conselho ao padre Cafasso, que o convida antes de tudo, a rezar, a falar com Deus. Depois, aconselha-o a ficar em Turim, tinha demonstrado que sabia trabalhar muito bem com os jovens, e como tal, devia empenhar-se a fazer aquilo que sabia fazer, na obra de que há tanta necessidade: a educação da juventude. Essa era a vontade de Deus e não outra coisa. Surge então, a oportunidade de ser capelão do pequeno Hospital de Santa Filomena, que estava a ser construído pela marquesa Giulia Colbert de Mulévrier, viúva sem filhos de Tancredi Falletti di Barolo, sendo este um dos homens mais ricos do reino, tendo sido duas vezes presidente da câmara de Turim¹²⁹. Como o hospital não está terminado, começa por ajudar o diretor espiritual das obras da marquesa, o teólogo Giovanni Borel, na pregação e assistência religiosa das várias casas.

Dom Bosco obtém autorização para trazer os seus rapazes de S. Francisco de Assis, e no dia 8 de dezembro de 1844, é preparada uma capela e benzida para o seu novo oratório. É ali que encontra o seu patrono, S. Francisco de Sales. O oratório chamar-se-á S. Francisco de Sales, do qual derivará a designação agora familiar em todo o mundo: Salesianos.

3.1. Dom Bosco, educador e empreendedor.

Em poucos anos com a crescente afluência dos jovens, o oratório de S. Francisco de Sales, converte-se num espaço mais organizado de encontros festivos para os jovens externos. Depois teve também um internato para os estudantes, os artesãos e os clérigos, com aulas, dormitórios, refeitórios, oficinas de artes e ofícios (sapataria, encarnação, carpintaria, reprografia e serralharia.).

¹²⁹ Cf. *Ibidem*, 74.

Para responder de forma mais organizada, construtiva e duradoira, aos enormes desafios no campo do trabalho apostólico e formativo dos jovens, Dom Bosco, começa a formar os seus primeiros colaboradores entre os seus próprios alunos. Assim, a 26 de janeiro de 1854 propôs a quatro jovens (Rocchetti, Artiglia, Rua e Cagliero) formarem uma associação, nascendo assim, o primeiro núcleo da Sociedade Salesiana.

Animado pelo Santo Padre, funda oficialmente, a 18 de dezembro de 1859, a Pia Sociedade de S. Francisco de Sales, mas só na década seguinte, com o decreto de 1 de março de 1869 recebe a aprovação pontífice da Sociedade Salesiana¹³⁰, que se apresenta com uma hierarquia interna própria e responde diretamente a Roma.

Mas o seu objetivo de educar e instruir os jovens no bem, não se confinou só aos rapazes, pois de vários lados, Pio IX, bispos, párocos, personalidades várias, lhe chegam pedidos de oratórios e escolas para raparigas pobres. Com tanta solicitude, a 1872, nasce o Instituto religioso feminino, a que deu o nome de “Filhas da Maria Auxiliadora”¹³¹.

Depois das primeiras fundações em Itália, Dom Bosco deu início à expansão da sua obra pelo mundo. A sua primeira fundação Salesiana fora das fronteiras de Itália teve lugar em Nice (França) a 1875. Contudo, só a Europa era pouco, e nesse ano, começa uma nova jornada missionária: manda os seus primeiros colaboradores salesianos para Buenos Aires, capital da Argentina, na América latina.

A sua obra e o seu empreendedorismo concederam-lhe fama enquanto homem bom, sacerdote e educador, tanto no meio do povo civil, como no meio eclesiástico. A sua fama e diplomacia espalha-se um pouco por toda a parte, e neste contexto, Braido descreve o seguinte sobre Dom Bosco:

¹³⁰ Cf. *Ibidem*, 221.

¹³¹ Cf. *Ibidem*, 234-241.

«Já se fala abertamente de *milagres*, curas extraordinárias atribuídas à sua intercessão, da sua autoridade derivada da total confiança de Pio IX, das suas influências entre prelados e nobres romanos que lhe põem à disposição carruagens e palácios a troco de bênçãos, do seu papel de intermediário para a nomeação dos novos bispos, para o que é chamado a Roma pelo Vaticano e pelos mata-grades do Governo»¹³².

Em 1876 nasce outro projeto: apostólico e educativo, constituído por leigos e eclesiásticos, com o nome “Associação ou União dos Cooperadores Salesianos”¹³³. A iniciativa rapidamente se torna num movimento de massas, e como instrumento de animação para a “União dos Cooperadores Salesianos”, e ter os seus membros e muitos outros amigos benfeitores ao corrente de todas as atividades, cria a revista mensal “*Boletim Salesiano*”¹³⁴. O primeiro número saiu em agosto de 1877. Anteriormente, a 1853 tinha redigido as *Leituras Católicas*¹³⁵. As suas capacidades literárias (perfeita sintonia entre mentalidade/atitude), fazem dele um escritor de produção abundante, especialmente no campo catequético, religioso, devocional, apologético, hagiográfico, tendo ampliado as possibilidades de difusão com a fundação de tipografias, livrarias e editoras.

Mas as suas capacidades empreendedoras e criativas, vão muito mais além, para conseguir edificar e sustentar as suas casas e os seus jovens rapazes, além de recorrer a benfeitores e aos ministérios públicos, elabora uma lotaria¹³⁶, de modo a usufruir também da beneficência pública. Várias vezes recorre à lotaria para angariar dinheiro, viaja muito e por toda a parte encontra acolhimento e escuta, além de ajuda económica. Entre outras cidades,

¹³² *Ibidem*, 243.

¹³³ Cf. *Ibidem*, 262. Obteve o reconhecimento de Pio IX no *Breve* de 9 de maio de 1876.

¹³⁴ Cf. *Ibidem*, 264-265.

¹³⁵ Cf. P. BRAIDO, *L'educazione religiosa popolare e giovanile nelle Letture Cattoliche di Don Bosco*, in «Salesianum» 15 (1953) 648-672; L. GIOVANNINI, *Le «letture Cattoliche» esempio di «stampa cattolica» nel secolo XIX*, Napoli, Liguori 1984, 280, citado em P. BRAIDO, *Prevenir não Reprimir*, 152; A. GIRAUDO, *Memórias do Oratório*, 227.

¹³⁶ Cf. D. AGASSO; R. AGASSO; D. AGASSO JR. *Dom Bosco: Uma vida sem tempo*, 123.

visita Milão, Florença, Veneza, Brescia e Pádua. Numa das suas visitas a Florença, o padre Lemoyne¹³⁷ narra que Dom Bosco,

Passava de um ministério para outro: do ministério do Interior para subsídios aos rapazes internos, ao das Obras Públicas para questões de viagens e de tarifas, ao da Graça e Justiça para as despesas dos oratórios festivos, ao das Finanças para a isenção de certos impostos¹³⁸.

3.2. “Bons cristãos e honestos cidadãos”.

No fim dos anos cinquenta do século XIX, Dom Bosco era procurado e *visto* como o padre dos jovens pobres, um educador, um renovador do oratório, o fundador do pensionato operário e estudantil, um excelente pregador, escritor e editor, suscitador de beneficência, um organizador infatigável. Todo ele enquadrava um conjunto de caminhos que levavam todos à estrada principal: fazer bons cristãos e honestos cidadãos, para a cidade de Deus e para a cidade do homem.

“Num texto que aparece como Introdução ao Regulamento do oratório de 1854, escreve que a juventude “não é por si mesma de índole perversa”, e antes, “pondo de parte o desleixo dos pais, o ócio, a influencia dos maus companheiros”, perigosos sobretudo “nos dias festivos”, é fácil insinuar-lhe “os princípios de ordem, de bons costumes, de respeito, de religião”. Se há jovens já “viciados”, é mais “por desleixo, do que por malícia consumada”. É necessário que alguém “cuide deles, que os cultive, oriente para a virtude e os afaste do vício”. A receita vale para todos, desde os ajudantes de pedreiro aos rapazes que se encontram “nas prisões de Turim”, aos pobres e aos marginalizados mais expostos ao perigo, “periclitantes para si e perigosos para os outros”¹³⁹.

Para Dom Bosco, vai-se para a prisão, mais por falta de educação do que por malvadez.

¹³⁷ Cf. Giovanni Battista Lemoyne (1839-1916), sacerdote genovês, insere-se na sociedade religiosa de Dom Bosco a 1864. Diretor do colégio de Lanzo Torinese de 1865 a 1877, a partir de 1883 torna-se secretário e colaborador fraterno de Dom Bosco, e secretário do Concelho Superior da Sociedade Salesiana. Citado em P. BRAIDO, *A arte de educar*, 305.

¹³⁸ D. AGASSO; R. AGASSO; D. AGASSO JR. *Dom Bosco: Uma vida sem tempo*, 217.

¹³⁹ *Ibidem*, 178.

“Com efeito, notou-se que pouco a pouco se lhes fazia sentir a dignidade do homem, que é racional e deve procurar o pão com o trabalho e não com a ladroagem; em suma, apenas se fazia ressoar o princípio moral à sua mente, sentiam no coração uma alegria de que não sabiam dar razão, mas que lhes fazia desejar ser melhores”¹⁴⁰.

A sua expressão “iluminar a mente para tornar bom o coração” está visível neste texto. Ao instruí-los na religião, entra no coração dos jovens rapazes, que sentem alegria e o desejo de mudar de vida. Esta experiência vivida, leva-o a excluir radicalmente a noção de correção, atendo-se ao prevenir entendido em sentido unívoco: destinado não tanto a reeducar delinquentes, mas a cultivar educativamente o maior número de jovens, normais ou até em perigo, de modo a prevenir a tempo os sérios desvios morais e sociais ou o risco de delinquência. Segundo a perspectiva de Braido:

“Dom Bosco representava o perfil vivo do padre educador e filantropo, dedicado à juventude abandonada e em perigo, em ação preventiva, pessoal, assistencial, social, para preservá-la do risco da delinquência e, eventualmente, a recuperar depois da queda na mesma”¹⁴¹.

No entanto, Dom Bosco abre também as portas aos jovens não abandonados, de famílias com recursos financeiros, que queriam fazer os seus estudos científicos/regulares, tendo perspectivas de chegar a *honrosos cristãos de sucesso numa carreira científica*, sendo este o embrião do colégio ou internato salesiano presente ainda hoje, em diversas partes do mundo.

O seu trabalho educativo podia exigir uma preliminar purificação da mente e do coração, uma obscurecida pela ignorância e pelos preconceitos, o outro corrompido pelo vício e pelos maus hábitos, “iluminar a mente para tornar bom o coração”, foi desde o início o desígnio específico da sua missão.

¹⁴⁰ *Ibidem*, 179.

¹⁴¹ *Ibidem*, 182.

De realçar o seu agir educativo, com forte conotação civil e eclesial, sendo muito claros os objetivos gerais, que buscava por meio do sistema preventivo. Ele consegue fundir os objetivos em fórmulas simples, mas eficazes. Incutiu os objetivos pessoais, como a «alegria, estudo, piedade»¹⁴²; saúde, sabedoria, santidade¹⁴³; trabalho, Religião, virtude¹⁴⁴; num projeto mais vasto de regeneração social, «Trabalho, Instrução, Humanismo»¹⁴⁵.

Ele vai unir a dimensão bio psíquica à intelectual e à religiosa, numa espécie de humanismo integral, permitindo aos jovens serem bons cristãos e honestos cidadãos, capazes de conjugar “trabalho, religião, virtude”, “piedade, moralidade, cultura, civilização”¹⁴⁶.

Na opinião de Carlo Nanni, podemos entrever aqui, uma feliz síntese da formação que Dom Bosco chamava *a educação moral, civil e cristã*, permitindo pensar numa imagem integrada de ser humano, ao mesmo tempo pessoa, trabalhador, cidadão, crente.

Segundo Braido, a formação do «bom cristão e honesto cidadão» desenvolve-se dentro da dinâmica da «pedagogia do dever», onde o estudo, trabalho, profissão, missão, são a base da iniciação ao sagrado, ou seja, ela é *res sacra*, expressão da vontade de Deus e via para a santidade, sendo «os deveres» a inteira gama das dimensões da moral humana cristã¹⁴⁷.

¹⁴² São as palavras literais ditas a F. Besuco, *Il pastorelo delle Alpi* (1864), 90: OE 15, 332, in P. BRAIDO, *La esperienza pedagogica de Dom Bosco*, 131.

¹⁴³ *Ibidem*, 131. Carta de 12 de agosto de 1871 à Co. Gabriela Corsi (E 2, 172: «Per la damigella Maria [...] dimanderò al Signore tre grossi S, cioè che sai sana, sapiente e santa»); a los alunos del Colegio de Turín-Valsálice (carta de 8 de Março de 1875 a Don F. Dalmazzo: E 2,465); a los alunos de Varazze (carta de 10 de janeiro de 1876 a Don Francesca: E 2,6: «sanità stabile, progresso negli studi e la vera ricchezza, il santo timor di Dio»); carta ao bispo de Acqui de 14 de janeiro de 1876 sobre a finalidade do Colégio de Maria Auxiliadora para raparigas: «educare cristianamente le ragazze non agiate, oppure povere ed abbandonate per avviarle alla moralità, alla scienza ed alla religione» (E 3,11); «Sano, Sapiente, Santo» é o desejo que faz chegar a Manuel, filho dos condes Callori (carta de 8 de Março de 1874: E 2,362).

¹⁴⁴ *Ibidem*. Conferência romana aos Cooperadores Salesianos, datada de 29 de janeiro de 1878: «Salvare tanti giovani pericolanti, cui sovrasta un tristo avvenire, se una mano benéfica non li raccoglie, non li sostiene, non li conduce al lavoro, alla Religione, alla virtù» (BS 1878, n. 3, Marzo, 11).

¹⁴⁵ *Ibidem*. Aos Colaboradores Salesianos de S. Benigno Canavese, 4 de junho de 1880: BS 1880, n. 7, Julio, 12.

¹⁴⁶ Cf. C. NANNI, *O Sistema Preventivo de Dom Bosco, hoje*, Cisbrasil-CIB, 2014, 49.

¹⁴⁷ Cf. P. BRAIDO, *Prevenir não Reprimir*, 232.

Alberto Caviglia partilha a mesma opinião da perspectiva do dever, mencionando que existem «Dois princípios práticos fundamentais: o uso escrupuloso do tempo e a diligência no cumprimento do dever são os que Dom Bosco colocou à testa de todo o trabalho espiritual»¹⁴⁸.

3.3. Razão, Religião e amabilidade¹⁴⁹.

Para Dom Bosco, a razão, a religião e a amabilidade são a unidade relacional do tríplice fundamento do seu Sistema Preventivo. Contudo, não são realidades contíguas, mas interrelacionais, antes intercompenetradas, quer ao nível de fins e de conteúdos, quer ao nível de meios utilizados.

Ao nível de conteúdos, o conjunto constituiu-se uma síntese original dos elementos necessários ao desenvolvimento dos jovens rapazes: físico, intelectual, moral, social, religioso e afetivo. Ao nível metodológico, juntas ativam um conjunto orgânico de intervenções idóneas para envolver o jovem aluno nas suas mais significativas potencialidades, mente, coração, vontade, fé, presentes de forma interativa¹⁵⁰.

Os três termos definem os conteúdos da mensagem «preventiva», que compreendidos na sua extensão global, indicam as dimensões capitais de uma plena humanidade cristã: os valores temporais, o sentido «religioso» da vida, o mundo da afetividade sensível, espiritual, sobrenatural. Dom Bosco ancora o seu carácter motivador e dinâmico, na verdadeira «rainha das virtudes», a caridade:

¹⁴⁸ A. CAVIGLIA, Il «Magone Michele» una clássica esperienza educativa...152; cf. 151-154, 77 dever [no mesmo volume encontra-se em primeiro lugar a biografia, com «nota preliminar», de Luigi Comollo]; A. CAVIGLIA, *La vita di Besuccio francesco...*, 171-174, citado em P. BRAIDO, *Prevenir não Reprimir*, 232.

¹⁴⁹ Cf. D. AGASSO; R. AGASSO; D. AGASSO JR. *Dom Bosco: Uma vida sem tempo*, 180. Em nota de rodapé pode ler-se: Em português, a palavra “amabilidade” é entendida, muitas vezes, como sinónimo de “boas maneiras”, “delicadeza” ... Mas a palavra tem um sentido mais forte. É característica daquilo que deve ser amado e desejado.

¹⁵⁰ Cf. P. BRAIDO, *Prevenir não Reprimir*, 268.

«A prática deste sistema apoia-se toda nas palavras de S. Paulo que diz: A caridade é benigna e paciente; tudo sofre, mas tudo espera e suporta qualquer incómodo». Com ela, «Razão e Religião são os instrumentos de que o educador constantemente deve fazer uso, ensiná-los, praticá-los ele mesmo se quer ser obedecido e conseguir o seu objetivo»¹⁵¹.

Segundo Dom Bosco, só o cristão pode aplicar com êxito o sistema preventivo, sendo a razão e a religião os instrumentos de que o educador tem de servir-se constantemente, ensiná-los, praticá-los ele mesmo, se quer ser obedecido e atingir o seu objetivo.

3.4. O sistema preventivo na educação da juventude.

Ao longo dos tempos usaram-se dois sistemas para educar a juventude: preventivo e repressivo. O sistema repressivo consiste em fazer conhecer a lei aos súbditos e vigiar depois para descobrir os transgressores e impor-lhe, se necessário, o castigo merecido. Neste sistema, as palavras e a atitude do superior devem ser severas, ameaçadoras; o superior deve evitar toda a familiaridade com os súbditos. O diretor para dar força à sua autoridade, deve encontrar-se raras vezes com os seus dependentes, e só em caso de castigo ou ameaça. Um sistema fácil de aplicar, menos trabalhoso, em que as pessoas adultas devem por si mesmas, saber o que está conforma à lei e suas prescrições.

Muito diferente é o sistema preventivo, este:

“Consiste em fazer conhecer as prescrições e regulamentos de uma Instituição e vigiar depois de modo que os alunos tenham sempre a acompanhá-los o olhar atento do diretor e dos educadores que, como pais amorosos, falam, orientam em todas as ocasiões, dão conselhos e corrigem amavelmente, ou seja: colocar os alunos na impossibilidade de cometer faltas”¹⁵².

¹⁵¹ *Il sistema preventivo* (1877), 52, OE XXVIII 430, citado em P. BRAIDO, *Prevenir não Reprimir*, 266.

¹⁵² P. BRAIDO, *A arte de educar*, 201.

O sistema preventivo exclui qualquer castigo violento, e procura evitar até castigos leves, apoiando-se na razão, na religião e na amabilidade/bondade do educador. É um método preferível, porque o jovem é encorajado pelo *aviso amigável e preventivo que o torna razoável* por parte do educador. Enquanto o sistema repressivo, *pode impedir uma desordem, mas dificilmente torna melhor os faltosos*.

Na prática o sistema baseia-se inteiramente nas palavras de S. Paulo já descritas anteriormente: *Charitas benigna est, patiens est; omnia suffert, omnia sperat, omnia sustinet*.

Como se pode verificar neste sistema, a metodologia preventiva é toda confiada ao educador. Na descrição dos dois sistemas sempre usados na educação da juventude, sobressai distintamente, que no sistema repressivo a responsabilidade *executiva* é quase toda do aluno; enquanto o superior-educador, além da tarefa de *vigilância*, exerce um poder *judiciário-punitivo*; no preventivo, o protagonista absoluto é o educador, detentor da plenitude dos poderes, *executivo, judiciário, punitivo*, ao passo que o aluno, é chamado a uma essencial *execução cooperativa*, a um *coprotagonismo subordinado*¹⁵³.

A partir da perspectiva de Braido, podemos verificar que o sistema assenta na razão, religião e na bondade do educador, porque, não se constroem sujeitos maduros, nos valores de razão, religião e afetividade, se o educador não for ele mesmo fim-valor e método segundo a razão, religião e afetividade. Se partimos do pressuposto de que a moralidade dos alunos depende de quem os ensina, assiste e dirige, então, são necessários educadores ricos de valores humanos, religiosos, afetivos, que sejam modelos, testemunhas, comunicadores com vida, com as palavras e com as obras.

¹⁵³ Cf. P. BRAIDO, *Prevenir não Reprimir*, 267.

A seriedade do *compromisso moral e religioso* do educador, tendo como premissas o dever, piedade, viver em graça, fugir do pecado, é proposta, e promovida em base a relações e processos racionais e carinhosos. Por outro lado, a doçura da bondade não significa fraqueza, sentimentalismo, sensibilidade desleixada, mas envolvimento emotivo constantemente iluminado e purificado pela razão e pela fé. Por sua vez, o equilíbrio, a medida, a racionalidade dos regulamentos, das prescrições, das relações interpessoais são constantemente motivados e integrados pela sinceridade da piedade religiosa e pela participação empática do educador ativamente presente¹⁵⁴.

A nível metodológico não existem dúvidas quanto a determinar a primazia da bondade, como sendo a principal motivação de todo o sistema: a bondade é amor demonstrado, por isso, amor afetivo e efetivo, atestado pelos factos, perceptível e percebido.

O amor é o fundamento metodológico primordial, mas é necessário, que os jovens não só sejam amados, mas que eles mesmo sintam que são amados.

4. Considerações finais.

A explanação descrita mostra que Dom Bosco era um homem de grande fé, iluminado por Deus, determinado a cumprir a sua missão, sendo a sua fé, o substrato do seu testemunho de vida.

Inteligente e perspicaz visionou os tempos futuros, através da vivência do seu tempo, rezou, trabalhou e lutou muito pelos seus sonhos e ideais. A instrução religiosa que obteve de sua mãe desenvolveu nele a sua dimensão espiritual, fez dele um rapaz nobre, de coração generoso, com a semente do amor a florescer dentro de si.

¹⁵⁴ Cf. *Ibidem*, 268.

O sonho dos 9 anos permitiu vislumbrar a sua vida futura, sem entender no momento exatamente o seu propósito, o que é compreensível; no entanto, despertou nele o sentimento da sua vocação, mostrando-lhe que o amor é o verdadeiro caminho de salvação.

O estudo deu acesso ao conhecimento teórico, e encontrou a doutrina e a moralidade na *Imitação de Cristo*, mas foi no terreno que completou a sua formação, sempre inacabada.

A escolha do sacerdócio foi a escolha do seu coração, da sua vocação. Um meio de concretizar a sua missão, e tal como Jesus ser *um homem para os outros*. Ao olhar para aqueles jovenzitos desamparados, órfãos, famintos de pão material e espiritual, viu neles o coração trespassado de Jesus, onde brota sangue, que simboliza a dor e sofrimento, mas também água, que simboliza a vida, a transparência e a alegria de querer viver.

O sacerdócio e a educação foram os meios utilizados para indicar caminhos, para *ganhar o pão*, caminhos para evitar a miséria, o abandono, a solidão. O caminho do trabalho honesto e honrado (dever), conduziu os jovens ao caminho verdadeiro, e com isso, recuperarem a dignidade perdida.

A sua pedagogia preventiva nasce da própria experiência empírica, junto dos jovens no Oratório de Valdocco, labutando pela salvação das almas, tendo como objetivo: procurar salvar os rapazes fosse qual fosse a sua condição e origem, para os entregar à sociedade como bons cristãos e honestos cidadãos.

O seu límpido discernimento fez dele um verdadeiro diplomata, quer ao nível eclesial quer ao nível social. A fidelidade e excelente relação com o Papado não terminou com a morte de Pio IX a 1878, manteve uma relação contínua com o seu sucessor, o cardeal Gioacchino Pecci, que toma o nome de Leão XIII. O novo papa, conhecendo a realidade de Turim, depressa o recebe para o incentivar a continuar a sua missão, e no ano de 1880, precisa da sua ajuda, manda-o chamar e recebe-o em audiência: confia-lhe um encargo ao mesmo

tempo prestigiante e oneroso. Leão XIII pretendia acabar a construção de uma igreja dedicada ao Sagrado Coração, em Roma, iniciada por Pio IX. Dom Bosco aceita a missão, porque se o Papa quer a igreja do Sagrado Coração, esta tem que ser concluída. Contudo:

“Tem agora sessenta e cinco anos, está doente, cego da vista direita, faixas elásticas nas pernas, sofre de enxaquecas e de febres, tem erupções cutâneas. Mas a obediência ao Papa está acima de tudo. Escreve cartas e circulares, mobiliza benfeitores, entrega as obras a mãos de confiança. Será uma longa canseira de mais de sete anos”¹⁵⁵.

Dom Bosco vê neste empreendimento uma oportunidade de realizar o sonho de edificar uma casa salesiana em Roma, no coração da cristandade, junto dos túmulos dos apóstolos Pedro e Paulo e próximo do vigário de Cristo na terra.

O seu objetivo nunca foi ficar rico ou famoso, mas sim, ser um autêntico discípulo de Jesus Cristo, um verdadeiro servo de Deus, que vive em graça colaborante. Empenhou-se com todas as forças pessoais e humanas possíveis, ultrapassando barreiras e obstáculos, doenças, dedicando-se aos homens, trabalhando para Deus.

O seu corpo doente e cansado chega ao fim a 31 de janeiro de 1888, com a idade de 72 anos e cinco meses, sendo a sua morte comunicada pelo padre Rua (seu sucessor, novo reitor-mor) a todos os ramos da família salesiana. No dia seguinte o corpo é trasladado para a Igreja de S. Francisco de Sales, onde foi velado por milhares de turineses que acorrem ao local. Em junho de 1929 é beatificado pelo Papa Pio XI, que o proclama Santo a 1 de abril de 1934¹⁵⁶.

Hoje em pleno Séc. XXI, o sistema preventivo de Dom Bosco, que une a razão, a religião e a caridade, faz sentido? Nesta sociedade global, tecnológica, pluralista e multicultural? A resposta a esta e outras questões são o desafio do próximo capítulo.

¹⁵⁵ D. AGASSO; R. AGASSO; D. AGASSO JR. *Dom Bosco: Uma vida sem tempo*, 287.

¹⁵⁶ Cf. *Ibidem*, 331-333.

CAPÍTULO III- A EDUCAÇÃO É UMA QUESTÃO DO CORAÇÃO.

Ao analisarmos o presente com o intuito de projetar e construir um futuro, podemos olhar para o passado, e ver o que de bom foi feito, em prol da dignidade humana e do bem comum.

A pedagogia educacional preventiva, de Dom Bosco, contribuiu para a regeneração da sociedade do seu tempo, elucidando, que através da linguagem do coração, implícita no interior do homem, é possível, encontrar novos caminhos. A sociedade atual apresenta-se com novos desafios, será que a sua pedagogia preventiva, pode ser um caminho a percorrer? O que podemos aprender com ela para a aplicar fora do âmbito das escolas católicas?

Sendo a dimensão espiritual constitutiva da totalidade do ser, a religião também faz parte do processo de ensino-aprendizagem. Toda a pessoa humana traz dentro de si, inscrita no mais profundo do seu ser, a necessidade de amor, de amar e ser amada. Por isso, questiona-se, e muitas vezes confunde-se, diante das tribulações da vida, e principalmente, do mal que existe no mundo, que parece tão forte e, ao mesmo tempo, radicalmente sem sentido.

A EMRC através dos seus conteúdos apresenta um contributo válido no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, no sentido em que, une razão e religião, iluminando a mente dos jovens, tornando bom o seu coração. No encontro com os *demais*, promove proactivamente, o diálogo fraterno, na plena construção de um humanismo solidário, contribuindo para a missão educativa na edificação de um mundo melhor.

1. Viver o presente, aprendendo com o passado.

O séc. XIX deparou-se com grandes transformações¹⁵⁷, foram tempos agitados, e controversos que mudaram o curso da história da Humanidade. As sociedades atuais, deparam-se também com grandes desafios, face à mutação constante das várias disposições tecnológicas, políticas, económicas e sociais. A imprevisibilidade do futuro, e a sustentabilidade dos atuais padrões de desenvolvimento económico e social, constituem-se fatores de intervenção urgente.

O futuro do planeta e da própria Humanidade necessitam de um novo paradigma, que brote de uma límpida consciência humana, radicada no coração do homem. No entanto, são visíveis os sinais dos grandes progressos técnicos e científicos em diversos âmbitos da sociedade global, e nesse sentido, o Papa Francisco enfatiza: “São louváveis os sucessos que contribuem para o bem-estar das pessoas, por exemplo, no âmbito da saúde, da educação e da comunicação”¹⁵⁸.

Contudo, as novas tecnologias fazem o homem viver a um ritmo alucinante, aproximando o homem aos homens de diversas culturas, tornando o planeta mais pequeno, enquanto aumenta a miséria multiforme, tanto material como espiritual.

O sofrimento humano continua a abundar nas nossas sociedades, cada vez se ouve falar mais em violência, assassínios, falta de respeito, desprezo pelos pobres e idosos, racismo, preconceito, corrupção, desigualdades sociais entre países e povos, etc..., que derivam do egoísmo, inveja, ganância, indiferença, desrespeito pelo outro, falta de diálogo, falta de amor para com o próximo, e tudo o mais, que torna “impuro” o coração do homem.

¹⁵⁷ No início do capítulo anterior dei alguns exemplos das várias transformações vividas no séc. XIX, que mudaram o curso da história da Humanidade.

¹⁵⁸ FRANCISCO, Exortação Apostólica, *Evangelii Gaudium*, Paulus, 2013, 44.

No âmbito da educação, remeto o leitor para a introdução deste relatório (7-8), onde apresento alguns desafios da sociedade atual.

Atento aos sinais dos novos tempos, em pleno séc. XX, o Concílio Vaticano II foi claro quando sublinhou: “No nosso tempo, em que os meios de comunicação são mais rápidos, em que quase se venceu a distância entre os homens, (...) a atividade caritativa pode e deve atingir as necessidades de todos os homens”¹⁵⁹. Mais à frente, apela ao sentido de solidariedade entre todos os povos, sendo o dever do cristão, promovê-lo com carinho, e convertê-lo em verdadeiro e sincero amor fraterno:

“Procurem os católicos colaborar com todos os homens de boa vontade para promoverem tudo o que há de verdadeiro, de justo, de santo e de digno de ser amado (*Cf. Fl, 4, 8*). Estabeleçam diálogo com eles, indo ao seu encontro com prudência e delicadeza, e analisem as instituições sociais e públicas e o modo como aperfeiçoá-las segundo o espírito do Evangelho”¹⁶⁰.

De facto, a pessoa humana não pode encontrar plena realização somente em si mesma, prescindindo do seu ser *com* e *pelos* outros. Esta é uma das mensagens cristãs que a EMRC, promove nos seus educandos, e na própria comunidade escolar, onde se insere.

Dom Bosco aprendeu com Cristo, de como *ser para os outros*, e para isso não precisou partir em missão “*ad extra*”, porque a sua verdadeira missão, estava dentro de Si, dentro do seu coração. Um coração que ama a Deus, ama o próximo, e ao amar o próximo, é seu dever, não ficar indiferente ao que se passa ao seu redor.

Caminhando na luz de Cristo, empenha-se na árdua tarefa de educar os jovens, começando pelos “marginalizados”, “excluídos”, aqueles que ninguém queria assumir; oferecendo-lhes a sabedoria que possuía no seu coração: fé, razão, esperança e caridade; apresenta-lhes o caminho da alegria, sendo a alegria um produto da própria fé, a mesma fé

¹⁵⁹ CONCÍLIO VATICANO II, Decreto, *Apostolicam Actuositatem*, sobre o Apostolado dos Leigos, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1998, 8.

¹⁶⁰ *Ibidem*, 14.

que leva o homem a “mover montanhas” (Mt 17,20), e a encontrar novos caminhos, porque, “a fé, a esperança e a caridade caminham juntas”¹⁶¹.

Demonstrou ser um bom educador: dos vários lugares lhe chegavam pedidos para dar algumas regras aos diretores, aos prefeitos e mestres, que lhes servisse de norma no difícil caso de terem que aplicar algum castigo nas suas instituições. Redige então, regulamentos com normas e conselhos, e a 1883, no texto sobre os castigos que devem usar-se nas casas Salesianas, quase no fim do texto menciona:

“Recordai que a educação é coisa do coração e que só Deus é senhor do coração e nós nada poderemos conseguir, se Deus nos não ensinar a arte nem colocar nas nossas mãos a sua chave”¹⁶².

Para compreendermos melhor o significado desta frase, talvez seja importante entender a noção de coração na cultura bíblica do Antigo Testamento e Novo Testamento: as fontes de Dom Bosco.

2. Significado da palavra «coração» na cultura bíblica.

A palavra «coração» é um conceito complexo, quer estudado na teologia bíblica, quer na linguagem popular e na vida corrente. Vem a expressar a totalidade do homem e é anterior à distinção filosófica entre corpo biológico e espírito incorpóreo¹⁶³.

No sentido bíblico, o «coração» é a substância da pessoa humana, nas suas relações com o bem, com os outros e com Deus. Não se trata da sua afetividade; mas sim da sua consciência, das suas convicções, do sistema de pensamento ao qual se sente ligada, assim

¹⁶¹ BENTO XVI - Carta Encíclica, *Deus caritas est*, Roma, 2005, 39.

http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html

¹⁶² P. BRAIDO, *A arte de educar*, 297.

¹⁶³ Cf. P. ARRUIPE, *Mistério do amor misericordioso*, (Homilia em Roma – 1979), in, AA.VV. *Documentos da Igreja sobre o Coração de Jesus*, A.O., Braga, 2004, 250.

como, das paixões que determinam os seus interesses: «Porque, onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.» (*Lc 12, 34*).

Na esteira de Pedro Arrupe, o coração é símbolo eloquente, para expressar o centro mais original da unidade psicológica da pessoa, centro íntimo de cada ser, em que se realiza essencialmente a abertura a Deus e aos homens. É como que a consciência do nascer das decisões, o EU do homem, o seu interior, a sua personalidade oculta, que se contrapõe ao seu exterior. E, é nesse mesmo coração, que se encontra o lugar em que Deus se insere no homem, em que se grava a lei, em que se infunde o Espírito, e habita a Trindade¹⁶⁴.

2.1. Noção de «coração» no Antigo Testamento

O coração (consciência) aparece no Antigo Testamento como a testemunha do valor moral dos atos humanos. Fala da ação de David em duas ocasiões em que fez algo de mal: «E logo o seu coração se encheu de remorsos por ter cortado a ponta do manto de Saul» (*1Sm 24,6*). Outra ocasião: Feito o recenseamento do povo, David sentiu remorsos e disse ao Senhor: «cometi um grande pecado, ao fazer isto. Mas perdoa, Senhor, a culpa do teu servo, porque procedi como um insensato.» (*2Sm 24, 10*). Jeremias observa: «O pecado de Judá está escrito com um estilete de ferro, gravado com uma ponta de diamante sobre a tábua do seu coração, e nas hastes dos seus altares» (*Jr 17, 1*). Job responde aos que o acusam: «afirmarei a minha justiça e não me calarei; a consciência não me acusa por um só dos meus dias!» (*Jb 27, 6*), ou seja, o seu coração não o condena. Deus é aquele que perscruta o coração e sobre o coração julgará, a culpabilidade ou a inocência do homem (*Cf. 1Sm. 16, 7; Pr. 21, 2; Jr. 11, 20; 17, 10; 20, 12; Sl. 7, 10; 26, 2, etc.*)¹⁶⁵.

¹⁶⁴ Cf. *Ibidem*, 251.

¹⁶⁵ Cf. M. VIDAL, *Dicionário de Moral*, EPS, Porto, [s.d.], 116-117.

O coração é o lugar onde se interioriza a lei divina, convertendo-se depois em lei interiorizada: «Reconhece, agora, e medita no teu coração, que só o Senhor é Deus...» (Dt 4, 39), mas, interiorizar sem falsidade «Vela com todo o cuidado sobre o teu coração, porque dele jorram as fontes da vida» (Pr 4, 23). Os Profetas, Jeremias (31, 33) e Ezequiel (11,19) anunciam que a lei nova será gravada pelo próprio Deus no coração do homem.

O coração aparece como a fonte da vida moral (consciência): O homem caminha «pelas vias do seu coração» (Cf. Is 57, 17) e esta via é boa ou má conforme é bom ou mau o coração (Cf. Pr. 29, 27). A conversão da consciência está relacionada com o coração: «conhecer a chaga do seu próprio coração e estender as mãos a Deus» torna-se uma expressão clássica (Cf. Ex, 6, 9; Jr. 23, 9; Is. 57, 15; 61, 1; Sl. 19; 146, 3)¹⁶⁶.

Se voltarmos a Ezequiel¹⁶⁷, «Deus diz: dar-lhes-ei (ao povo, que hoje somos nós) um coração novo e infundirei no seu íntimo um espírito novo. Arrancarei do seu corpo o coração de pedra (ídolos) e dar-lhes-ei um coração de carne (Jesus), para que caminhem segundo os meus preceitos (amar o próximo) e observem as minhas leis (Bem-aventuranças) e as cumpram. Eles serão o meu povo e Eu (Jesus Cristo) serei o seu Deus.» (Ez, 11,19).

2.2. Significado de «coração» no Novo Testamento.

Os Evangelhos apresentam Jesus como a “personificação” do coração de Deus. Jesus ao anunciar o Reino de Deus declara uma relação pessoal, íntima com Deus-Pai. Nesta relação, encontramos um Reino de amor: bondade, caridade, compaixão, misericórdia e perdão.

A fidelidade e amor ao Pai, leva Jesus a viver em perfeita sintonia com os seus desejos e atos. É um homem de coração generoso (curas-milagres) e livre nas suas escolhas

¹⁶⁶ *Ibidem*.

¹⁶⁷ Os acrescentos em parenteses são meus.

(discípulos), aceitando no seu coração humano, o amor do Pai pelos homens, «levando o seu amor até ao extremo» (*Jo 13-1*), «dando a vida pelos seus amigos» (*Jo 15, 13*). Demonstra assim, que no coração humano pode existir o amor em toda a sua plenitude.

No evangelho de Lucas (*Lc 10, 25-37*)¹⁶⁸, um doutor, interroga Jesus, desejava saber o que fazer para possuir a vida eterna. Jesus remete-o para a Lei (Torá) e o doutor respondeu: «Amarás o Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todas as tuas forças e com todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo». No fim Jesus diz-lhe: «Respondes-te bem; faz isso e viverás.». Mas, o doutor questiona: E quem é o meu próximo? Jesus explica com a parábola do Bom Samaritano, porque vê na Lei algo muito mais profundo, e reformula-a: a lei verdadeira é o amor a Deus e ao próximo. Ele personifica a lei! A sua conduta e a sua vida são a nova lei, onde o amor a Deus e aos homens torna-se fonte inesgotável de Vida¹⁶⁹.

Outra ocasião em que Jesus voltou a ser interrogado pelos fariseus e alguns doutores da Lei: «Porque transgridem os teus discípulos a tradição dos antigos? Pois não lavam as mãos antes das refeições.» (*Mt 15, 2*). Jesus remete-os novamente para a Lei, e acaba por lhes chamar, hipócritas! Justifica-se com as profecias de Isaías «Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim.» (*Is 29-13*). Depois ensina à multidão: «Não é aquilo que entra pela boca que torna o homem impuro; o que sai da boca é que torna o homem impuro.» (*Mt 15-11*). Com efeito, o grande sofrimento humano brota de corações impuros. Jesus esclarece: «é do interior do coração dos homens que saem os maus pensamentos, as prostituições, os roubos, assassínios, adultérios, ambições, perversidade, má-fé, devassidão,

¹⁶⁸ Nos ensinamentos de Jesus, voltarei a este texto, com uma explicação à luz do mundo atual.

¹⁶⁹ Cf. F. FERNÁNDEZ-CARVAJAL, *O mistério de Jesus de Nazaré*, Encontro da Escrita, Lisboa, 2015, 81.

inveja, maledicência, orgulho, desvarios.» (*Mc 7,21-22; Mt 15, 19*), hoje, podemos acrescentar, a corrupção.

Jesus ao falar de Si mesmo diz: «aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para o vosso espírito.» (*Mt 11, 29*). O coração humano encontra em Cristo a força, a coragem, a luz e a paz, de que necessita para continuar a seguir caminho.

E, em caminho, encontramos os dois discípulos de Emaús, que encontraram Jesus Cristo, mas os seus olhos estavam impedidos de o reconhecer, só no momento da partilha do pão, é que os seus olhos se abriram e reconheceram-no, mas Ele desapareceu da sua presença: «Disseram então um ao outro: Não nos ardia o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?» (*Lc 24, 32*).

Nas Bem-aventuranças encontramos a importância de ter um coração sincero e verdadeiro: «Felizes os puros de coração, porque verão a Deus.» (*Mt 5, 8*). Significa, abrir o coração a Cristo, descobrir o verdadeiro amor de que fala S. Paulo (citado no I e II capítulo), fonte de sabedoria eterna, e descobrir a verdadeira felicidade, porque «a felicidade está mais em dar do que em receber.» (*At 20,35*); e «Deus ama quem dá com alegria.» (*2Cor 9, 7*). Mas, S. Paulo adverte: «ainda que eu distribua todos os meus bens e entregue o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, de nada me aproveita.» (*1Cor 13,3*).

É pelo coração que o homem se torna sensível aos valores absolutos do bem, à justiça, à fraternidade e à paz, e para que tal aconteça, é necessário renovar o coração.

2.3. De um coração novo, nasce a paz e a subsidiariedade.

Se os sistemas atuais, excogitados pelo coração do homem, se demonstram incapazes de garantir a equidade mundial e a paz, porque, da paz, advém a justiça e a caridade, é o coração do homem que necessita ser renovado, para poder renovar os sistemas, as instituições e os métodos.

Nesta conjuntura, a Fé cristã tem uma palavra para designar esta mutação fundamental do coração: é a palavra conversão. De forma sumária: a palavra conversão consiste em reencontrar a clarividência e a imparcialidade com a liberdade de espírito, o sentido da justiça com o respeito pelos direitos do homem, o sentido da equidade com a solidariedade mundial, entre ricos e pobres, o sentido da diaconia com espírito de missão, o sentido do diálogo na promoção da confiança mútua e o amor fraterno¹⁷⁰.

Em suma: o coração novo é aquele que se deixa guiar pelo amor, não pelo egoísmo, inveja ou ódio, mas sim, pela caridade expressa na disponibilidade para *estar com* o outro, escutá-lo e *ajudar* nas suas necessidades, colocando em prática a verdadeira subsidiariedade, contribuindo de forma efetiva na edificação, da verdadeira solidariedade mundial.

3. O sistema preventivo hoje faz sentido?

A sociedade atual dá sinais de que existem dificuldades em educar, sentida pelas famílias e pela comunidade educativa-escolas, particularmente, devido à grande influência sobre os jovens, da internet, do mundo cibernauta, onde as redes sociais (facebook, twitter...etc.)

¹⁷⁰ Cf. JOÃO PAULO II, *De um coração novo, nasce a Paz*, Mensagem do XVII dia Mundial da Paz (1 de janeiro de 1984), 3.
http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_19831208_xvii-world-day-for-peace.html

possibilitam novas formas de socialização. Esta evolução tecnológica, também traz consigo situações desagradáveis, pondo em risco a própria vida dos jovens, adolescentes e crianças.

Dentro deste novo paradigma, sociológico e educacional, a EMRC à luz do sistema preventivo de Bosco tem muito a ensinar aos nossos educandos, que cada vez mais, se interrogam sobre a sua existência, a sua formação, e sobretudo, sobre o sentido da vida. Sobre estas questões, recordamos o que nos diz a Igreja:

“É preciso preocupar-se com a formação da inteligência, sem descuidar a da liberdade e da capacidade de amar. Por isso, é necessário também recorrer à ajuda da graça. Só assim será possível contrastar eficazmente o risco para o futuro das famílias humanas, que é constituído pelo desequilíbrio entre o crescimento tão rápido do nosso poder técnico e o crescimento bem mais difícil dos nossos recursos morais”¹⁷¹.

A comunidade cristã sempre se preocupou em promover o desenvolvimento da pessoa na sua totalidade, contribuindo ao mesmo tempo para o crescimento do corpo social e da promoção do bem comum com responsabilidade cristã. É esta totalidade que entende a tradição salesiana, quando indica como fim último da educação formar “bons cristãos e honestos cidadãos”. A atenção aos jovens acentua a vontade de realizar uma autêntica educação, que saiba abordar a necessidade de busca de sentido e de felicidade das pessoas. Dom Bosco lembrava aos jovens que ele não pretendia outra coisa, que não fosse a verdadeira e plena felicidade deles.

Seguindo esta linha de desejo e vontade, o Concílio Vaticano II afirma que, em Cristo, “*Homem Novo*” (GS 22), encontra-se a plenitude de humanidade capaz de iluminar todo o percurso formativo. Cristo situa-se como horizonte, modelo e fonte de energia do processo de crescimento (cf. Ef 4, 13), para além de todas as vulnerabilidades e até mesmo dos fracassos da

¹⁷¹ BENTO XVI, *Discurso* no IV Congresso Nacional da Igreja Italiana, Verona, (19 de outubro de 2006). http://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2006/october/documents/hf_benxvi_spe_20061019_convegno-verona.html

vida. Ele é a “imagem do Deus invisível” (Cl 1,15), e como tal, faz-nos “filhos de Deus”. Dessa forma, a educação e a vida, em última instância, ligam-se a Deus e à plena comunhão com Ele no mistério da Trindade e da vida segundo o Espírito.

No seu discurso em Verona, Bento XVI salienta de forma clara, que uma educação verdadeira, tem necessidade de despertar a coragem das decisões definitivas, que hoje são consideradas um vínculo que mortifica a nossa liberdade, mas na realidade, são indispensáveis para crescer e alcançar algo de grande na vida, sobretudo, fazer amadurecer o amor em toda a sua beleza: dar consistência e significado à própria liberdade.

Sublinhou ainda, que desta solicitude pela pessoa humana e pela sua formação chegam os nossos “não” a formas frágeis e deturpadas de amor e às falsificações da liberdade, assim como, reduzir a razão somente àquilo que é calculável e manipulável. Na verdade, estes “não” são sobretudo “sim” ao amor autêntico, à realidade do homem como foi criado por Deus¹⁷².

Se analisarmos com atenção as notícias diárias, e vídeos que “circulam” na internet e redes sociais, constatamos que existe uma quantidade significativa, de situações de risco, com que se deparam os jovens (sendo eles próprios os autores), principalmente: os atos de extrema violência, que muitas vezes são iniciados por roubos seguidos de “pancada” até à morte; aliciamento ao consumo de drogas; aliciamento ao fundamentalismo “terrorista”, ...etc.; estes jovens da nossa atualidade, não são diferentes dos jovens de Dom Bosco, carecem igualmente, de atenção, compreensão, uma *mão amiga*, que os conduza e ilumine para o bem, e principalmente, lhes dê amor.

Para prevenir este tipo de situações “desviantes”, Dom Bosco, concebeu uma metodologia unificada na razão, religião e bondade, centrada na dimensão existencial do

¹⁷² Cf. *Ibidem*.

outro, infundindo-lhe uma alma, criando uma verdadeira pedagogia relacional, imbuída de amor, que se doa gratuitamente, nutrindo-se da caridade de Deus, que se antecipa a toda a criatura com a sua Providencia. Assim, para se conseguir aplicar o seu sistema preventivo hoje, será preciso, situarmo-nos neste horizonte de sentido religioso.

3.1. A religião como sustentáculo do sistema preventivo.

A religião do sistema preventivo é a religião da “Boa nova”, do Evangelho, das Bem-aventuranças, de Jesus que nos chama de amigos e não de servos, que nos convida a procurar o Reino de Deus e a sua justiça, que está connosco e age connosco todos os dias, é a religião do humanismo de São Francisco de Sales, que aprendeu de Deus a ser amável, bom, paciente, pronto a perdoar. Da encarnação do Senhor ele deduziu a consequência que é possível ser “santo” (isto é, viver de acordo com Deus e o Evangelho) em todas as situações e momentos da existência, em todas as idades da vida. Mais profundamente, é a religião vivida no Espírito, que enche a terra, e nos ajuda a discernir no tempo os sinais da Sua presença e vontade.

É uma religião “amável”, e em sentido salesiano é, além disso, coesa com a bondade. Por isso, concentra-se particularmente no amor de Deus, na sua paternidade/maternidade. O Deus, grande no amor, rico em misericórdia e perdão, fiel (Aliança), que nunca abandona quem se sente abandonado, e que estimula ao bem e à justiça.

Contudo, no mundo atual, podemos questionar, que lugar existe para a religião na mente dos jovens e dos adultos, preocupados quase exclusivamente com o seu bem-estar, em ter dinheiro, sucesso, em não limitar os próprios desejos e aspirações pessoais, sempre que são estimulados pela propaganda da televisão e dos spots publicitários?

Ao unir a religião à razão e à bondade, encontramos uma religião que procura as motivações, o sentido da vida, da educação, de todas as pequenas e grandes coisas que se fazem a cada dia. Apresenta-se como uma religião popular, simples, que vai ao essencial “amar a Deus e amar o próximo”, sem muitas complicações, e sem esquecer o princípio fundamental das palavras de São Paulo (*1 Cor 1-13*). E não, uma religião especulativa, abstrata, mas sim, uma religião com fé viva, inserida na realidade escolar e social. Por isso, Dom Bosco insistia: “não basta amar”, é preciso que os jovens “sintam que são amados”. “Quem sente que é amado, ama, e quem é amado consegue tudo, especialmente dos jovens”.

Esta confiança estabelece uma “comunhão” entre educandos e educadores. Os corações abrem-se e eles dão a conhecer as suas necessidades, mostram todos os seus defeitos¹⁷³.

Chegados aqui, podemos compreender a frase de Dom Bosco citada no início deste capítulo, sobre a “educação ser coisa do coração e só Deus ter a chave...”.

O primeiro “cuidado formativo” para um educador que queira ser “pai, mestre e amigo” dos jovens, é despertar e cultivar o próprio coração, renová-lo continuamente, assim como, a própria intencionalidade educativa de fundo. Unir corpo e alma, ou seja, elevar-se à transcendência (*eros*), relacionar-se com afeto e sentimento de amizade (*philia*), numa doação amorosa (cuidado paternal/maternal), de amor (*agape*), através de uma fecunda e boa intervenção educativa.

¹⁷³ Não nos podemos esquecer que Dom Bosco era sacerdote, e promovia o sacramento da reconciliação através da confissão.

3.2. *A lei e o coração*¹⁷⁴.

Todos os países são regidos por leis, normas, que permitem aos seus cidadãos viver e conviver em sociedade, tendo em vista a coesão e o desenvolvimento pessoal e social de todos e de cada um. São suportes à prática da liberdade social, com vista à promoção do bem geral e comum, enquanto indica âmbitos de atuação, e medidas concretas a aplicar.

Mas a legalidade por si só não basta, no sentido em que, não é possível sermos honestos cidadãos, se antes não somos pessoas, homens, mulheres, rapazes, raparigas, adultos honestos. Se a lei não estiver escrita no coração, se não for assumida pela vontade, livremente, como “norma” do comportamento, se não for praticada com empenho pessoal, se não estiver enraizada na moralidade dos políticos que fazem as leis, dos juízes que administram a justiça, dos cidadãos que as praticam na vida quotidiana, as leis de nada valem, não passam de normas escritas para serem apresentadas em ato de defesa ou culpabilidade. Para terem a eficácia pretendida, supõe que exista uma boa e válida educação moral.

Só uma liberdade educada, uma sólida consciência civil e um adequado sentido da responsabilidade social poderão fazer esperar um futuro humanamente digno da nossa existência social. Por sua vez, isso requer um mínimo de formação e de renovada conversão da mentalidade pessoal e comunitária.

Nesse sentido, Dom Bosco, numa das suas conversas com empresários católicos, benfeitores, apresenta como exemplo da sua experiência educativa um resultado positivo:

“Nós despovoámos as ruas de ladrõezinhos e de desencaminhados que agora são a consolação das famílias e a honra da cidade; de rapazes que, ajudados a tempo pela vossa caridade, salvarão diante de Deus as vossas fortunas, ao passo que de outra maneira vo-las exigiriam de revólver em punho”¹⁷⁵.

¹⁷⁴ C. NANNI, *O Sistema Preventivo de Dom Bosco, hoje*, Cisbrasil-CIB, 2014, 51.

¹⁷⁵ D. AGASSO; R. AGASSO; D. AGASSO JR. *Dom Bosco: Uma vida sem tempo*, 309.

Os princípios do sistema preventivo de Dom Bosco, podem ajudar a encontrar o caminho para essa mudança, sem esquecer, que ele educou os jovens através da linguagem do coração, e essa linguagem, aprendeu com o Mestre Jesus, que nos apresenta um caminho, onde acolher, dialogar, confiar, perdoar, ser humilde de coração e não excluir ninguém, são palavras-chave para edificar um mundo melhor.

3.3. Os ensinamentos de Jesus.

No primeiro capítulo (p.27) mencionei que os ensinamentos de Jesus são princípios propedêuticos transversais a todo e qualquer ser humano, podendo ser apreendidos como pressupostos segundo os quais, se constroem laços fraternos entre as pessoas; sustentáculo de uma verdadeira cidadania.

Os seus ensinamentos são, uma nova orientação de vida, porque derivam da oferta de salvação. Jesus anuncia um Reino que nos torna próximos de Deus-Pai. O vocativo «Pai» aplicado a Deus, é visível nas suas orações, aparecendo ligado especialmente à misericórdia e solicitude de Deus¹⁷⁶: «Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso.» (*Lc 6,36*). Quando ensina os seus discípulos a rezar (*Mt 6, 9-15; Lc 11, 1-4*), universaliza o Deus-Pai, que é de todos e de cada um de nós.

Ao aproximar Deus ao homem, Jesus pretende motivar o comportamento humano, e conseguir que a vontade humana acolha a vontade divina, e traduza esse acolhimento na sua vida prática diária, no seu relacionamento consigo e com os outros.

Mencionei anteriormente, que os ensinamentos de Jesus são transversais a todo o percurso académico dos alunos que frequentam a EMRC. Ao nível do 6.º ano, quando os

¹⁷⁶ Cf. J. GNILKA, *Jesus de Nazaré*, Editorial Presença, Lisboa, 1999, 195.

alunos foram convidados a ler e interpretar os textos sobre os ensinamentos de Jesus (quadro p. 46), à luz da sua experiência diária, interpretaram dentro do seu universo relacional (família, escola, amigos...). Primeiro interpretaram individualmente, depois ao trabalhar em grupo, partilharam a sua opinião uns com os outros fazendo uma síntese global.

Na parábola do bom Samaritano (*Lc 10, 25-37*), conseguiram identificar que não só devemos amar os outros, como devemos estar atentos ao que se passa ao nosso redor, porque, segundo eles, a vida trás acontecimentos dos quais não estamos à espera.

Esta parábola apresenta a questão fundamental do homem, o seu ser *para* os outros, e a sua relação com Deus.

Analisemos: Jerusalém fica no alto, o homem descia para Jericó, é como se Deus descesse ao homem, vem ao seu encontro, toca o seu coração, o homem é livre de aceitar Deus ou não. No contexto atual, o exemplo dado por Bento XVI, é muito esclarecedor tanto para crentes como para não crentes:

“Se a aplicarmos às dimensões da sociedade globalizada, vemos como os povos da África, que se encontram explorados e saqueados, têm a ver de perto connosco. Vemos então como eles são o nosso «próximo»; vemos que também o nosso estilo de vida, a história de que fazemos parte, os saqueou e continua a fazê-lo. Incluído nisto está sobretudo o facto de os termos ferido espiritualmente. Em vez de dar-lhes Deus – o Deus que está próximo de nós em Cristo – e assim acolher das suas tradições tudo o que é precioso e grande para os levar à perfeição, levamos-lhes o cinismo de um mundo sem Deus, onde conta apenas o poder e o lucro; destruimos os critérios morais, de tal modo que a corrupção e uma vontade pelo poder sem escrúpulos se tornam de certo modo óbvios. E isto não vale apenas para África. [...] E à nossa volta, não encontramos também o homem roubado e maltratado? As vítimas da droga, do tráfico de pessoas, do turismo sexual, pessoas destruídas no seu íntimo, que estão vazias mesmo no meio da abundância de bens materiais. Tudo isto nos diz respeito e nos chama a ter o olhar e o coração de quem é próximo e também a coragem do amor para com o próximo”¹⁷⁷.

¹⁷⁷ BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*, A Esfera dos Livros, Lisboa, 2007, 254-255.

Bento XVI pede-nos que tenhamos coragem para agir, sem medo de olhar para o lado, como se nada fosse connosco, devemos aprender de novo o risco da bondade, “porque o amor ao próximo é uma estrada para encontrar também a Deus, ao fecharmos os olhos diante do próximo, tornamo-nos cegos também diante de Deus”¹⁷⁸.

Amar o próximo é acolhe-lo, nas suas diferenças e necessidades, e não “explorá-lo”, ou “excluí-lo”, só porque se apresenta diferente.

No texto de (*Lc 15, 1-2*), os alunos comentaram uma possível situação familiar, dando a entender que no coração deles, desejam o bem ao outro, mesmo sabendo, que essa convivência pode tornar a vida familiar num “inferno”, mas isso não significa “excluir”, mas sim encontrar forma, através do amor, de recuperar o outro. Além disso, “todos merecem uma 2.^a, 3.^a e 4.^a oportunidade” foi a síntese encontrada pelos alunos para o texto (*Lc7 37-50*), que mostra a mulher pecadora arrependida.

O arrependimento está no nosso coração, está na nossa consciência, por isso é importante não valorizar só o exterior, mas olhar para o interior do outro, ter o coração no coração, do outro. Foi isso que Dom Bosco fez, ao acolher os jovens “excluídos” da sociedade. Se não os acolhermos, nunca podemos dar-lhes oportunidade de reconhecer os seus erros, e através do reconhecimento, manifestar o seu arrependimento, sobre as más ações, e aceitar *a mão amiga* que os leve a encontrar o caminho da alegria e da felicidade.

Devemos ser “humildes de coração”, e não ser orgulhosos, porque o orgulho cega-nos, perante os outros e perante Deus. (*Lc18, 9-14*). Abrir o nosso coração a Deus é confiar na sua bondade, na sua Providencia, como proferiram os alunos “confiar em Deus é fundamental para acreditarmos em nós e não temermos.” (*Lc12, 22-32*).

¹⁷⁸ BENTO XVI, Carta Encíclica, *Deus Caritas est*, 16.

Os alunos demonstraram através das suas interpretações, que estão em consonância com o que Jesus disse: «Deixai vir a mim os pequeninos e não os afasteis, porque o Reino de Deus pertence aos que são como eles.» (Mc 10,14; Lc 18,16; Mt 19, 14).

A presença de Jesus, a sua palavra por excelência, a sua afeição para com os pecadores, os seus gestos de cura em relação aos doentes, a sua bondade para com todos, o seu sentido de Deus e o seu sentido dos homens, propõe uma resposta concreta às questões mais profundas da nossa vida e do nosso destino, do nosso presente e do nosso futuro.

Jesus foi um homem concreto, que viveu num contexto histórico específico, e como homem, teve necessidade de dormir (Mt 8,24), porque conheceu momentos de cansaço (Jo 4, 6-7). Teve fome e sede (M 4, 2; Jo 4, 7; 19,28), comeu e bebeu (Mt 11, 19) e experimentou sentimentos muito humanos. Conheceu a exultação da alegria (Lc. 10,21) e o peso da tristeza (Mt 26, 37-38). Mostrou ser capaz de chorar de dor ou simplesmente por amizade (Lc 19, 41; Jo 11, 34). Teve sentimentos de piedade (Lc 7, 13), de cólera (Mt 21, 12-17), e até de intensa afeição (Mc 10, 21). Amou as crianças e aponta-as como exemplo (Mc 10, 13-16; Lc 18, 15-17). Um exemplo a seguir, como Dom Bosco que se dedicou aos jovens, crianças e adolescentes. Amou-os até ao infinito. E tal como Jesus viveu *para* o Pai (Deus) e viveu *para* os seus irmãos (homens), ou seja, foram pessoas reais e concretas, com um coração aberto *para os demais*, e a isto H. Schürmann¹⁷⁹ chamou de *pro-existência*.

Será que na atualidade podemos considerar um paradoxo viver *para os demais*? Esta questão surge, na medida em que, a nossa cultura desenvolve uma rede de imagens nas quais queremos figurar. Em que a exaltação do eu traduz-se na subestimação, ou esmagamento dos outros. O convite a viver como Jesus torna-se um desafio, no sentido em que, é preciso,

¹⁷⁹ Cf. B. SESBOÛÉ, *Pensar e viver a Fé no Terceiro Milénio*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1999, 323.

renunciar a toda e qualquer ilusão a respeito de si próprio, pois só numa verdadeira e fecunda relação com os outros, podemos evoluir e construir um verdadeiro humanismo solidário.

4. O contributo da EMRC como proposta preventiva.

Partindo do pressuposto que a escola é um espaço onde todas as áreas do saber se podem encontrar para pensar, construir e levar para a frente a sociedade, a EMRC apresenta um contributo válido no desenvolvimento pessoal do aluno (perfil do aluno), contribuiu de forma clara e efetiva para o objetivo da missão educativa.

A partir dos seus conteúdos, prepara, forma e desenvolve o educando, no seu processo de desenvolvimento integral enquanto pessoa. Como referi anteriormente, a dimensão espiritual é constitutiva da pessoa humana, e como tal, não poderíamos educar para a totalidade do ser colocando fora essa dimensão. Até porque, o ser humano, não pode contentar-se simplesmente, com o viver, ele precisa atribuir significados a esse viver.

Ao longo dos tempos, a religião tem funcionado como uma instância de sentido e de simbolização de vida concreta. Vimos o caso de Dom Bosco e a sua experiência preventiva, junto dos jovens rapazes. Ele era um homem crente, e aos professores de EMRC é exigido o perfil crente. Contudo, o mesmo não é exigido aos seus alunos, que em termos “quantitativos” são na sua maioria “não crentes”¹⁸⁰, quer seja ao nível dos colégios católicos, quer seja ao nível do ensino público. Existem também alunos a frequentar a disciplina, que são de outra confissão religiosa que não a católica.

¹⁸⁰ Esta referência a “não crentes” significa que a maioria dos alunos não anda na catequese, nem se encontra inserido na paróquia, e não coloca Deus no seu universo cotidiano. Não conhece a linguagem religiosa. Muitos frequentam a disciplina para aprender “algo mais” algo que os transcenda e atribua significado às situações cotidianas com que se deparam.

Ou seja, a EMRC está aberta a todos e a sua presença na escola é um contributo indispensável para a realização da própria missão educativa escolar, sendo uma disciplina transversal a todas as outras áreas do saber, pois só em conjunto, podemos formar o aluno na totalidade do ser, enquanto pessoa e enquanto cidadão do mundo.

No ano de 2006 a Conferencia Episcopal Portuguesa reconhecia:

«o contributo da EMRC para o desenvolvimento das crianças, dos adolescentes e dos jovens, parte do reconhecimento da componente religiosa como fator insubstituível para o crescimento em humanidade e em liberdade.»¹⁸¹

Mais acrescenta:

«a EMRC é oferecida a todos os alunos, independentemente da sua diversidade de crenças e opções religiosas: com fé católica ou outra, em situação de procura, indiferentes ou descrentes. Esta diversidade corresponde à situação das famílias que solicitam o apoio da EMRC»¹⁸².

A EMRC promove o conhecimento e o encontro com a experiência e a vivência da fé católica, respeitando, porém, quer o processo educativo específico da escola, quer as consciências e liberdade dos alunos. Para alcançar esse objetivo propõe um caminho de indagação e busca de sentido. É uma disciplina que educa para a admiração, através da partilha de experiências; educa para o acolhimento, no sentido de saber acolher o outro na sua singular diferença, e com ele aprender novas perspectivas de vida; através da experiência hermenêutica, procura a autentificação (testemunho), presenteando o encontro, com o sentido gratificante da existência, no amor e na beleza da vida, enquanto dom natural dado por Deus. Através do conhecimento de testemunho pessoal, podemos nos comprometemos uns com os outros.

¹⁸¹ CONFERENCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica: um valioso contributo para a formação da personalidade*, CEP, 2006, n.º6.

¹⁸² *Ibidem*.

Até porque,

“Ser aluno de EMRC significa aprender caminhos firmados na dignidade humana, sentir o fascínio do transcendente e a lucidez diante do tempo presente, saborear a alegria de trabalhar em conjunto, preencher de alma o viver em comunidade, ler a história com a sabedoria da inteligência e abraçar as grandes causas da humanidade com a doçura do coração. Ser aluno de EMRC consiste em moldar a vida pelos valores do evangelho de Jesus e ajuda a descobrir o encanto da fé e a paixão pela missão da Igreja (...). O horizonte da disciplina é a plenitude da vida dos alunos sem marcas temporais e sem fronteiras ideológicas”¹⁸³.

4.1. Protagonistas de uma solidariedade ativa.

O Programa de EMRC relativo ao 6.º ano apresenta conteúdos programáticos na UL “*A Partilha do Pão*”, que permitem aos alunos desenvolver ações de carácter solidário. Eles não só aprendem o que significa a solidariedade e voluntariado, como lhes faculta a oportunidade de serem protagonistas de ações solidárias que visam o bem comum.

O trabalho solicitado aos alunos no 3.º período (65), demonstrou que quase todos pertencem a uma organização solidária, na qual eles doam um pouco do seu tempo para ajudar quem mais precisa. Neste âmbito de ação, encontram-se em conformidade com o disser de H. Miguel Yáñez, quando afirma que “a solidariedade é a capacidade de reconhecer e valorizar a dignidade comum e, por isso, é um «estar com» o outro acarretando o mesmo destino, e chega a um viver no lugar do outro”¹⁸⁴.

Por isso, a autorrealização pessoal à margem dos outros é algo que não tem sentido, já que na sua raiz humana reside a contradição do «ser para os outros», negando na prática os seus direitos e aspirações.

¹⁸³ CEECDF, *Nota pastoral «EMRC – A comunidade unida no serviço à educação»*, 1 de julho de 2013.

¹⁸⁴ H. M. YÁÑEZ, *La solidaridad como excelência. VI Jornada de Reflexión Ético-Teológica*. Facultades de Filosofía y Teología. Universidade del Salvador (Área San Miguel). Ed. San Benito, Buenos Aires 2003, in *Pastoral Catequética –Revista de Catequese e Educação*, 21/22 (2011/2012), SNEC, Moscavide, 62.

O relatório (68) ilustra uma ação de solidariedade desenvolvida pelo nosso presidente Marcelo Rebelo de Sousa, ação essa que, segundo os alunos, demonstra uma atitude muito nobre. Esta atitude expressa a sensibilidade pelo valor de toda a pessoa humana, através da qual se reconhece a sua dignidade e se promove a sua humanidade. É um modo de compreender que a nossa responsabilidade pessoal não termina no âmbito dos nossos interesses individuais ou corporativos, mas que engloba toda a família humana e o meio no qual vivemos na medida das nossas limitadas possibilidades¹⁸⁵.

Podemos comparar esta atitude do nosso Presidente da República com a atitude de Jesus na cena do Lava-Pés, em que o Mestre se “baixa” perante os seus discípulos, demonstrando que somos todos iguais, todos temos a mesma dignidade. É essa dignidade humana que o Presidente demonstra, dando o exemplo hoje, para que todos nós façamos o mesmo.

Este exemplo indica um caminho de personalização crescente, valorando a dignidade humana, na dinâmica de humano-relacional, porque o ser humano é um ser em relação, com os outros e com Deus. Assim, a solidariedade como virtude implica uma lógica que se deve cultivar e desenvolver em confronto com a lógica do individualismo. Ou seja, a solidariedade não é algo que convém em sentido utilitarista, mas sim em sentido moral¹⁸⁶.

Como tal, a solidariedade consiste em compreender o sujeito e em compreender o organismo social; as suas diversas associações e a relação entre os seus estratos e com os sujeitos que se interrelacionam, constituindo diversas formas de socialidade, ou de ação comunitária.

Dentro deste contexto, aludo ao ano de 2006, altura em que dois professores de EMRC dos Salesianos de Manique – Escola, lançaram uma ideia à Associação de Pais do Colégio, e em conjunto desenvolveram uma atividade de voluntariado colaborando com o Banco

¹⁸⁵ Cf. *Ibidem*.

¹⁸⁶ Cf. *Ibidem*.

Alimentar. Começaram por nomear um grupo de trabalho entre professores e associação de pais. Estabeleceram contacto com a Dra. Maria João Torres Pereira, do Banco Alimentar, apresentaram a atividade e delinearão locais para a sua realização. A iniciativa teve como primeiro local o Hipermercado Carrefour (hoje Continente), de Oeiras. Os alunos gostaram muito da experiência, e a mesma tem vindo a repetir-se sucessivamente duas vezes por ano, até aos dias de hoje.

Além do empenho de todos os envolvidos, saliento ainda, a atitude dinâmica e proactiva dos elementos da associação de pais (2005-2013), que ao longo dos anos manifestaram a sua solidariedade para com os alunos mais desfavorecidos da Escola, criando um fundo solidário. Promoveram jantares solidários¹⁸⁷ e pequenas festas, com o intuito de angariarem dinheiro. As verbas recolhidas permitiram pagar despesas básicas (como por exemplo, faturas de água e eletricidade), entre outras, às famílias dos alunos que no momento passavam por graves dificuldades financeiras. Esta atitude demonstra um verdadeiro sentido de humanismo solidário, atento e sensível às necessidades dos que os rodeiam, ou seja, com o coração aberto para *os demais*.

4.2. Proposta de atividade educativa e solidária.

Num dos relatórios de aula (36), menciono a atividade “Ceia de Natal” que tenho vindo a concretizar na escola pública. Esta atividade permite um «estar com» os alunos, fora do espaço de sala de aula, assim como, promover boas sinergias com os pais e professores, imbuídos num Espírito de festa, alegria, comunhão (através da comensalidade) e partilha de saberes.

¹⁸⁷ Junto em anexo um Boletim Informativo do ano de 2007, disponibilizado pelo vice-presidente da associação de pais (2005-2013), Dr. Henrique Barros, que me concedeu uma pequena entrevista.

A atividade insere-se no PAA da escola, tendo como principais objetivos estratégicos: melhorar a qualidade do processo ensino-aprendizagem; partilhar boas práticas; melhorar a disciplina dentro e fora da sala de aula; promover a participação efetiva dos pais e/ou encarregados de educação, na vida escolar dos seus educandos; promover a participação da comunidade educativa na dinâmica do Agrupamento.

Ao nível das competências pedagógicas da disciplina de EMRC, esta atividade tem como assento principal o domínio da *Ética e Moral*, que se interliga com o domínio da Religião e Experiência Religiosa. Existe uma clara articulação com o tema do Projeto Educativo proposto pelo Secretariado Diocesano do Ensino Religioso (SDER) de Lisboa, em cada ano letivo, e os conteúdos programáticos.

Inicialmente a atividade abrangia todos os ciclos de ensino, mas devido à grande participação e afluência de alunos e pais, à falta de espaço para todos, a atividade ficou limitada ao 3.º ciclo nos últimos três anos letivos.

Contudo, os alunos do 2.º ciclo acabam por participar na atividade de forma indireta, no sentido em que, constroem os materiais nas aulas de EV, alusivos ao Natal, que servem para decorar a sala dos alunos (espaço onde se realiza a atividade) no dia da Ceia de Natal. Os materiais necessários: pratos, talheres, copos e toalhas para colocar nas mesas são disponibilizados pela escola.

Os alunos, pais e professores têm a oportunidade de mostrar os seus dotes culinários, através das iguarias que trazem para partilhar com todos. Como existem vários alunos provenientes de outros países, nomeadamente, África, América Latina e Países de Leste, a Ceia tem apresentado uma gastronomia multicultural, com sabores deliciosos. Além da

alimentação, todos¹⁸⁸ são convidados a trazer um bem alimentar, para ser entregue aos alunos mais carenciados no momento.

No ano transato, esta ação solidária acabou por sair da esfera dos alunos de EMRC, e os sacos contendo bens alimentares foram entregues a alunas que não frequentam a disciplina, por estarem a passar por grandes dificuldades económicas¹⁸⁹. As alunas ofertadas ficaram muito agradecidas e comovidas com a ação solidária dos colegas.

A atividade Ceia de Natal tem três momentos estruturantes: acolhimento, degustação dos alimentos e apresentação de trabalhos realizados pelos alunos, articulando o tema do Projeto Educativo proposto pelo SDER e os conteúdos programáticos. A partilha de saberes (apresentação dos trabalhos) tem sido muito apreciada pelos pais e professores presentes, e no final das apresentações, os alunos têm surpreendido todos, exibindo os seus dotes musicais. A atividade termina com o envolvimento de todos os presentes na limpeza e arrumação da sala.

¹⁸⁸ A oferta de bens alimentares estende-se a toda a comunidade escolar.

¹⁸⁹ Nesta altura questiono sempre os diretores de turma, afim de, obter informação sobre os alunos mais carenciados no momento.

CONCLUSÃO

Quando iniciei este percurso formativo (PES) nos Salesianos de Manique- Escola, estava “inquieta” e ao mesmo tempo entusiasmada. Ao conversar com o meu orientador de Estágio da UCP, manifestei o desejo e vontade de conhecer e aprofundar a pedagogia educacional preventiva de Dom Bosco.

Na verdade, desconhecia por completo a sua vida e o seu sistema preventivo. O estágio foi a oportunidade perfeita, para conhecer e estudar esta valiosíssima pedagogia educacional, assente na razão, religião e amabilidade do educador, aprendendo com Dom Bosco, que não basta amar os educandos, eles têm que sentir que são amados.

As Unidades Letivas “*Jesus um homem para os outros*” e a “*Partilha do Pão*”, que me foram atribuídas, para progredir e aperfeiçoar as minhas competências pedagógico-didáticas, enquadravam-se plenamente, no estudo a desenvolver.

À medida que fui avançando neste itinerário, ficou claro, que Dom Bosco foi um verdadeiro discípulo de Jesus. Ao seguir os seus ensinamentos, não só iluminou a mente, como fecundou de amor o seu coração, de tal forma, que ao interpretar os sinais controversos do seu tempo, procurou uma «educação de emergência»¹⁹⁰, afim de, transformar a sociedade do seu tempo. Tudo começou no seu sonho de criança, quando ouviu do próprio Jesus, que não é com pancada, mas sim com mansidão e caridade que conquistamos amigos, e só assim,

¹⁹⁰ PAPA FRANCISCO, *Discurso aos participantes no Congresso Mundial sobre “Educar hoje e amanhã. Uma paixão que se renova”*, promovido pela Congregação para a Educação Católica, Roma, 21 de novembro de 2015.

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151121_congresso-educazione-cattolica.html

os podemos instruir na beleza da virtude¹⁹¹. Que belas palavras o mundo atual devia ouvir e interiorizar, porque só desta forma, conseguiremos suprimir a violência e a miséria humana.

À luz da sua pedagogia preventiva, fica patente, que só com amor, bondade e caridade, inscrita no nosso coração, podemos encontrar a forma de instruir e educar *todos os jovens*, no caminho do bem, da verdade e da autenticidade, da busca de sentido para a vida, colaborando efetivamente, na árdua tarefa da missão educativa. Pois só assim, podemos formar «*cidadãos livres, responsáveis, honestos e solidários*».

Ao analisar a Instituição dos Salesianos de Manique-Escola¹⁹², observei que a mesma, continua imbuída no Espírito de Dom Bosco, de amor, alegria e comunhão, dando continuidade à sua obra educativa, imortalizando-a.

Esta reflexão, unida às UL lecionadas, mostra que saber viver em comunidade, é ter consciência que vivemos uns para os outros, precisamos uns dos outros, e como tal, é preciso descobrir a alegria de poder *ser para os outros*, colocando ao serviço dos outros, os nossos dons, oferta gratuita de Deus a cada um de nós. E se damos gratuitamente, o que gratuitamente recebemos, vivemos em plena graça Divina, que se manifesta na nossa solidariedade e disponibilidade para estar *com os outros*.

Na fecunda relação *com o outro*, Dom Bosco demonstra, que devemos estar atentos às necessidades dos jovens, sermos solidários com eles, escutá-los, descobrir o que de positivo existe neles, nos seus recursos e potencialidades de vida, do bem que cada um possui como dom natural (dado por Deus), como dom recebido da vida familiar e do contexto social.

Este conhecimento do outro, é o ponto de partida, para suscitar a vontade de fazer o bem, estimular o jovem a atitudes positivas de autorrealização, humanamente dignas, para si, para

¹⁹¹ Remeto o autor para o cap. II “A pessoa de Dom Bosco”, 80-81.

¹⁹² Remeto o leitor para o cap. I “Caracterização da escola”, 12-17.

os outros e para o mundo, reconhecendo, apreciando, estimulando a ir mais além, a ser mais e a fazer mais.

As aulas de EMRC são propícias a este conhecimento do outro, no sentido em que, os seus conteúdos permitem escutar o aluno, incentivando-o a ser mais e a fazer mais, promovendo uma verdadeira cultura de diálogo, dentro de um “quadro ético de requisitos e atitudes formativas, bem como de objetivos sociais”¹⁹³. Prepara igualmente os alunos, para os grandes desafios da sociedade global, onde a convivência multicultural, se torna um padrão, e a falta de requisitos éticos e morais, como a liberdade e a igualdade, geram incompreensões e conflitos.

Ser professor de EMRC é colocar a vida em ação, a partir do interior dos próprios alunos, acompanhando-os na sua tarefa de descoberta de alteridade, através do exercício da liberdade, da autonomia, da paz e da justiça social.

Através desta experiência vivida e substantificada, alcancei o objetivo a que me propus aquando do início desta reflexão, no sentido em que, compreendi o que significa “receber a chave”, para também proferir que “a educação é uma questão do coração”, porque só no encontro com Cristo, podemos encontrar o verdadeiro caminho da graça e da salvação. Juntos com Cristo, caminhamos e progredimos, na edificação de uma sociedade mais equitativa e mais humanitária.

Para finalizar, saliento ainda, que esta reflexão me ajudou a crescer em sabedoria, enquanto pessoa e cidadã do mundo, aprendendo com Dom Bosco, que não basta só amar os educandos, é preciso também, amar a escola e amar a educação.

¹⁹³ CEC, *Educar ao Humanismo Solidário*, Cidade do Vaticano, Roma, 2017, 3.

BIBLIOGRAFIA

Bíblia Sagrada, Difusora Bíblica, Lisboa/Fátima, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 2003.

Documentos do Magistério

BENTO XVI, Carta Encíclica, *Deus caritas est*, 2005.

http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html

BENTO XVI, *Discurso* no IV Congresso Nacional da Igreja Italiana (19 de outubro de 2006).

http://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2006/october/documents/hf_benxvi_spe_20061019_convegno-verona.html

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Decreto. *Apostolicam actuositatem*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1998

CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, Constituição Dogmática *Gaudium et Spes*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1998.

CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, *Educar ao Humanismo Solidário*, Cidade do Vaticano, Roma, 2017.

http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_20170416_educare-umanesimo-solidale_po.html

COMISSÃO EPISCOPAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ E DOCTRINA DA FÉ, *Nota pastoral «EMRC – A comunidade unida no serviço à educação»*, 1 de julho de 2013.

<https://www.educris.com/v3/102-comissao-episcopal/3404-nota-pastoral-sobre-a-emrc>

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Educação Moral e Religiosa Católica - um valioso contributo para a formação da personalidade*, Secretariado Geral da Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 2006.

FRANCISCO, *Discurso aos participantes no Congresso Mundial sobre “Educar hoje e amanhã. Uma paixão que se renova”*, Cidade do Vaticano, Roma, 2015.

http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151121_congresso-educazione-cattolica.html

FRANCISCO, *Exortação Apostólica, Evangelii Gaudium, A Alegria do Evangelho*, Paulus, Lisboa, 2014.

JOÃO PAULO II, Carta, *Juvenum Patris*, Roma, 31 de Janeiro, 1988.

http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/letters/1988/documents/hf_jp-ii_let_19880131_iuvenum-patris.html

JOÃO PAULO II, *De um coração novo, nasce a Paz*, Mensagem do XVII dia Mundial da Paz (1 de janeiro de 1984).

http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_19831208_xvii-world-day-for-peace.htm

RATZINGER, J. - BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*, A Esfera dos Livros, Lisboa, 2007.

Documentos Curriculares

SALESIANOS DE MANIQUE - ESCOLA, *Projeto Educativo de Escola 2010-2014*, ESM, Manique, 2010.

SALESIANOS DE MANIQUE - ESCOLA, *Plano de Desenvolvimento Curricular: Não temas, Estou Contigo!* 2017-2018, ESM, Manique, 2017.

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Lisboa, 2014.

Estudos e Monografias

AMADO, j.; FREIRE, I., *A Gestão da Sala de Aula*, in *Psicologia da Educação*, Relógio D'Água, Lisboa, 2015

AGASSO, D; AGASSO, R; AGASSO JR. D., *Dom Bosco: Uma vida sem tempo*, Ed. Salesianas, Porto, 2014.

ARENDS, R., *Aprender a Ensinar*, McGraw-Hill, Lisboa, 1995.

ARRUPE, P., *Mistério do amor misericordioso, Homilia em Roma,-1979*, in, AA.VV. *Documentos da Igreja sobre o coração de Jesus*, A.O., Braga, 2004.

BERGOGLIO, J.M., *Educar para uma esperança ativa*, Paulinas, Lisboa, 2015.

BRAIDO, P., *La experiencia pedagógica de Dom Bosco*, LAS, Roma, 1989.

BRAIDO, P., *Prevenir não reprimir*, Edições Salesianas, Porto, 1999.

BRAIDO, P., *A arte de educar*, Ed. Salesianas, Porto, 2013.

CARVALHO, C.S., *Psicologia, Curso Geral de Catequistas*, SNEC, Lisboa, 2004.

COUTINHO, C; LISBÔA, E., *Sociedade da Informação, do Conhecimento e da Aprendizagem: Desafios para a Educação do Século XXI*, Revista de Educação, Vol. XVIII, n.º 1, 2011, 22.

DELORES, J., *Educação: Um Tesouro a Descobrir*, UNESCO, Asa, Porto, 1996.

FERNÁNDEZ-CARVAJAL, F., *O mistério de Jesus de Nazaré*, Encontro da Escrita, Lisboa, 2015.

GIRAUDO, A., *Memórias do Oratório*, Edições Salesianas, Porto, 2012.

GNILKA, J., *Jesus de Nazaré*, Editorial Presença, Lisboa, 1999.

NANNI, C., *O Sistema Preventivo de Dom Bosco, hoje*, Cisbrasil-CIB, 2014, 49.

YÁÑEZ, M. H., *A brecha social: a pobreza e as opções da Igreja*, in *Pastoral Catequética – Revista de Catequese e Educação*, 21/22 (2011/2012), SNEC, Moscavide, 62, 234.

SESBOÛÉ, B., *Pensar e viver a Fé no Terceiro Milénio*, Gráfica de Coimbra, Coimbra, 1999.

VIDAL, M., *Dicionário de Moral*, EPS, Porto, [s.d.]

Textos consultados mas não citados

AMBROSIO, J., *EMRC e Cidadania*, Documento não publicado. Texto de apoio à disciplina de “Didática Específica de EMRC. Faculdade de Teologia de Lisboa, UCP, 2015.

AMBROSIO, J., *Identidade e Finalidades da EMRC*, Documento não publicado. Texto de apoio à disciplina de “Didática Específica de EMRC. Faculdade de Teologia de Lisboa, UCP, 2015.

CONSELHO PONTIFÍCIO «JUSTIÇA E PAZ», *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Principia, Cascais, 2005.

FRANCISCO, *Exortação Apostólica, Gaudete et exultate, Alegrai-vos e exultai*, Paulinas, Prior Velho, 2018.

JOÃO PAULO II, Carta Encíclica, *Sollicitudo Rei Socialis*, 30 de Dezembro de 1987.
http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30121987_sollicitudo-rei-socialis.html

ANEXOS

EDITORIAL

Meus amigos. Todos os anos, por esta altura, lembramo-nos que é Natal. Somos então acometidos por vários tipos de fervores, que vão desde a corrida em massa às grandes superfícies, comprando tudo o que nos aparece pela frente, como se o mundo fosse acabar no dia seguinte. Para além desta febre consumista, há cada vez mais pessoas que, nesta quadra, se lembram do próximo e do número cada vez maior de situações de carência à nossa volta. Depois, passado o dia de Reis, tudo ou quase tudo se esquece... Aquela lufada de ar quente que durante várias semanas tomou conta de nós parece gelar, recolhendo a um casulo de onde só parece fadada em sair daqui a um ano... Triste constatação!!! Cantou quem sabe que o Natal é quando um homem quiser... Pois é!!! Quem sofre, fá-lo todos os dias. Quem necessita de apoio, idem!!! Dir-se-á: " Há Serviços na comunidade para apoiar quem precisa"!!!! É verdade!!! Mas não chega!!! A nossa contribuição, muitas vezes feitas de pequenas coisas, nomeadamente a nossa presença no dia certo no sítio certo, é fundamental!!! Somos confrontados, cada vez com mais frequência, com situações sociais alarmantes envolvendo a nossa comunidade, famílias dos nossos alunos!!! Vamos ajudar, contribuindo cada um com aquele pequeno quinhão que podemos dispensar. Façam o favor de ser felizes, de terem um Bom 2007, e de se lembrarem de forma activa dos que precisam do nosso apoio.

Um Santo Ano para todos!!!

Boletim Informativo

Associação de Pais e Encarregados de Educação
da Escola Salesiana de Manique Nº10 – Janeiro'07

Jantar de Angariação de Fundos – 26 de Janeiro

Fiel ao espírito solidário dos Salesianos a Direcção da ESM decidiu, em colaboração com a APEEESM, criar um Fundo de Solidariedade para apoiar situações de emergência de algumas famílias e alunos carenciados desta Escola.

Com o objectivo de lançar as bases para este Fundo vai realizar-se, pelas **20h00 de 6ª feira, dia 26 de Janeiro de 2007**, um Jantar de Angariação de Fundos. O jantar terá lugar no Refeitório da ESM e contará com as presenças do Presidente da Câmara Municipal de Cascais, Dr. António d'Orey Capucho, e da Coordenadora Nacional de Campanhas do Banco Alimentar contra a Fome, Drª. Maria João Torres Pereira, que farão breves alocações sobre temas ligados à solidariedade.

O valor de participação no jantar será de 15€ por pessoa, aceitando-se donativos superiores, tendo em vista o fim da receita. Contamos com a vossa generosidade.

As inscrições podem ser efectuadas na Escola até 2ª feira 22 de Janeiro, através da entrega do verbete destacável que será distribuído em Circular específica para o efeito.

Não deixe de participar nesta iniciativa e contribuir para apoiar aqueles que mais necessitam de ajuda nestes tempos tão conturbados da nossa sociedade.

Manhã Recreativa Pais e Filhos – 27 de Janeiro

Vamos organizar a 4ª edição da "Manhã Recreativa Pais e Filhos", no âmbito das comemorações de S. João Bosco. Esta manhã será realizada no dia 27 de Janeiro entre as 10.00 e as 13.00.

As actividades principais serão as seguintes:

* Campeonato Futebol Inter-Famílias – pais, mães, filhas e filhos em jogo. Podem inscrever uma equipa – mínimo 5 elementos. Quem não tiver, não se preocupe, nós arranjamos a equipa!

* Jogo de Pistas "À Descoberta da Escola" – Trata-se de um jogo simples e divertido em que cada equipa equipa/família, no mínimo por 2 pessoas (pais e alunos, mas também os avós, os tios, os primos, etc) vai ter que percorrer o espaço da escola e fazer tarefas divertidas.

* Jogos de matrecos, ténis de mesa e outras actividades.

Haverá um bar aberto, para o que convidamos cada um a contribuir com comida.

As receitas reverterão para a Comissão de Finalistas da Escola. Esperamos a presença e a participação de todos os Pais e Encarregados de Educação e respectivos Filhos e Educandos.

Banco Alimentar

No fim-de-semana de 25 e 26 de Novembro último, decorreu mais uma campanha do Banco Alimentar, a qual, só nos 128 supermercados de Lisboa onde foi efectuada, possibilitou a recolha de cerca 472 toneladas de alimentos, que contribuem para a alimentação diária de mais de 55.500 pessoas comprovadamente carenciadas, quer através da distribuição dos produtos sob a forma de cabazes, quer através de refeições confeccionadas.

Partindo de uma ideia de um grupo de professores e da Associação de Pais, ideia essa que mereceu a aprovação e todo o apoio por parte da Direcção da Escola, conjugada com outros factores externos favoráveis, nomeadamente a existência de um local disponível para a recolha, a Escola Salesiana de Manique teve, pela 1ª vez, uma participação activa em campanhas do Banco Alimentar.

Assim, durante o referido fim-de-semana, no Hipermercado Carrefour de Oeiras, os cerca de 260 voluntários empenharam-se de "alma e coração" na prossecução dos objectivos da campanha tendo sido recolhidas 16,31 toneladas de produtos alimentares.

Pelo que nos foi dado a perceber no decorrer da campanha, os nossos voluntários mostraram sentido de responsabilidade e grande entusiasmo pelo trabalho de voluntariado desenvolvido, o que nos leva a acreditar que iremos contar com todos eles para a próxima campanha do Banco Alimentar.

Para eles e para quem não teve oportunidade de participar, mas que gostaria de o fazer, lembramos que a próxima campanha se realizará no fim-de-semana de 5 e 6 de Maio de 2007.

O trânsito matinal em Manique

Há algum tempo atrás, escrevemos aqui um artigo sobre o trânsito matinal e as patéticas confusões geradas pelas 'operações de descarga' dos nossos filhos na ESM. Voltamos agora a este assunto porque infelizmente pouco se alterou sobre os hábitos de alguns Pais e algumas coisas se alteraram no trânsito dentro da Escola.

Convém lembrar aqui alguns pontos importantes:

- a ESM deve ser das poucas escolas que permite a circulação de viaturas no seu interior
- esta situação decorre das condicionantes na envolvente da Escola que tornariam o trânsito caótico se não fosse possível entrar pela porta poente e sair pela porta norte

• a decisão de permitir a circulação dentro da escola é da sua Direcção; não nos cabendo fazer aqui qualquer juízo sobre essa decisão, é um facto que a Direcção da ESM poderia impedir a circulação de viaturas e deixar o problema do trânsito no exterior para a Câmara de Cascais e para nós Pais

A circulação agora definida, que nos parece lógica, criou uma via lateral de acesso directo ao antigo campo de futebol; aí, de forma mais ou menos ordenada, é possível parar e deixar sair os nossos filhos, ou estacionar e ir tomar um café ao novo bar. Esta solução facilita a circulação e diminui o tempo de acesso à ESM. E como a via central junto aos arbustos é vedada a viaturas, os nossos filhos podem atravessar com cuidado e em segurança.

Mas também tem algumas desvantagens e até alguns perigos. Por um lado obriga-nos a ser civilizados na paragem e no estacionamento, e por outro obriga-nos a ter cuidado com as crianças e jovens que usam o campo para jogar futebol, sobretudo se, em vez de usarmos a diagonal para aceder ao portão de saída, atravessarmos o campo a eito. Claro que o ideal seria termos um acesso próprio a viaturas, mesmo que fosse no exterior da Escola, com um parque de estacionamento ou paragem, etc. Esta hipótese já foi falada e está presente na mente dos responsáveis da Direcção da ESM e da CM Cascais. Mas até que essa solução se concretize, muita água vai passar por baixo das pontes. Assim, e tendo em conta os diversos factores acima expostos, estamos claramente perante um caso do tipo 'do mal o menos'. Se a Direcção da ESM decide proibir a circulação dentro da Escola por razões de segurança, passamos a levantar-nos de madrugada e o trânsito lá fora vai tornar-se ainda mais infernal. Se não temos cuidado com a forma como nos comportamos, arriscamo-nos a atropelar um miúdo ou a ver um dos nossos filhos ser atropelado.

Por isso, vai daqui mais um apelo a que comecemos logo de manhã a dar aos nossos filhos exemplos de verdadeiro civismo e civilidade. Isto implica respeitar as regras da ESM, acatar as instruções dos vigilantes que controlam entradas e saídas, parar em lugar que não afecte terceiros, estacionar ordenadamente e sair ordeiramente. A APEEESM vai entretanto sugerir à Direcção da Escola a criação de uma área vedada para os nossos filhos poderem gastar algumas energias antes e depois das aulas. A bem de todos.

A sua opinião e o seu contributo são importantes.

Venha ter connosco na primeira 4ª Feira útil de cada mês, às 21h00 e todas as 5ªs feiras entre as 8h00 e as 9h00.

Associação de Pais e Encarregados de Educação da Escola Salesiana de Manique

Rua dos Salesianos, Manique, 2645-438 ALCABIDECHE | Tel: 917 484 855 | apeeesm@sapo.pt